

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DAS RELAÇÕES POLÍTICAS**

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

**À SOMBRA DE MONTEIRO LOBATO: RACISMO E EUGENIA NAS TERRAS DO
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO**

**VITÓRIA
2022**

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

**À SOMBRA DE MONTEIRO LOBATO: RACISMO E EUGENIA NAS TERRAS DO
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas, sob a orientação do Prof. Dr. Julio Bentivoglio.

VITÓRIA

2022

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

**À SOMBRA DE MONTEIRO LOBATO: RACISMO E EUGENIA NAS TERRAS DO
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História Social das Relações Políticas, sob a orientação do Prof. Dr. Julio Bentivoglio.

Aprovada em 11 de outubro de 2022

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (Orientador)

Prof^a Dra. Tania Regina de Luca
(Examinadora externa - UNESP)

Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza
(Examinador externo - UNICENTRO PR)

Prof^a Dra. Patrícia Maria da Silva Merlo
(Examinadora interna - Ufes)

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira
(Examinador interno suplente - Ufes)

Prof. Dr. Bruno César Nascimento
(Examinador externo suplente - IHGES)

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R484s Ribeiro dos Santos, Wesley, 1994-
À Sombra de Monteiro Lobato : racismo e eugenia nas terras
do sítio do picapau amarelo / Wesley Ribeiro dos Santos. - 2022.
175 f.

Orientador: Julio César Bentivoglio.
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Monteiro Lobato. 2. Racismo. 3. Eugenia. 4. Biografia. 5.
Literatura. 6. Brasil República. I. César Bentivoglio, Julio. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos cem vezes atrasado; pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu, duas vezes melhor como? Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que tiver mais perto de você, o que tiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda para a vida rapaz.

(Mano Brown)

*Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá:
isto é mentira! Mas, as misérias são reais.*

(Carolina Maria de Jesus)

A todos e todas que nunca desistiram de mim.

AGRADECIMENTOS

Trata-se de uma obviedade dizer que durante uma pesquisa de mestrado ou de doutorado, os resultados finais dependem muito mais do esforço e da dedicação pessoal do pesquisador do que algo de outra natureza. Sabemos, no entanto, que nenhuma pesquisa é feita solitariamente. A presença do orientador durante o exercício da pesquisa, os autores e as autoras que a gente ler, professores, professoras, além dos amigos e das amigas e da nossa própria família, contribuem, cada um ao seu modo, na produção do trabalho final. E aqui, não foi diferente.

Por todas as contribuições intelectuais, orientação e inspiração, agradeço ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Julio Bentivoglio. Muito obrigado por ter me acolhido no Laboratório em Estudos de Teoria da História e História da Historiografia (LETHIS) em 2015, quando, ainda no primeiro ano de graduação, ansiava por conhecer o mundo da pesquisa científica e os dilemas das Teorias da História. Acredito que a relação até aqui construída proporcionou a minha evolução acadêmica e intelectual, pensando o exercício do historiador para além dos arcaísmos historiográficos. Que a parceria, acadêmica e não acadêmica, continue existindo por muitos anos. Muito obrigado!

Por toda a estrutura, base, amor e carinho, agradeço também a minha família pela realização desta pesquisa de mestrado. Poder chegar aonde cheguei é uma vitória que devo muito a Vanusa e ao Mazinho, pessoas importantes na minha vida que me acolheram em suas vidas quando eu tinha somente nove anos de idade, nunca deixando de acreditar e sempre apoiando as minhas decisões de vida e de sonhos. Com o devido pedido de desculpas pelos meus momentos de conflitos e de isolamento, fica aqui registrado os meus agradecimentos por tudo o que vocês fizeram e que ainda continuam fazendo por mim. Gratidão!

Também faço um agradecimento especial ao Weverton Bragança do Amaral, Edjalma Nepomuceno Pina e ao Luiz Fernando Soares Pereira, amigos que a universidade me presenteou. Durante o mestrado estiveram ao meu lado escutando as minhas inquietações envolvendo os avanços e as dificuldades da pesquisa, bem como assuntos sobre política, sonhos e projetos de vida em um contexto de pandemia, negacionismos e fascismo à brasileira. Estendo esses agradecimentos também ao Abner Wotkosky, Hugo Merlo, Taynna Marino, Sávio Liitig, Rusley Biasutti, Thiago Brito, Marcelo Durão, Aline Martins, Lucas Bispo, Talles Raiony, Rhaiane Leal, Leonardo Dallacqua, Filipe Lomba, Bruno Bolfarini, Rafael Monteiro, Brenda

Bernardes e também ao Augusto de Carvalho, que desde o primeiro momento quando me coloquei a disposição para estudar Monteiro Lobato, contribuíram com suas reflexões, indicações de leituras e leituras críticas dos meus textos. Por fim e não menos importante, agradeço ao querido e amigo Bruno César do Nascimento, que sempre confiou na realização e no resultado deste trabalho, demonstrando simpatia e interesse pelo tema da pesquisa. Um abraço em todos vocês!

Agradeço as professoras Dra. Tania Regina de Luca e a Dra. Patrícia Maria da Silva Merlo por terem integrado a banca examinadora de qualificação com a qual contribuíram com elogios, comentários e arguições em favor do crescimento e da qualidade final do trabalho aqui realizado, além, é claro, por aceitarem o convite em fazer parte também da banca de defesa desta dissertação de mestrado. Por último, mas não menos importante, agradeço ao Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza por aceitar o convite em fazer parte da banca de defesa e poder avaliar criticamente esta pesquisa de mestrado. Muito obrigado!

Agradeço ao Prof. Dr. André de Lemos Freixo e a Profa. Dra. Karina Anhezini pelas sugestões e encaminhamentos durante as oficinas de projeto de pesquisa realizadas no I e II Encontro de Pesquisa de Estudos de Teoria da História, respectivamente em 2017 e 2019. Do mesmo modo faço um agradecimento especial aos professores Dr. Vanderlei Sebastião de Souza e Dr. Robert Wegner, que, no ano de 2020, aprovaram a minha participação no curso sobre História e Historiografia da Eugenia realizado remotamente pela Casa de Oswaldo Cruz com o qual pude me inserir nos estudos e nos desafios do tema que muito contribuíram na realização desta pesquisa. Por fim, agradeço também a Professora Dra. Pietra Diwan pelos momentos de diálogo e de troca de experiências, sobretudo pelo seu convite em fazer parte de uma conversa sobre eugenia na literatura lobatiana, bem como o convite em me integrar ao grupo de estudos denominado ANTleugenia & Sociedadade.

Ao Presidente Lula, ao Haddad, à Dilma e ao Partido dos Trabalhadores, agradeço por todas as políticas públicas de incentivo ao ensino superior, de inclusão social e de permanência nas universidades públicas criadas durante os seus governos, sobretudo com as políticas de cotas que colocaram e que ainda colocam para debater de igual para igual o que chamamos de identidade nacional em um país injusto, desigual e racialmente autoritário. Sem consciência histórica e sem política pública, não se faz uma nação justa, tolerante e soberana.

À FAPES, agradeço pelo financiamento público desta pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como proposta analisar o ativismo eugênico do escritor Monteiro Lobato por meio de um romance literário intitulado *O Choque das Raças ou O Presidente negro: um romance americano no ano de 2228*, publicado em 1926 pela Editora Companhia Nacional. Para tal, realizo um debate envolvendo o sentimento de nostalgia e de admiração daqueles que escrevem sobre a vida e a trajetória intelectual de Monteiro Lobato com tendências a narrar histórias carregadas de sentimentos, emoções e paixões que favorecem a construção de um passado lúdico, protagonista, extraordinário e mitológico de tal escritor interditando, assim, questionamentos e uma visão mais crítica de seu passado quando o seu nome envolve raça, racismo e eugenia. Em um segundo momento, discuto a participação de Monteiro Lobato no movimento sanitarista brasileiro como portas que se abriram para conhecer o então eugenista Renato Kehl. No terceiro capítulo, por sua vez, discuto o ano de publicação do romance para fazer entender as pretensões ideológicas e mercadológicas com a publicação do livro e, além disso, faço uma discussão de uma concepção particular de eugenia baseada nos Estados Unidos como uma solução ao dilema racial brasileiro por parte de Monteiro Lobato. Por se tratar de uma fonte literária, mobilizo uma série de autores que discutem a relação entre História e Literatura, ficção e realidade, pois, os livros e os textos, são construídos a partir de ideias, debates, lugares, redes e pensamentos do próprio autor.

Palavras-Chave: Monteiro Lobato. Racismo. Eugenia. Biografia. Literatura.

ABSTRACT

The present master's dissertation proposes to analyze the eugenic activism of the writer Monteiro Lobato through a literary novel entitled *O Choque da Raças or O Presidente Negro: um romance americano no ano de 2228*, published in 1926 by Editora Companhia Nacional. To this end, I carry out a debate involving the feeling of nostalgia and admiration of those who write about the life and intellectual trajectory of Monteiro Lobato with tendencies to narrate stories full of feelings, emotions and passions that favor the construction of a playful past, protagonist, extraordinary and mythological character of such a writer, thus interdicting questions and a more critical view of his past when his name involves race, racism and eugenics. In a second moment, I discuss Monteiro Lobato's participation in the Brazilian sanitary movement as doors that opened to meet the then eugenicist Renato Kehl. In the third chapter, in turn, I discuss the year of publication of the novel in order to understand the ideological and marketing pretensions with the publication of the book and, in addition, I discuss a particular conception of eugenics based in the United States as a solution to the Brazilian racial dilemma by Monteiro Lobato. As it is a literary source, I mobilize a series of authors who discuss the relationship between History and Literature, fiction and reality, since books and texts are built from ideas, debates, places, networks and thoughts of the author himself author.

Keywords: Monteiro Lobato. Racism. Eugenics. Biography. Literature.

Sumário

INTRODUÇÃO - Monteiro Lobato: memória, literatura e racismo verde-amarelo	14
CAPÍTULO I - Monteiro Lobato: ou as sombras da historiografia	37
Monteiro Lobato: o mercado dos ideais e dos escrúpulos.	48
CAPÍTULO II - Monteiro Lobato: sanitarismo e eugenia.....	66
Oswaldo Cruz: ponto de partida e o saneamento urbano	66
É corrente o grito de guerra: saneamento dos sertões!.....	71
O romance: indícios de uma ode à eugenia	88
CAPÍTULO III - Monteiro Lobato: o ano de 1926 e o movimento eugenista	94
Monteiro Lobato: e a construção do romance	105
Monteiro Lobato: e a eugenia como alternativa para o Brasil.....	115
Entre o Real e o Ficcional: Monteiro Lobato eugenista.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
Fontes de Monteiro Lobato:	162
Fontes digitais sobre Monteiro Lobato:.....	162
Obras sobre Monteiro Lobato:	164
Bibliografia Geral:	168

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato: memória, literatura e racismo verde-amarelo

Uma infausta notícia na madrugada do dia 4 de julho de 1948: vítima de um estreitamento e da ruptura das grandes artérias cerebrais que provocam hemorragias e a falta de oxigênio no cérebro, José Bento Monteiro Lobato foi a óbito aos sessenta e seis anos. Uma morte rápida e sem agonia, como bem presenciou e relatou aos jornalistas que estiveram em seu apartamento, Maria Pureza da Natividade de Souza e Castro, esposa de Monteiro Lobato que a conheceu por intermédio de um diretor de uma escola onde havia estudado.¹ Com a morte, suas filhas, Martha e Ruth, além da neta Joyce Campos Kornbluh e do neto Rodrigo Monteiro Lobato, ficavam órfãos de um pai e de um avô². Em virtude de sua popularidade, aqueles que o conheciam, tanto admiradores quanto desafetos, tornavam-se órfãos de um dos maiores e renomados escritores da literatura brasileira e de um dos mais enfáticos e defensores da indústria petroleira no território nacional como um dos possíveis passaportes para a nação marchar em direção a um futuro independente e rico.

Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, região do Vale do Paraíba, São Paulo. Como era filho dos fazendeiros José Bento Monteiro Lobato e de Olympia Augusta Lobato, o jovem Juca, como assim era chamado pela sua família, passou a infância no interior do estado andando a cavalo, comendo fruta na árvore, pescando e caçando com o seu pai.³ Por volta dos onze anos, Juca, ainda jovem, decidiu mudar de nome, preferindo José Bento, cujas iniciais coincidiam com as letras encastoadas em ouro no castão de uma bengala de seu pai, que, naquele tempo, era completamente indispensável à elegância masculina.⁴ Aos sete anos, logo depois de alfabetizado pela sua mãe, abandonou a fazenda e foi estudar em colégios como Kennedy, Americano, Paulista e Colégio São João Evangelista, todos em

¹ SILVEIRA, Joel. Viagem de madrugada para o mundo dos bons. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1948, a. 19, n. 7884, p. 7.

Link:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Monteiro%20Lobato&pagfis=39774>. Acesso em: 15/12/2021.

² Sobre a biografia familiar de Monteiro Lobato, há um livro sobre a relação de Monteiro Lobato com a neta Joyce, intitulado *Juca e Joyce: Memórias da Neta de Monteiro Lobato*, publicado 2007 pela editora Moderna.

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz; LAJOLO, Marisa. **Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019, p. 11.

⁴ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000, p. 12.

Taubaté. Aos treze, optou por sair do interior para ir estudar em São Paulo, mas só conseguiu ser aprovado no exame de admissão ao Instituto Ciências e Letras na segunda tentativa, pois, estranhamente, havia reprovado na primeira e justamente em Língua Portuguesa.

Vindo de uma família de posses e de um avô bastante influente em sua região, nas visitas à casa do velho, ainda cedo, o fascínio e o valor pedagógico pela biblioteca tornaram-se um capítulo muito especial de sua vida cultural e educacional. Os livros, em particular os ilustrados como a *Revista Illustrada* de Ângelo Agostini e o *Novo Mundo* de José Carlos Rodrigues, seduziam-no ainda mais do que a figura do imperador Pedro II, que conheceu como hóspede do avô em uma das últimas viagens imperiais a São Paulo.⁵ Com a possível leitura desses livros, o jovem Monteiro Lobato cruzou o seu caminho com a sátira e o humor político como instrumento linguístico de penetração social,⁶ e, além disso, com as notícias que colocavam os Estados Unidos da América como um exemplo de progresso a ser seguido pelos brasileiros e suas instituições.⁷ Para o jovem Monteiro Lobato, a biblioteca era tremendamente histórica, científica e com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali. Como, por exemplo, livros de Jean-François Champollion, Gaston Maspero e de James Henry Breasted sobre o Egito Antigo, além do *Journal des Voyages et des aventures de terre et de mer* e obras de Pierre Larousse, Élisée Reclus, Cesare Cantú e de Herbert Spencer.⁸

De todos os filósofos, historiadores, biólogos, sociólogos, artistas, escritores e pensadores que Monteiro Lobato consumiu como inspiração durante a vida, o que mais lhe encantou e agraciou os ouvidos e a mente foi Friedrich Nietzsche. Entre cartas, artigos, livros e até mesmo em obras como *O Anticristo* e *O Crepúsculo dos Ídolos* que ele traduziu, Monteiro Lobato nunca escondeu o entusiasmo pelo filósofo alemão, justificando-o como um pólen que possibilitava a germinação de ideias e como uma soda cáustica, que o fez livrar das ilusões e poder insurgir contra as

⁵ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida... *Op. cit.*, p. 13.

⁶ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Centenário do traço**: o humor político de Ângelo Agostini na *Revista Illustrada* (1876-1888). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

⁷ JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Um novo mundo para recomeçar: José Carlos Rodrigues e as várias faces de seu periódico ilustrado (1870-1879). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 480, 2019, p. 161.

⁸ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté (Fazenda), 20 de janeiro de 1904. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Globo, 2010, p. 55.

certezas da vida, e da história. Mais do que isso, a importância de Nietzsche em sua vida se deu pela função desse filósofo em permitir que ele viesse sem sistematização, levado apenas pelas suas intuições e insubmisso a fórmulas e autoridades, como bem disse um dos principais biógrafos de sua vida, Edgard Cavalheiro.⁹

A contar com as cartas que escrevia para suas irmãs e para a avó, outras que endereçava para a sua mãe resenhando os livros que lia, além de cartas para o seu pai informando sobre provas e exames, desde cedo, o jovem e astuto Monteiro Lobato evidenciava um apreço ou até mesmo certa vocação para o exercício da escrita. De tal maneira que, mais tarde, mesmo em pequenos e de aspecto escolar, Monteiro Lobato colaborava em jornais estudantis como *O Patriota* e *A Pátria*, até que funda o seu próprio jornal, o *H₂O*.¹⁰ Não bastasse isso, Marisa Lajolo, estudiosa sobre a vida de Monteiro Lobato, conta que ele participou também do *Grêmio Literário Álvares de Azevedo*, onde, como então faziam os alunos com veleidades intelectuais, declamava poesia, fazia discursos e disputava torneios oratórios.¹¹ Com o passar dos anos e mergulhando cada vez mais no mundo dos livros e conhecendo escritores como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Émile Zola, Herbert George Wells, Júlio Verne e Fiódor Dostoiévski, Monteiro Lobato, junto a uma turma de amigos nos tempos de estudante na Faculdade de Direito de São Paulo, que, como ele, gostava de ler e de escrever, colocava como palavra de ordem o poder da criação literária, discutindo literatura e publicando suas primícias literárias.¹²

O início de sua vida literária nos tempos da faculdade foi marcado por uma série de anedotas, ensaios, crônicas, resenhas, contos amorosos e diversas tentativas em produzir um diário. De assuntos como futebol, charuto, horror por reuniões sociais, bacharelismo, paulistanidade, críticas a república brasileira e tentativas em produzir um romance literário, Monteiro Lobato utilizou pseudônimos como Lobatoyewsky, Yewsky, Hélio Bruma, Vieira da Silva, Guy D'hã e Zebedeu da Silva para grafar o final de suas histórias. Na verdade, em um período no qual existe

⁹ SANTOS, Wesley Ribeiro dos. Monteiro Lobato: um intelectual nietzschiano crítico da tradição? In: SANTOS, Cleber Ferreira dos; Oliveira, Ueber José de. (Org.). **Intelectuais e Ideias políticas**: História, Cultura e Poder. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 58.

¹⁰ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000, p. 15.

¹¹ *Ibidem*, p. 15.

¹² BARBOSA, Alaor. **Um Cenáculo na Paulicéia**: um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. Brasília: Projecto Editorial, 2002, p. 24.

um frescor de mocidade e um talento em formação porque a vida ainda não o machucara, tudo eram flores e sorrisos na vida de Monteiro Lobato, resumindo-a em uma risonha esperança, como disseram a historiadora Marcia Camargos e Edgard Cavalheiro, responsável por organizar a produção literária dele dos tempos estudantis em formação jurídica.¹³

O Cenáculo, denominação para o grupo, foi uma paixão na vida de Monteiro Lobato. Apesar do pouco tempo de sua duração, que não chegou a dois anos, os encontros no Café Guarany ou no Largo do Rosário, deixaram lembranças. Alaor Barbosa, biógrafo de Monteiro Lobato, diz que sua fidelidade aos *cenaculóides* nunca sofreu um arranhão, prestigiava-os e elogiava-os como demonstração de afeto e recurso para dar continuidade a uma honesta e admirável amizade, construída durante a sua juventude.¹⁴ Dos amigos que integraram ao grupo como Lino Moreira, Tito Lívio, Albino Camargo, Candido Negreiros, Ricardo Gonçalves, Arthur e Raul Ramos, o mais significativo deles foi José Godofredo de Moura Rangel, com quem Monteiro Lobato manteve uma rica amizade por mais de quarenta anos, reunindo as correspondências endereçadas à Rangel no livro *A barca de Gleyre*, em 1946.

Por um lado, quem lê tais cartas fica conhecendo aquela turminha de rapazes inteligentes, talentosos, entusiasmados e idealistas, como diz Alaor Barbosa.¹⁵ Por outro, conhece um perfil questionador dos missivistas envolvendo o real valor da literatura e do que faziam, expondo dúvidas e trocando conselhos e notas.¹⁶ São cartas que revelam sonhos, epifanias nietzschianas, projetos e teorias sobre a vida, ambições, concepções de arte, felicidade e literatura. No mais, são cartas que revelam a busca de Monteiro Lobato por um estilo de escrita próprio e a elaboração de um romance literário que fosse original, caracterizado por visão extra-humana que assombraria o homem, desnudando-o.¹⁷

¹³ LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. São Paulo: Globo, 2008, p. 13 e 119.

¹⁴ BARBOSA, Alaor. **Um Cenáculo na Paulicéia**: um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. Brasília: Projecto Editorial, 2002, p. 25.

¹⁵ *Ibidem*, p. 24.

¹⁶ Bedê, Ana Luiza Reis. **Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 26.

¹⁷ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 9 de maio de 1913. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre... Op. cit.**, p. 273.

Dentre as epístolas que compõem *A barca de Gleyre*, há uma que convém mencionar porque está de acordo com o assunto que inicia esta introdução: que é a morte. No dia 15 de novembro de 1904, Monteiro Lobato, então com vinte e dois anos, questiona o seu amigo sobre o futuro, o que lhe guardaria depois de uma incansável vida de escritor e literato, como pode ser visto a seguir:

Mas falemos em coisas profanas. Li o teu último artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancólico barcos saem; e um barco chega, trazendo à proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se há por aí os Ensaios de crítica e história do Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São as ilusões. Que lhes acontecerá?¹⁸

Com os pessimismos, melancolia e soturnidade que cercaram suas cartas endereçadas à Godofredo Rangel, depois da década de vinte, quando o assunto envolvia literatura, pode ser que Monteiro Lobato tenha entendido que a sua barca, assim como a do Gleyre, teria retornado das aventuras de arte pelos mares da vida esfrangalhado, e o navegador, Monteiro Lobato, com claros sinais de cansaço em razão de insucessos e fracassos. Não foi sem motivo que em 28 de novembro de 1928, vinte e quatro anos depois de ter provocado uma reflexão sobre o futuro literário de ambos, Monteiro Lobato fez o seguinte comentário a Rangel:

Quando olho para traz fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser. Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-se visceral e irredutivelmente “homem de letras”. E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser: “Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista”.¹⁹

No entanto, para a maioria do povo brasileiro a trajetória literária de Monteiro Lobato não foi de fracassos, e sim de sucessos com suas histórias infantis. Como escritor de histórias voltadas ao público infanto-juvenil que ensinava as coisas sobre a vida, o mundo, histórias, mitologias e o universo científico, muitos perceberam que Monteiro Lobato exerceu um papel fundamental na formação de um público leitor que

¹⁸ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 15 de novembro de 1904. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. Cit.*, p. 77.

¹⁹ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. New York, 28 de novembro de 1928, *Ibidem*, p. 529.

referendasse o estatuto desse novo gênero que se anunciava, que era a literatura infantil.²⁰ No imaginário popular brasileiro, portanto, Monteiro Lobato tornou-se sinônimo de Emília, Narizinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e da Tia Nastácia, criações literárias que estão presentes no inesquecível Sítio do Picapau Amarelo.

Tendo sido um homem de muitos sonhos e de múltiplas facetas, Monteiro Lobato buscou também mudar a vida e a história dos brasileiros não somente por livros que escrevia ou que editava, mas também pela abertura de estradas e pelas explorações do ferro e do petróleo em solo brasileiro. Monteiro Lobato conversava com governadores, interventores, secretários, ministros e até com Getúlio Vargas dando-lhes sugestões sobre métodos e estratégias a serem adotadas pelo Estado nas prospecções petrolíferas.²¹ Apesar do apoio que obtivera de empresários brasileiros e de alguns estrangeiros, além das proposições das Companhia Petróleos do Brasil, Companhia de Petróleo Nacional, Companhia Matogrossense de Petróleo, Companhia Petróleos do Brasil e a Companhia Petróleo Nacional, o seu empenho, no entanto, rendeu a privação de sua liberdade na Casa de Detenção de São Paulo no dia 18 de março de 1941 ao ser acusado por subversão e desmoralização do Conselho Nacional do Petróleo durante a Ditadura do Estado Novo de Vargas.²²

Após a garantia de sua liberdade por meio de um indulto presidencial no dia 17 de junho de 1941, Monteiro Lobato pouco falou do assunto, mas tornou-se um dos personagens mais importantes da história do petróleo brasileiro, fixando, assim, a memória de um nacionalista e ativista em prol de um novo padrão de vida à altura das necessidades do país, como ele mesmo dizia. Os últimos anos de sua vida, no entanto, não foram tão agradáveis. Ao mesmo tempo em que resistia à perseguição promovida pela ditadura de Getúlio Vargas, Monteiro Lobato se encontrava em uma situação financeira de muita infelicidade devido aos insucessos e as falências de seus empreendimentos econômicos. Muito provavelmente, também, vivia deprimido em

²⁰ DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor**, esse conhecido. UNIVALI: Florianópolis, 2004, p.17.

²¹ CHIARADIA, Katia. Literatura, política, petróleo e escândalos: O escândalo do petróleo. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra Adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 289.

²² Mesmo privado de liberdade por três meses, Monteiro Lobato manteve uma "profusa correspondência com amigos e autoridades, redigindo petições para outros presos e denunciando as torturas ali praticadas. Manteve um diário (inédito), onde anotou observações sobre as visitas que recebeu durante os noventa dias de detenção". JUNIOR, Ovídio Poli. **A Pena e o Cadafalso: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: 2009, p. 117.

razão da perda prematura dos seus dois filhos, Guilherme e Edgard, ambos falecidos por tuberculose em 1938 e em 1943. Apesar do clima de luto e de melancólica, no coração e na memória de uma parcela significativa da população brasileira, Monteiro Lobato havia feito uma trajetória de sucessos e por esse e tantos outros motivos, deveria ser colocado no quadro dos escritores mais importantes da história brasileira como demonstração de reconhecimento e de gratidão às contribuições à literatura e ao pensamento social, econômico e político brasileiro. Assim, logo que o governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, soube daquela infausta notícia, decretou luto oficial por vinte e quatro horas nas repartições públicas e tornou o último dia de Monteiro Lobato na Terra não de tristeza, mas de felicidade.

O governador ainda solicitou a permissão da família para que o corpo de Monteiro Lobato pudesse ser levado às expensas do estado para a Biblioteca Municipal de São Paulo, onde, lá, realizaria um velório aberto ao público e o seu corpo colocado em câmara-ardente. E conseguiu. O seu corpo ficou à disposição das oito horas da manhã do domingo até às quinze horas da tarde de segunda-feira para lágrimas, condolências e despedidas. O velório foi recheado de emoções e de honrarias para um escritor tão desconcertante como foi Monteiro Lobato. As escadarias e as imediações da biblioteca foram tomadas por mais de dez mil pessoas como uma verdadeira consagração popular onde uma multidão parou a cidade de São Paulo para vê-lo pela última vez, ou, até mesmo, pela primeira vez. O seu corpo, por fim, foi levado em cortejo até o histórico e emblemático Cemitério da Consolação, onde estão enterradas diversas personalidades como Luiz Gama, Caio Prado Júnior, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Júlio Mesquita, entre outros.

O fim de sua vida invadiu a imprensa brasileira com reportagens e notícias que escancaravam o clima de idolatria e de admiração por Monteiro Lobato. Inclusive, saliento que o início desta introdução se trata de uma releitura e uma visão geral do que esses periódicos como o *Correio Paulistano*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*²³, por exemplo, noticiavam. O que se vê são textos e notícias que demonstram fascínio, orgulho e respeito pelo escritor paulista. À exemplo disso, o Deputado Federal pela Bahia, Aliomar Baleeiro, publicou uma coluna elogiando a personalidade financista de Monteiro Lobato como

²³ Que podem ser consultadas e encontradas na Hemeroteca Digital.

sua inspiração política,²⁴ e o pediatra Odilon de Andrade Filho, em sua coluna, comentou que Monteiro Lobato foi o único a compreender a alma das crianças e dar-lhes, com suas histórias, aquilo que elas desejavam.²⁵ O pediatra estava certo. Monteiro Lobato publicou dezenas de histórias infantis e manteve, inclusive, uma relação de amizade com diversas crianças através de cartas ao ponto de dedicar uma de suas obras aos seus leitores infantis, como gesto de afeto e gratidão.²⁶ Pensando assim, uma geração de crianças também ficava sem o seu fiel amigo, órfão do seu principal contador de histórias.

Dentre tantas e diferentes reportagens que sacudiram a imprensa brasileira sobre o falecimento de Monteiro Lobato, cito, abaixo, um trecho que elucida o clima de idolatria e de comoção popular em virtude da perda de um dos seus maiores escritores, como pode ver a seguir:

Abriam o cortejo as bandeiras nacional e paulista, a meio pau, envoltas em crepe. Viam-se depois os estandartes do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, seguindo-se, conduzidos por populares, inúmeros cartazes e dísticos alusivos à ação patriótica do grande escritor, mormente na luta pelo petróleo nacional. Entre esses liam-se os seguintes: - "Glória eterna ao maior escritor brasileiro"; "Lobato viverá na luta pelo petróleo nacional"; homenagens da Comissão Universitária de Defesa do Petróleo e do Centro Paulista de Defesa de Petróleo, etc. Todo o comércio da rua da Consolação, num gesto espontâneo, cerrou suas portas em homenagem a Monteiro Lobato. Também a Rádio América, quando o cortejo passou pela sua sede, rendeu comovido preito ao criador do Jeca Tatu. Acompanhando o ferreiro, ao lado das altas autoridades e do povo, viam-se figuras as mais representativas das letras paulistas, a juventude das escolas e inúmeras senhoras e crianças. Cerca das 16 horas, era atingida a necrópole da Consolação, onde outra multidão aguardava os despojos do grande escritor brasileiro.²⁷

Talvez, naquele momento de consagração, sua morte o coroou como o grande nome da literatura infantil um gigante da cultura brasileira. A validação disso foi com a imensa quantidade de pessoas que estavam, e com aqueles que se colocaram à

²⁴ BALEEIRO, Aliomar. Monteiro Lobato, financista. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1948, a. 19, n. 7888, p. 4.

Link:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Monteiro%20Lobato&pagfis=39859>. Acesso em: 16/12/2021.

²⁵ FILHO, Dr. Odilon de Andrade. Literatura Infantil. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1948, a. 19, n. 7893, p. 24.

Link:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Monteiro%20Lobato&pagfis=39961>. Acesso em: 16/12/2021.

²⁶ DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor**, esse conhecido. UNIVALI: Florianópolis, 2004, p.169.

²⁷ **Correio Paulistano**. O Passatempo de Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28298, p. 2, 6 jul. 1948. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

disposição à escrita para louvarem-no como um autêntico paulista criador da literatura infantil e um nacionalista que lutou por uma causa nacional. Assim, coube a uma futura geração de escritores, educadores e literatos não deixar arrefecer a sua memória de um escritor visionário, idealista, combativo, inquieto e nacionalista. Coube, portanto, estabelecerem os usos da vida, da obra e das memórias individuais sobre Monteiro Lobato para, assim, enquadrarem uma outra memória que opere, coletivamente, os acontecimentos e as interpretações do seu passado e a integração de sentimentos de pertencimento e fronteiras entre coletividades de tamanhos diferentes.²⁸ Nesse sentido, a construção de monumentos como a sua estátua acompanhada da de Emília e o museu que leva o seu nome e possui um acervo de livros, mobiliário e objetos pessoais em Taubaté, além de diversas bibliotecas pelo país afora que também levam o seu nome, cumprem a função social de guardar e solidificar a memória em pedras.²⁹

Afinal, como bem alertou o senador Aloysio de Carvalho Filho, mesmo com a morte, Monteiro Lobato viveria e reviveria nas mãos de dezenas de escritores brasileiros.³⁰ Ele estava certo, Monteiro Lobato continuou vivo, e muito. Após o sepultamento, homenagens à memória de Monteiro Lobato se alastraram por diversos anos. Seja em feiras literárias, colunas em periódicos, sessões solenes, universidades e entre educadores, houve a construção de uma memória que o colocaram como um escritor e nacionalista inigualável, infatigável e influente na sociedade brasileira. De Francisco Pereira Passos,³¹ Dinah Silva de Queiroz,³²

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 7.

²⁹ *Ibidem*, p. 9.

³⁰ FILHO, Aloysio de Carvalho. Monteiro Lobato. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1948, Ed. 07893, p. 25, 18 jul. 1948.. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16/12/2021.

³¹ Durante a Semana Monteiro Lobato realizada em Taubaté em 1953, o ex-prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, comentou que Monteiro Lobato era o maior filho de Taubaté e indubitavelmente o maior estilista da língua vernácula do Brasil Contemporâneo. PASSOS, Pereira. Meu Depoimento Sobre Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: Pensamento e Arte, São Paulo, Ed. 00049, p. 7, 26 abr. 1953. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

³² A escritora brasileira escreveu uma homenagem à Monteiro Lobato afirmando-o ser mais forte que a morte. Mesmo assim, ela salientou que quando um grande morre, nele querem ter a oportunidade todos os insignificantes a busca por um momento tomando de assalto para si um pouco da luz de glória de quem morreu. Cada qual, segundo a escritora, quer deixar a frase mais bonita, e se erguer sob o clarão, como em um palco. QUEIROZ, Dinorah Silveira de. Café da manhã - Mais forte que a morte. **A Manhã**: Rio de Janeiro, Ed. 02119, p. 4, 7 jul. 1948. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

Francisco Pati,³³ Francisco de Assis Cintra,³⁴ Benjamin Seibel³⁵ e a tantos outros escritores, políticos e acadêmicos, defender à memória e o legado de Monteiro Lobato tornaram-se corriqueiros depois de sua morte. À título de ilustração, Rubem Franca, escritor e historiador pernambucano, não poupou elogios ao escritor paulista considerando-o um homem de ação que se nutriu o espírito brasileiro escrevendo incansavelmente para gente grande e pequena, apesar, segundo ele, de ter sido sabotado, perseguido e encarcerado. Mesmo assinalou que a alma de Monteiro Lobato não morreu, por que ele

continua viva e palpitante, não apenas nos 30 volumes que você deixou (de contos incomparáveis, e de literatura infantil – que nos deleitam e nos ensinam até a nós, gente grande), mas também nas traduções você fez, na indústria do livro que você impulsionou, na língua brasileira que você enriqueceu e valorizou mais, nas campanhas, enfim, de emancipação econômica e cultural que você, heroicamente, empreendeu. Homens como você, José Bento Monteiro Lobato, não morre.³⁶

Um outro exemplo é Anísio Teixeira, educador e amigo de Monteiro Lobato. Na ocasião, Anísio Teixeira, na Câmara Municipal de Taubaté durante a VII Semana Monteiro Lobato em 1959, onze anos depois de sua morte, resgatou a biografia e a trajetória de intelectual Monteiro Lobato, como pode ser visto a seguir:

Monteiro Lobato parece-me, neste sentido, o homem mais significativo que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, no Brasil e que se estende até 1950 (...) A fazenda constitui a primeira oportunidade de não ver o Brasil como simples espetáculo e sim como um drama em que participa e de que também é ator (...) É o Brasil que passa a ser a sua própria vida: literatura, arte, fama, trabalho, riqueza, tudo para ele passa ser o Brasil (...) Tenho para mim que tudo isso era Lobato à procura do seu país, à procura do seu povo (...) A

³³ Em sua homenagem, Francisco Pati destacou que a glória de Monteiro Lobato foi ter mostrado ao estrangeiro que o Brasil tinha, nos domínios da literatura, especialmente da literatura infantil, o regime de autossuficiência; que depois do Sítio do Picapau Amarelo, não havia mais razão para a leitura de contos estrangeiros no Brasil, só se quisessem. PATI, Francisco. Rótulo Estrangeiro. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28311, p. 4, 21 jul. 1948. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

³⁴ Dentre elogios e agradecimentos, Francisco de Assis Cintra comentou em sua coluna que ao comparecer no velório de Monteiro Lobato, repetiu a mesma frase do professor Jean Lalemond diante do inanimado corpo de Víctor Hugo, dizendo: “Foi um idealista, um lutador, glorioso em sua vida, imortal nos livros”. CINTRA, Francisco de Assis. Como Conheci Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28311, p. 4, 21 jul. 1948. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

³⁵ Em sua homenagem, destacou que quem fala de petróleo nacional, lembra-se logo de Monteiro Lobato, visto por ele como o pioneiro nesse combate que lhe valeu prisão e exílio, além de uma campanha de ridículo e descredito levada contra ele por maus patriotas. Por fim, afirmou que mesmo morto, Monteiro Lobato extinguiu-se em fogo, mas que venham outros campeões que não deixem que se apague a chama. SEIBEL, Benjamin. Monteiro Lobato. **Nossa Voz**: São Paulo, Ed. 00067, p. 10, 08 jul. 1948. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

³⁶ **FRANCA, Rubens**. Camões nas cartas de Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: Pensamento e Arte, São Paulo, Ed. 00151, p. 14, 24 abr. 1955. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08/05/2022.

Primeira Guerra Mundial deveria encerrar o ciclo da subordinação total da nação ao estrangeiro (...) Lobato é o primeiro escritor da fase de plena tomada de consciência do país (...) Colonizar o Brasil não com italianos, mas com brasileiros. Reponta-lhe a necessidade de redimir o brasileiro (...) O desastre completo traduz-se no Jeca Tatú, primeiro mergulho profundo na triste realidade nacional (...) O problema brasileiro começa a brotar dentro dele. Funda uma empresa tipográfica e uma editora.

Do ontem aos dias atuais, exaltações como essas são visíveis por meio de testemunhos, biografias, coletâneas, mausoléu, documentários, entrevistas, exposições, espetáculos, cerimônias, clubes literários, ruas, rodovias, avenidas, praças, parques, câmaras municipais, pousadas, praças, escolas e de prêmios literários que levam o seu nome. São, nesse sentido, usos de sua vida e de sua história para produzir uma memória positiva, embalando-o como um ícone da cultura brasileira, e conseguiram. Afinal, o interesse pela memória positiva à Monteiro Lobato faz parte de um jogo de impedir o seu próprio esquecimento a partir de um falso consenso nacional, privilegiando momentos de sua vida e comemorações cujas funções são a de poder reviver de forma coletiva a memória de um escritor considerado fundador da literatura infantil e da indústria do livro no território nacional, sacralizando-o, portanto, como um sujeito de grandes ideais e valores.³⁷

Pensando assim, é provável que toda essa idolatria ao seu nome e a sua obra contou - e ainda conta - com a ajuda de diversos setores da sociedade como editoras, secretarias de cultura e de educação, escritores, biógrafos patrocinados ou não por instituições públicas a fixarem entre os brasileiros uma determinada memória afetiva e elogiosa quando o assunto envolve livros, literatura infantil e também petróleo. A continuação de uma idolatria à Monteiro Lobato não depende somente de sua qualidade artística, mas dos usos sociais da memória e do próprio campo literário que, estruturado no seio do campo do poder como um espaço de regras e de relação de forças, proteção, hierarquias e onde existe uma dinâmica intencional de produção cultural e reconhecimento social, se organiza, portanto, em direção a satisfação das expectativas de um grande público condicionando preferências e dominâncias dentro de uma lógica produtiva no qual se predomina o poder, ou melhor, o capital.³⁸

³⁷ SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, no 44, pp. 425-438 2002, p. 432.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 141 e 245.

A literatura, nesse sentido, funciona como um espaço simbólico e financeiro que atua na vida social lutando por legitimação social e por um mercado literário que se organiza por meio da atuação de instituições literárias propiciadoras a uma construção de um perfil da obra, como pura ou comercial, indicando que as condições do mercado fazem o escritor e sua criação.³⁹ Nesse caso, o brilho de um escritor como Monteiro Lobato necessita também dos artistas da memória, dos espaços e ações de produções de hegemonia por aqueles que detém o capital e o discurso legitimador. A hegemonia, aqui compreendida como conjunto de práticas e expectativas que envolve os nossos sentidos, o nosso mundo e a percepção de nós mesmos e que ainda constitui um senso de realidade para a maioria das pessoas na sociedade,⁴⁰ garante a sobrevivência cultural de um escritor e de sua literatura através de convenções autodefinidoras de significação e relevância social e de forças produtivas que naturalizam uma espécie de grandeza nacional por parte de um literato como, nesse caso, de Monteiro Lobato.⁴¹

Nem sempre o encanto por um autor ou por uma literatura pode vir a ser unicamente uma causa natural, ou simplesmente uma preferência instintiva, como disse o escritor George Orwell. O gosto e a pertinência por um escritor podem ser resultados da relação entre capitalismo e literatura, que além de envolverem redes e controles de acesso, privilégios, difusão e monopólio da informação, manifestam e consolidam ideologias, valores e ideias de uma classe dominante que afetam a vida intelectual, política e social de uma população. Sendo essa uma das possíveis explicações a idolatria ao seu nome a sua obra como resultado dos usos da memória, os partidários à obra de Monteiro Lobato estão inseridos – conscientes ou inconscientes – em uma dinâmica multifacetada de produção cultural organizada e reinventada constantemente como forças produtivas de hegemonia simbólica ao decidir o que lemos, o que compramos e o que gostamos.

Por esse e tantos outros motivos, a devoção ou até mesmo um sentimento quase religioso a Monteiro Lobato deve-se a indústria cultural que infiltra no imaginário coletivo a ideia de que existem somente qualidades em sua literatura e de

³⁹ AGUIAR, Vera Teixeira de. Pierre Bourdieu e as regras do campo literário. **Veritas**, Porto Alegre v. 41 n^o162, 1996, p. 239

⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 114.

⁴¹ *Ibidem*, p. 174.

que a sua trajetória intelectual foi puramente deleitosa, como, para lembrar Carlos Drummond de Andrade, uma espécie de herói civil da literatura. Isso implica em diversos tipos de controle sobre a memória de Monteiro Lobato, apoderando-se, inclusive, da política, dos estudos literários, do mercado editorial e de tantos outros espaços e momentos como o exercício da biografia para dar sustento a uma história de vida esplêndida e extranatural. Contudo, muito além das invenções da indústria cultural, Monteiro Lobato foi um escritor bastante controverso, polêmico e com muitas ranhuras em sua história de vida até então ocultas e silenciadas tanto pelo mercado editorial e espaços de controle da comunicação quanto por aqueles que evitam criticá-lo, sobretudo quando envolvem racismo e eugenia em seus livros, que são questões importantes e centrais neste trabalho.

Como veremos no terceiro capítulo desta dissertação, o papel de Monteiro Lobato enquanto autor-criador de *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* foi o de dá forma ao conteúdo e compor o objeto estético não registrando passivamente os eventos da vida, mas a partir de uma certa posição axiológica de uma realidade vivida e valorada que os recorta e reorganiza-os esteticamente.⁴² Ao buscar entender, portanto, mais as particularidades de sua biografia envolvendo sua origem, família, livros editados e publicados em suas editoras e ao avaliar com quem Monteiro Lobato manteve diálogos, vínculos intelectuais, experiências vividas e sonhos em comuns, acredito que *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* está intrinsecamente associado ao agenciamento eugenista e ao resultado de um esforço em solucionar a questão racial brasileira entranhando-se pelo discurso eugênico utilizado como um instrumento fundamental para

intervir no processo de evolução humana, impedindo a degeneração racial e, ao mesmo tempo, apressando o seu melhoramento físico e mental sustentada pelas teorias da hereditariedade, a eugenia rapidamente foi acionada as discussões sobre miscigenação racial, políticas de imigração, educação sexual, controle matrimonial e reprodução humana. Em vários países do mundo, intelectuais, cientistas e autoridades públicas envolvidas com o tema da raça e das populações se apropriaram das ideias eugênicas de modo bastante diverso, adaptando seus projetos de aperfeiçoamento biológico humano de acordo com a realidade racial e as ideologias vigentes nos diferentes contextos nacionais.⁴³

⁴² FARACO, Calor Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 39.

⁴³ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em Busca do Brasil**: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017, p. 357.

Monteiro Lobato compartilhava e compactuava com as teorias raciais que circulavam entre os intelectuais, médicos e políticos brasileiros desde 1870, quando, na ocasião, essas teorias representavam um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumpriam um papel fundamental para pensar a constituição de um povo brasileiro.⁴⁴ Desde a tese vitoriosa (leia-se o discurso legitimador de poder das classes dominantes) em um concurso promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de Karl Friedrich Philippe von Martius de como se deve escrever a história do Brasil, o eixo de análise para pensar a formação do povo brasileiro foi o racial. Nas palavras de von Martius, “do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular”.⁴⁵ No entanto, Martius defendia a superioridade dos brancos europeus em detrimento dos negros e indígenas; acreditava que a miscigenação constituiria uma população mestiça, mas com a raça branca sendo superior moral e fisicamente as outras duas.

Uma vez findada a escravidão que funcionou como pilar principal de sustentação durante o Brasil Império, os negros foram objetificados pelas elites ao perguntarem qual lugar eles deveriam ocupar em um contexto de disputa pela formação de um povo brasileiro. Intelectuais dos mais diversos segmentos sociais propuseram soluções como a miscigenação com o propósito de embranquecer a população negra ou, de modo ainda mais extremista, propor a sua eliminação física como defenderam Monteiro Lobato e o principal articulador do movimento eugenista brasileiro, Renato Kehl. Diferente, no entanto, de algumas análises que afirmam existir certo protagonismo negro em sua literatura, a figura do negro, na vida real, não era vista como algo positivo, pelo contrário, em carta enviada a Godofredo Rangel, Monteiro Lobato colocou o negro como o causador dos problemas nacionais:

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má - formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando o e liquefazendo-o, dando

⁴⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 19.

⁴⁵ MARTIUS, Karl Friedrich von. Como se deve escrever a história do Brasil. IN: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (ORG). **Livro de Fontes da historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 63-64.

aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E vão apinhados como sardinhas e há um desastre por dia, metade não tem braço ou não tem perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara. “Que foi?” “Desastre na Central” Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!⁴⁶

Se a questão racial era vista como um elemento central para a compreensão dos destinos da nação e a miscigenação racial passou a ser temida por muitos intelectuais como Raimundo Nina Rodrigues, Paulo Prado e Oliveira Vianna de que ela era responsável pela desarmonia antropológica da população brasileira, pulularam uma série de possibilidades para resolver tal questão ancorada em um tipo particular de ciência que reconhecia diferenças e determinava inferioridades raciais por teorias como o evolucionismo social, positivismo, naturalismo e o social-darwinismo como contrapontos aos legados metropolitanos e à origem colonial.⁴⁷ Monteiro Lobato, nesse caso, contribuiu ao debate sobre miscigenação ancorado nas reflexões de Renato Kehl e na eugenia difundida nos Estados Unidos utilizando a literatura como instrumento político de propaganda eugênica, sendo contrário, portanto, da miscigenação ser um caminho para o tão almejado processo de branqueamento do país, uma vez que os seus defensores acreditavam na força da seleção natural e na predominância do elemento europeu sobre o negro ou o nativo brasileiro.⁴⁸

A construção do sentimento de superioridade racial em Monteiro Lobato pode ser respondida pelo próprio Monteiro Lobato quando confessou que teóricos como Gustave Le Bon, Arthur de Gobineau, Auguste Comte e Herbert Spencer foram significativamente importantes em sua formação intelectual.⁴⁹ São teóricos que ao fim e ao cabo analisaram a sociedade em que vivia por meio do darwinismo social, ou melhor, de que sobreviverão os mais fortes e os fracos, naturalmente, desaparecerão. Além dos teóricos, Monteiro Lobato simpatizava também pelas contribuições de Hippolyte Taine, Thomas Carlyle, Oliveira Vianna, Friedrich Ratzel e Friedrich Nietzsche. Cada um ao seu modo, colaboraram na interpretação de

⁴⁶ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 15 de novembro de 1904. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. Cit.*, p. 133.

⁴⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças...** *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁸ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em Busca do Brasil:** Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)... *Op. cit.*, p. 263.

⁴⁹ LOBATO, Monteiro. Confissões Ingênuas. In: LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas.** São Paulo: Globo, 2010, p. 168.

Monteiro Lobato de que o meio e a raça, por exemplo, determinavam biológica e geograficamente a formação dos povos, influenciando o curso da realidade social. O discurso eugênico, portanto, era uma possibilidade de acelerar esse processo ao, dentre várias correntes da eugenia, eliminar por meio de práticas de esterilização pessoas com transtornos mentais, deficientes físicos, alcoólatras, tuberculosos e todas aquelas pessoas que podem, negativamente, afetar a gestação da prole. Por isso, é bem provável que esses autores estejam presentes em muitos dos livros escritos e publicados por Monteiro Lobato, inclusive os infantis, explícita ou implicitamente.

Por esse motivo, penso que a partir do que Monteiro Lobato leu e com quem manteve uma relação de profundo diálogo, visões de mundo, concepções sobre a constituição da população brasileira e ambições intelectuais, o seu racismo ultrapasse as entrelinhas de suas obras, não se resumindo a um amontoado de poucas frases literárias como muitos imaginam. Pelo contrário, existiu todo um ativismo e um compromisso político de Monteiro Lobato em pensar qual deveria ser o lugar, o papel e o futuro dos negros recém libertos das algemas e das grades da escravidão. Em vez de defender políticas públicas como moradias, saúde, educação e trabalho como formas de incluírem-no no exercício da cidadania, defendeu, pelo contrário, a exclusão desses povos como possibilidade de constituir uma identidade biológica capaz de fazer de os brasileiros seres humanos melhores em decorrência de uma boa hereditariedade.

As discussões que envolvem o racismo lobatiano precisam considerar também o papel que os não brancos cumprem em sua literatura. É muito provável que Monteiro Lobato pudesse reproduzir a ideia do branco como um ser universal, podendo inferiorizar os negros em suas cartas e também em sua literatura por simplesmente ser branco e pertencer a um dos quadros da elite rural brasileira. Defendo que Monteiro Lobato faz parte da branquitude acrítica, aquela que “sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos”.⁵⁰ Nesse sentido, pode-se compreender porque Monteiro Lobato é tratado como vítima e defendido maciçamente por boa parte das grandes editoras,

⁵⁰ CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A superioridade racial e o branco anti-racista. *Revista latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventude* / Universidad de Manizales, Colômbia, 2002, p. 611.

instituições e pela imprensa, mas não pelos grupos sociais que ele inferioriza ou subalterniza em sua literatura. Isso fazia parte do jogo de uma grande parcela daquela sociedade branca que tornava pouco ou quase invisível as vozes, o protagonismo e as lutas do povo negro, sobretudo quando se insurgiam contra o racismo e a discriminação social.

Marisa Lajolo, que como vimos é uma das principais referências em estudos sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato no Brasil, fez esse tipo de análise. Em sua pesquisa, compreende que discutir a representação do negro na obra de Monteiro Lobato contribui não só para um conhecimento maior de Lobato, como pode renovar os olhares com que espreitam os sempre delicados laços que vinculam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política, os quais tentam dar conta e reconhecer tais indícios, nas páginas literárias, ficam entre seu aquém e seu além.⁵¹ Apesar de sua proposta um tanto quanto pedagógica, Marisa Lajolo opta por uma singela defesa e proteção de Monteiro Lobato ao relativizar os estereótipos e a subalternidade dos negros em sua obra, quando, afirma, que a representação do negro não tem soluções muito diferentes do encaminhamento que a questão encontra na produção de boa parte da intelectualidade brasileira, e não só contemporânea a Lobato. Já em relação ao *Choque das raças ou o Presidente negro*, fonte desta dissertação, Marisa Lajolo afirma que

Pode-se, assim, ler em *O presidente negro* uma grande metáfora das consequências da desculturação de um grupo étnico e, simultaneamente, o grau de solidariedade entre ciência, arte, tecnologia e comunicação, tal como são praticados nas instâncias centrais e que só encontram seu sentido último nas lutas que pelo poder se travam no corpo social e: comunicação, tecnologia, arte e ciência, no caso, serviram para a população branca exterminar a população negra.⁵²

Por outro lado, Jaqueline Silva Miranda comenta que

As produções de Monteiro Lobato nos aproximam e muito do período imediatamente pós-abolição, tanto na figura de Tia Nastácia, quanto na dos demais personagens negros presentes em seus enredos. São personagens libertos fisicamente, mas ideologicamente aprisionados. Sim, o escritor reflete, em muitos aspectos, a sociedade da qual faz parte. Esta afirmação, no entanto, não nos obriga a concordar integralmente com suas produções sob a justificativa de que retratam o momento histórico de suas criações.

⁵¹ LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 04, n. 23, 1998, p. 21.

⁵² LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença Pedagógica...** *Op. cit.*, p, 28.

Caso assim fosse, não existiria o antagonismo de alguns literatos contemporâneos ao autor.⁵³

Muitas são as entrevistas, comentários e textos não só de Marisa Lajolo, mas também de outros autores que blindam o racismo subjacente a Monteiro Lobato, identificando-o como um homem do seu tempo, controverso e, como um sujeito paradoxal. Dentre vários nomes como João Luís Ceccantini, Pedro Bandeira e Cilza Bignotto, destaco um artigo produzido a quatro mãos por Marília Garcia Boldorini e Taíza Mara Rauen Moraes e um texto escrito por Aluizio Alves Filho. O primeiro faz uma pergunta logo em seu título se Monteiro Lobato era racista ou um retratista de seu tempo? As autoras defendem que a obra de Monteiro Lobato precisa, antes de mais nada, ser lida dentro do seu contexto histórico e que o mesmo sempre se preocupou com as mazelas do seu país, bem como sofreu com as dificuldades do povo. Trata-se, no entanto, de um disparate ancorado na própria interpretação de Marisa Lajolo para defender um certo protagonismo literário de Monteiro Lobato ao afirmar que

Não se pode esquecer que os livros no centro da polêmica foram escritos por um autor que viveu durante seis anos o período da escravidão no Brasil e que foi influenciado pelas correntes ideológicas da época, como a teoria da evolução das espécies e também a eugenia (Lobato foi contemporâneo a Adolf Hitler, à Segunda Guerra Mundial e ao nazismo). É impossível negar a cultura daquela época. Boa ou má, ela faz parte da história do Brasil. De qualquer forma, considera-se fundamental que as crianças de hoje conheçam nossa história e se posicionem de maneira crítica diante dela, a fim de que não sejam repetidos os erros do passado.⁵⁴

Ora, se devemos perdoar o racismo de Monteiro Lobato por ele ter vivido durante seis anos o período da escravidão no Brasil e por ter sido influenciado pelas teorias raciais, todos que viviam naquele contexto deveriam, então, ter produzido obras discriminando a população negra e propondo sua esterilização? Trata-se de uma análise mal fundamentada e antiética ao desconsiderarem o protagonismo negro durante a abolição da escravatura e na própria Primeira República. Já Aluizio Alves Filho, professor do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), afirma que quem acusa o escritor paulista de ter sido racista deve-se às leituras de afogadilho de suas obras,

⁵³ MIRANDA, Jaqueline Silva. **Monteiro Lobato e o Racismo Literário** – Impressões caricatas do negro em obras infantis. Salvador: Edição Independente, 2020, p. 89.

⁵⁴ BOLDORINI, M. G.; MORAES, T. M. R. Monteiro Lobato: racista ou retratista de seu tempo? **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 05, n. 01, p. 195-216, jan./jun. 2016, p. 213.

ou seja, feito às pressas e por motivações conjunturais. Em suas palavras, independente dos caminhos que comprovam o racismo de Monteiro Lobato,

É fundamental ainda observar que mesmo que Lobato tivesse sido membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e com larga militância nela, isto estaria longe de poder ser dado como evidência, como prova de tratar-se de um racista empedernido. Quem se baseia em tal argumento para classificar Lobato de forma tão pejorativa não tem nenhuma ideia, nem procurou ter, sobre os propósitos que nortearam a ação da sociedade eugênica fundada por Kehl em 1918 e encerrada no mesmo ano.⁵⁵

O autor questiona as cartas que comprovam a participação de Monteiro Lobato na Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918 por Renato Kehl e Arnaldo Vieira de Carvalho. A tempo, a eugenia surge dentro de um contexto no qual a atividade política torna-se uma ação de governo sobre a vida biológica dos indivíduos de uma espécie humana como uma tecnologia de poder “que se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc”.⁵⁶ A eugenia, portanto, surge como um esforço médico e científico de buscar o aprimoramento de uma espécie, tornando-a livre de vícios, deficiências e de problemas hereditários. Criado por Francis Galton, primo de Charles Darwin, na Inglaterra, a eugenia conquistou espaços e vozes pelo mundo, principalmente nos Estados Unidos da América. No Brasil, apesar dos trabalhos pioneiros de Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho, a eugenia conquistou mais espaço no debate público e atraiu Monteiro Lobato para o movimento por meio do médico Renato Ferraz Kehl, visto por muitos como o pai e articulador da eugenia no Brasil.⁵⁷ Em resumo:

As discussões e as ideias divulgadas pelos eugenistas da Sociedade Eugênica consistiam numa grande variedade de assuntos: saneamento, higiene, educação física, hereditariedade, raça, imigração, discussões sobre os males causados por doenças e “vícios sociais”, controle matrimonial e o exame médico pré-nupcial. No entanto, o que mais mobilizou seus membros associados, sendo inclusive acompanhados com curiosidade pela imprensa paulista, foram os debates sobre matrimônio e consanguinidade. Para os eugenistas, tendo em vista a maior possibilidade

⁵⁵ FILHO, Aluizio Alves. O Racismo em Monteiro Lobato, segundo leituras de afogadilho. **Passagens**. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 8, no.2, maio-agosto, 2016, p. 364-365.

⁵⁶ FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** - Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 289.

⁵⁷ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019; GOÉS, Weber Lopes. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl**. São Paulo: Líber Ars, 2018.

de transmissão de doenças hereditárias, mas também devido aos valores morais que acionava, a consanguinidade era considerada inconcebível à luz das orientações eugênicas.⁵⁸

Do ponto de vista empírico, faz sentido o questionamento do autor de que um único documento não garante a participação e a concordância de Monteiro Lobato com os pressupostos eugenistas defendidos por Renato Kehl e pela Sociedade Eugênica de São Paulo, como mencionado anteriormente. Para, de fato, revelar se Monteiro Lobato foi um intelectual não só simpatizante, mas ativista do movimento eugenista, faz-se necessário analisar e divulgar o campo e a rede intelectual nas quais Monteiro Lobato esteve presente para fazer entender que o seu livro foi uma ode à eugenia e um artifício, por meio da literatura, para resolver o tal problema étnico-racial brasileiro. Ou seja, o que Monteiro Lobato quis dizer em seu livro eugenista? Sua admiração por intelectuais, escritores e pensadores que interpretavam a presença dos negros como entraves para a constituição de uma nação republicana, nos permitem entender que o mesmo tinha a devida noção do que estava fazendo, escrevendo e defendendo. Em carta enviada ao próprio Renato Kehl em 1930, enquanto exercia os serviços diplomáticos nos Estados Unidos da América como Adido Comercial, Monteiro Lobato faz alguns comentários sobre um livro de Renato Kehl e comenta:

Prevejo que esse livro vai meter ciência em muitos lares, despertando curiosidade para uma série de medidas higiênicas e eugênicas que sem ele nunca seriam lembradas. É um processo indireto de fazer eugenia e tenho comigo que os processos indiretos, no Brasil, “work” muito mais eficientemente que os diretos.⁵⁹

Diante disso, não teria sido o *Choque das Raças ou O Presidente negro* uma ferramenta indireta para defender a eugenia no Brasil? Trata-se de um livro publicado em 1926 com o qual Monteiro Lobato escreveu com ambições de publicá-lo nos Estados Unidos, lugar onde a eugenia conquistou notoriedade nas escolas agrícolas, instituições e leis.⁶⁰ Além disso, o conteúdo do livro discute se a

⁵⁸ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2008, p. 152.

⁵⁹ Correspondência de Monteiro Lobato ao Renato Kehl. São Paulo, 1930. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

⁶⁰ KIMMELMAN, Barbara. “The American Breeders’ Association: Genetics and Eugenics in an Agricultural Context, 1903-1913”, **Social Studies of Science**, Vol. 13, N. 163, 1983; KEVLES, Daniel. **In the name of Eugenics: genetics and the uses of Human Heredity**. 4.ed. Cambridge, London: Harvard University Press, 2004.

miscigenação pode ser ou não benéfica aos brasileiros ao comparar com o conflito racial brasileiro com o dos Estados Unidos; aborda críticas a urbanização e a falta de progresso tecnológico no Brasil; discute a desonestidade moral dos homens; feminismo, hereditariedade e burocracia. Em resumo, o conteúdo do livro não desprende da realidade e da vida de Monteiro Lobato porque em cartas e artigos da vida comum e privada de Monteiro Lobato, constatam-se suas inclinações contrárias à miscigenação, urbanização e ao feminismo; constata-se sua admiração pelo modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos e sua posição contrária à presença da cultura europeia nas américas.

Daí a importância de analisar os bastidores da produção dessa obra e entrelaçar o conteúdo ficcional do livro com a realidade e o discurso eugenista vigente no período, pois os livros são construídos a partir de lugares, ideias, pensamentos, contextos – ou seja, de transposição do real para o texto, já que a literatura nesse período dispunha da missão de contribuir politicamente ao debate nacional. Como pode ser lido na citação a seguir:

a literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre ideias ou fantasias somente para instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega o faziam.⁶¹

Em outras palavras, a literatura não funcionava somente como páginas de entretenimento, mas também como instrumento político de interpretar, transformar e projetar soluções como fizera Euclides da Cunha com a obra *Os Sertões* (1902) e Lima Barreto com *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1905) à jovem e incipiente república brasileira. Sendo assim, Monteiro Lobato não fica ileso a essa questão, já que os seus livros podem também estarem carregados de agendas, manifestações, ativismos e campanhas com os quais ele se filiou. Sendo assim, concordo com Valdeci Rezende Borges de que sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo e guardando modos peculiares de aproximação com o real de criar um mundo possível por meio da narrativa,

ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente,

⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 233.

reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.⁶²

Para ler e interpretar *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* como enunciado de um discurso vigente durante as primeiras décadas do século 20, enfrente, no primeiro capítulo desta dissertação, uma das questões que supostamente impede ou dificulta tratar o racismo na obra de Monteiro Lobato: que pode ser denominada de biografia afetiva positiva. Considerando que uma das características do ser humano é a de ser movido também por afetos, muitos daqueles e daquelas que escrevem sobre a vida e a trajetória intelectual de Monteiro Lobato tende a narrar histórias carregadas de sentimentos, emoções e paixões que favorecem a construção de um passado lúdico, protagonista, extraordinário e mitológico de Monteiro Lobato.

É mais fácil lembrar do *Sítio do Picapau Amarelo* do que *O Choque das Raças ou O Presidente Negro*, pois, com a ajuda do mercado editorial, livrarias, universidades e das emissoras de televisão, Monteiro Lobato tornou-se uma memória afetiva como aquele que inventou uma literatura infantil brasileira e aquele que, como editor brasileiro destacado, desbravou o mercado editorial no país. Realizo, portanto, uma discussão sobre os desafios biográficos, limites éticos e políticos de quem narra a vida de alguém e como isso interdita as discussões envolvendo racismo e eugenia em sua biografia.

O segundo capítulo, por sua vez, consiste em uma análise da filiação de Monteiro Lobato ao movimento sanitarista e ao ideário eugenista de Renato Kehl. Para entender o encontro de Monteiro Lobato com as agendas do movimento eugenista brasileiro, considero importante, antes, discutir a sua adesão ao sanitarismo rural por meio da figura de Jeca Tatu. É, nesse momento, que as ideias sobre meio, raça e o próprio pensamento racista de Monteiro Lobato entram em cena em seus artigos e livros. A princípio, o Jeca Tatu surge como um parasita da terra devido às questões geográficas e raciais, mas adquire uma nova roupagem

⁶² BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História** Ano 1, Número 3, junho/ 2010, p. 99.

de um Jeca Tatu incivilizado para um Jeca com possibilidades de ressignificação após a vinculação de Monteiro Lobato aos sanitaristas Belisário Penna e Arthur Neiva. No entanto, ao publicar *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* em 1926, penso que Monteiro Lobato não abandonou por completo o ideário racista em favor do reformismo social por meio de combate as doenças e a instituição de uma higiene pública. Na verdade, considero provável que a sua adesão à retórica sanitária se deve muito mais a uma política editorial e comercial do que realmente política e intelectual, acreditando muito mais no discurso eugênico como medida efetiva e a literatura, nesse caso, uma maneira indireta de divulgá-la, como ele mesmo afirmou em uma de suas cartas à Renato Kehl.

No último capítulo, destaco a filiação de Monteiro Lobato a um tipo particular de eugenia que estava sendo difundida em diversas instituições de ensino nos Estados Unidos da América como uma alternativa aos dilemas raciais que envolviam a população brasileira. Para tal, mobilizo diversas afirmações de Renato Kehl comparando-as com o livro de Monteiro Lobato, revelando, assim, o romance aqui analisado como propaganda e uma verdadeira ode à eugenia estadunidense como resultado de um esforço intelectual em interpretar a sociedade brasileira à luz das teorias raciais tão candentes naquele momento.

CAPÍTULO 1

Monteiro Lobato: ou as sombras da historiografia

Quem escreve, analisa e discute a biografia de Monteiro Lobato parte, normalmente, da ideia de que o mesmo foi um indivíduo de múltiplas facetas por causa das diversas e diferentes atividades profissionais que protagonizou ao longo de sua vida. Muitos são os livros que narram a sua vida como advogado, promotor de justiça, fazendeiro, jornalista, tradutor, editor, diplomata, empresário ou como escritor de contos, crônicas, fábulas e de livros para todos os públicos e todos os gostos. Quando não é assim, narram a sua vida como um crítico de arte, modernista, empresário, literato, nacionalista, educador, missivista, criativo, dinâmico, espiritista, agitador cultural, homem dos livros e o responsável pela criação da literatura infantil brasileira e da rede de edição, publicação e comercialização de livros brasileiro, facetas essas que sustentam a tese de que era um homem de múltiplas faces durante a vida.⁶³

Apesar de que cada aspecto de sua trajetória pode ser um passo que nos leva a visitar e a conhecer um pouco mais de sua vida, penso que as diferentes faces de Monteiro Lobato não podem ser reduzidas apenas às suas atividades profissionais. Para além do que foi mencionado no parágrafo anterior e no que costumam biografar, existem sonhos, paixões, ambições, segredos, ativismos, afetos, simpatias, razões, conceitos, religiosidades e até mesmo ódios e vícios presentes em sua história de vida que, consideravelmente, ajudariam a desenhar uma espécie de mapa intelectual ou até mesmo a rede de pensamento de Monteiro lobato, aprofundando vincos e marcas em sua fisionomia.

Nesse caso, seria significativo a inclusão nessa assertiva de múltiplas facetas, aspectos ou tópicos como, por exemplo, de antieuropeu, nietzschiano, bandeirante, anglófono, germanista, liberal, sanitarista, racalista e, no caso em tela, a de eugenista em sua biografia. Afinal, acredito que estas classificações conceituais são importantes para organizar e aprofundar o entendimento de sua trajetória, evitando o hagiográfico ou a ilusão biográfica. Tais tópicos, presentes em

⁶³ RIBEIRO, José Antônio Pereira. **As diversas facetas de Monteiro Lobato**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores; Secretaria Municipal de Cultura – Município de São Paulo, 1982.

suas obras, permitem a construção de uma fisionomia mais complexa para quem pretenda fazer uma história intelectual de Monteiro Lobato.

O fato, porém, é que em muitas biografias e no próprio imaginário popular brasileiro impera a narrativa de um passado lúdico e idealizado de Monteiro Lobato como o criador da literatura infantil brasileira e a de editor do Brasil. É notório que houve uma contribuição de Monteiro Lobato na atualização do que significava escrever para as crianças brasileiras e na reformulação do mercado editorial brasileiro com uma expansiva rede de publicação e o lançamento de vários autores em seus catálogos. Entretanto, tal preeminência junto a uma elite de autores nacionais, envolvendo intensa atuação como editor e escritor pode ser vista como uma construção da crítica literária, visto que antes mesmo de Monteiro Lobato havia outros editores importantes como Francisco Alves de Oliveira (1848-1917) e Francisco de Paula Brito (1809-1861), que, além de ser negro, foi pioneiro da imprensa negra brasileira com a criação do pasquim *Homem de Côr* em 1883, e editor do Império.⁶⁴

Ao fim e ao cabo, como autor voltado para o público infanto-juvenil, uma de suas principais qualidades foi produzir uma literatura diferente ao fazer uso das culturas indígena e africana populares como uma de suas principais fontes de inspiração, tão presentes no afamado *Sítio do Picapau Amarelo*,⁶⁵ publicado entre os anos 1920 e 1947. No Brasil, arrisco a dizer que essa obra seja o maior fenômeno da indústria cultural quando o tema é literatura e entretenimento televisivo para as crianças porque mesmo com a fama da *Turma da Mônica* de Mauricio de Sousa, do *Menino Maluquinho* de Ziraldo e com o surgimento de diversos personagens, desenhos e programas infantis no Brasil e no mundo, o *Sítio do Picapau Amarelo* permanece vivo no imaginário popular brasileiro depois de atravessar praticamente todo o século vinte em escolas, livrarias, bibliotecas e teatros.

Culturalmente, a memória afetiva em relação a Monteiro Lobato consolidou-se com a releitura e adaptação do *Sítio do Picapau Amarelo* para a televisão

⁶⁴ GODOI, Rodrigo Camargo de. **Um editor no império**: Francisco de Paula Brito (1809-1861). São Paulo: EDUSP, 2016.

⁶⁵ ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981, p. 48.

brasileira em meados do 20 e início do século 21. A televisão foi uma ferramenta decisiva para a expansão e consolidação do nome de Monteiro Lobato na cultura brasileira depois de sua morte.⁶⁶ Crianças, jovens e adultos consumiram e conheceram o Sítio do Picapau Amarelo por meio das cinco adaptações televisivas e não somente pelas cinco mil páginas que Monteiro Lobato escreveu durante vinte anos.⁶⁷ O sucesso literário dessa obra pôde exportar os trabalhos de Monteiro Lobato para a França, Espanha, Chile, Inglaterra, Estados Unidos, China, Rússia e, principalmente, para a Argentina, sendo, inclusive, o único país onde conseguiu uma posição importante no cenário internacional com reedições literárias até a década de 1960, e, em 2010 e 2011, voltou às livrarias com reedições de *Las Travessuras de Naricita* (2010), *Las nuevas travessuras de Naricita* (2010) e *Viaje al cielo* (2011).⁶⁸

O protagonismo e a popularidade de Monteiro Lobato continuam presentes na Argentina. O exemplo mais concreto disso foi com o depoimento da ex-presidente Cristina Kirchner ao ex-presidente Lula e ao ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim em 2008, de que, na infância, devorava os livros infantis de Monteiro Lobato:

Mais do que lê-los, eu literalmente devorei esses textos, que iam das fantasias mais malucas ao ensino de história, geografia, geologia e todo tipo de conhecimento. Emília, boneca de pano, teimosa e caprichosa, intrigante e ranzinza, mas adorável como poucos, viveu com o Visconde – uma espiga de milho com cartola e óculos – sempre bom, sério e responsável. Narizinho e Pedrinho, dois filhos fantasiosos, aventureiros, inquietos e sempre ansiosos por saber mais, poderiam ter sido um de nós. Dona Benta, avó, era uma “vovozinha de óculos e cabelo branco, que, com a ajuda da preta Nastácia – a “tia” inefável e criadora de Emília, a boneca – fez do sítio do “Picapau Amarelo” um lugar onde todos nós queríamos viver.⁶⁹

Mas, pensando nos problemas e no universo dos leitores e leitoras atuais, quem gostaria de viver no Sítio do Picapau Amarelo? Provavelmente os favorecidos pela branquitude. Para os brancos, o sítio é um paraíso, ao passo que para os negros é o lugar da marginalidade, da servidão, da subalternidade, da invisibilidade

⁶⁶ STEFFEN, Lisandra Portela. **Monteiro Lobato: da obra literária à televisão**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Passo Fundo, 2008.

⁶⁷ MARÇOLLA, Rosângela. Os telenetos de Lobato: literatura infantil na televisão. In: FLORY, Suely Fadul Villibor (org.). **Narrativas ficcionais: da literatura às mídias audiovisuais**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005, p. 138.

⁶⁸ MILTON, Jhon. **Um país se faz com tradutores e traduções: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p. 181, p. 188 e 189.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 191-192.

e do estereótipo, vide os papéis que o Tio Barnabé, o Saci e a Tia Nastácia cumprem em suas histórias. Então, quem quer viver nesse microcosmo chamado *Sítio do Picapau Amarelo*? Os negros e negras conscientes de sua classe e do racismo estrutural iriam querer viver nesse lugar? Apesar do sucesso televisivo dessa obra no Brasil, o programa não foi tão bem recepcionado em Angola, quando, em 1979, o governo angolano retirou do ar por considerá-lo racista e sob a alegação de que não gostavam de ver o negro em funções subalternas,⁷⁰ como boa parte das novelas brasileiras colocam os negros e negras.

Um outro ponto é o fato de que os Estados Unidos foram o grande sonho de progresso e nação para Monteiro Lobato. Nesse sentido, o *Sítio do Picapau Amarelo* nos permite lembrar a arquitetura das fazendas e as *plantations* escravistas do Sul dos Estados Unidos em forma de teatro, localizando-se a casa-grande e a capela no alto da encosta e as instalações produtivas no plano médio e as várzeas ao fundo do que,⁷¹ necessariamente, o *estereótipo* que os brasileiros e brasileiras têm da atmosfera caipira do Brasil.

O Sítio não é representado como um lugar indigente, pelo contrário, Dona Benta é uma personagem erudita e de posses, tendo pessoas negras para trabalhar para ela como a Tia Nastácia e o Tio Barnabé. Há uma dimensão socioeconômica na criação do Sítio do Picapau Amarelo que exala o seu elitismo social. Inclusive, Monteiro Lobato fundou, em 1911, um colégio que, segundo ele mesmo, seria “só para meninos ricos, onde só ensinam coisas de rico - esporte, *pocker*, *bridge*, danças, línguas vivas faladas, elegâncias, pedantismos, etiquetas e as tinturas de literatura, ciência e arte necessárias nas conversas de salão”.⁷² Havia, nesse sentido, alguma preocupação de Monteiro Lobato com os negros e negras? Aparentemente, não.

O fato é que a popularidade nacional e internacional de Monteiro Lobato deve, sobretudo, ao *Sítio do Picapau Amarelo*. Falar em Monteiro Lobato é lembrar, automaticamente, da Emília, do Saci, de Narizinho, da Dona Benta, do Visconde de

⁷⁰ MEMÓRIA GLOBO. **Dicionário da TV Globo**, vol. 1: programa de dramaturgia e entretenimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2003.

⁷¹ MARQUE, Rafael de Bivar. Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das *plantations* escravistas americanas no século XIX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.14. n.1. jan.-jun. 2006, p. 13.

⁷² LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Globo, 2010, p. 248.

Sabugosa, da Cuca ou da Tia Nastácia. É lembrar do tema de abertura gravado por Gilberto Gil sobre a “marmelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmela, boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente, o sol nascente é tão belo”, que, por muito tempo, era uma espécie de hino na infância de muitos brasileiros e brasileiras e que continua sendo com a versão da obra em desenho animado no Youtube. Contudo, por meio do popular *Sítio do Picapau Amarelo* poderíamos entender ou vislumbrar quem foi, efetivamente, Monteiro Lobato? Como uma obra não pode dar conta de toda a biografia do seu autor, tudo indica que não.

Hoje, devido as lutas antirracistas para a superação das noções de superioridade e inferioridade raciais e negros e negras afirmando cada vez mais as suas negritudes e praticando uma releitura da historiografia brasileira, Monteiro Lobato tem sido objeto de muita discussão entre aqueles que o acusam de ter sido racista, como Ana Maria Gonçalves, Ale Santos, Pietra Diwan, Lucilene Reginaldo, Marcelo Coelho, Frei Raimundo dos Santos e aqueles que defendem o seu racismo por simplesmente ser um homem do seu tempo⁷³, como Marisa Lajolo, Luiz Cardoso Ceccantini, Luis Camargo, Cilza Carla Bignotto, Vladimir Sacchetta, Emerson Tin, Luciana Sandroni, Antonio Silveira Lefèvre, Jorge Coli, Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Ziraldo, Ana Lúcia Brandão, Vanete Santana Dezmann, entre outros. Óbvio que Monteiro Lobato era um homem do seu tempo. No entanto, escolhas são políticas e o próprio Monteiro Lobato optou por uma agência de poder, sendo que existiam outras em seu tempo, inclusive mais favoráveis aos negros e negras.

As várias estratégias de recusa do racismo de Monteiro Lobato e de que suas obras também são racistas resultam de uma memória afetiva que interdita uma visão mais crítica do passado. Muitos duvidam ou simplesmente não querem discutir tal problema, pois, hegemonicamente, Monteiro Lobato é, ainda, um cânone da literatura brasileira e biografado sob o prisma de um herói brasileiro. Atualmente, no grupo dos que defendem aquele autor de qualquer associação ao racismo

⁷³ Inclusive, tem ocorrido as chamadas *Jornadas Monteiro Lobato* promovidas pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade Johannes Gutenberg da Alemanha e muitos dos palestrantes envolvidos buscam oficializar uma narrativa que possa blindar e proteger Monteiro Lobato das pautas antirracistas. Afinal, muitos dos palestrantes ali presentes estão relativizando a eugenia em sua obra e questionando a capacidade intelectual de quem afirma Monteiro Lobato ser racista.

literário, talvez os bisnetos Cleo e Ricardo Monteiro Lobato sejam os mais decididos a evitarem qualquer assimilação do bisavô à questão racial. Os dois são admiravelmente produtivos nas redes sociais e, constantemente, convidados a darem entrevistas e participarem de eventos cujo objetivo é a própria exaltação de Monteiro Lobato como um ídolo nacional. Por terem vínculos de parentesco com o autor em tela, entendem que o direito à memória do escritor taubateano pertence única e exclusivamente a eles e, assim, agem como os verdadeiros guardiões da memória e da biografia de Monteiro Lobato.

De modo geral, existe uma dificuldade não só de quem pertence à árvore genealógica de Monteiro Lobato, mas também de acadêmicos e instituições que ao cultivarem uma relação de simpatia à história daquele escritor, não reconhecem ou, ainda, eximem o debate sobre o racismo em suas obras. Muitos procuram anistiar o racismo de Monteiro Lobato ao utilizarem a carta do anacronismo para afirmar que precisamos olhar para ele como um homem do seu tempo, dentro do seu contexto e fruto de sua época. Seguindo esta ótica, não deveríamos avaliar criticamente o escravismo, o genocídio indígena, o colonialismo, e, no caso em tela, como desconsiderar sua atuação defendendo programas de esterilização eugênica no primeiro quartel do século vinte?

Monteiro Lobato não foi, exatamente, um homem do seu tempo se considerarmos que nem naquele tempo, nem antes, tampouco agora é normal ser racista, ou seja, defender a existência de diferentes raças e de uma hierarquia entre elas, menosprezando determinado grupo de indivíduos por sua cor de pele.⁷⁴ Esse tipo de afirmação advém do vício em compreender a história como uma régua do tempo que estabelece marcos temporais como se o passado encerrasse em si mesmo. Logo, corroborar com a tese de que Monteiro Lobato é resultado do seu tempo estimula a impressão de que as experiências históricas são todas isoladas em si mesmas, de que não existem diferenças, particularidades e continuidades. Seria desconsiderar sua própria historicidade.

⁷⁴ A engajada luta dos negros e negras contra o racismo por meio dos jornais pode ser um contraponto importante de que era normal ser racista no tempo de Monteiro Lobato. De acordo, “ainda que não tenham alcançado simultaneamente todo o território nacional, os impressos são parte do esforço coletivo de controlar os códigos da dominação e subvertê-los”. PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De Pele Escura e Tinta Preta: a imprensa Negra do século XIX (1833-1899)**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2006, p. 28.

Ao homogeneizar as experiências do passado em um único bloco, ignoram o debate abolicionista e as lutas antirracistas daquele período e, ainda por cima, desmerecem personalidades negras como Luiz Gama (1830-1882), Machado de Assis (1839-1908), José do Patrocínio (1853-1905), Francisco de Paula Brito (1809-1861), Antônio Pereira Rebouças (1798-180), Manoel Querino (1851-1923), Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (1812-1961), Tereza de Benguela (1700), Luísa Mahin (1812), Laudelina de Campos Melo (1904-1991), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Virginia Leone Bicudo (1910-2003) e Theodosina Rosário Ribeiro (1930-2020). Dito isso, uniformizar as experiências do tempo como um só objeto naturalizado desconsidera, também, a importância de associações, clubes, irmandades, trajetórias e sociabilidades negras que serviram como canais de resistência e de protagonismo na vida política e cultural republicana. Sendo assim, não existe experiência de tempo totalmente homogênea, pois,

Como se sabe, o processo histórico não é estático, unívoco, linear ou unidirecional, mas antes tem um caráter mutante, plural, descentrado, multivocal e mesmo contraditório. As mulheres e os homens negros lutaram para manter a rédea de suas vidas nas mãos, enfrentando os desafios do destino. Desenvolveram gramáticas culturais e repertórios políticos próprio, foram protagonistas de vários projetos de liberdade e cidadania, forjaram trajetórias (individuais e coletivas), tramas e narrativas multifacetada, desempenharam múltiplos papéis sociais e construíram experiências identitária singulares. Em diferentes comportamentos, paradigmas e valores considerados “padrões” ou “normais”.⁷⁵

Edgard Cavalheiro (1911-1958), escritor e jornalista brasileiro, talvez seja o principal responsável em lançar a trajetória intelectual de Monteiro Lobato como um percurso de lutas e glórias que o consagraram como um mártir da cultura nacional. Ele o conheceu ainda vivo e, das mãos dele, obteve uma boa parcela de sua produção literária com a incumbência de narrar a vida de Monteiro Lobato⁷⁶. Nas palavras do próprio Cavalheiro sobre seu biografado:

Creio que não há razões de vulto para ocultar-lhes meus intuitos: escrever a tua vida, contar aos brasileiros de hoje, de amanhã (e de depois de amanhã, como diria o Apporelly) as lutas, glórias e decepções do velho Lobato. Há muito que penso nisso; agora é uma ideia fixa. O trabalho é grande, demandará algum tempo, mas o assunto – posso dizer com conhecimento de causa – vale a pena. Ou como diria nosso caipira, paga a pena. A história da tua vida é um pouco a história do Brasil contemporâneo.

⁷⁵ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 23.

⁷⁶ Além de publicar *Monteiro Lobato: vida e obra* em 1955, Edgar Cavalheiro escreveu e publicou *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, no mesmo ano.

O arquivo oferece um material muito bom, mas não é tudo. É preciso reconstituir coisas do passado, começar do começo.⁷⁷

É possível que uma vasta quantidade de estudiosos e estudiosas da obra e da vida Monteiro Lobato tenham se ancorado na biografia afetiva de Edgard Cavalheiro para escreverem as suas. Outro biógrafo também seduzido a narrar uma história santificada de Monteiro Lobato foi o poeta e escritor Cassiano Nunes (1921-2007).⁷⁸ Nunes é, sem dúvida, necessário a qualquer um que pesquise a obra de Monteiro Lobato porque publicou um número significativo de livros e de fontes sobre os estudos lobatiano.⁷⁹ No entanto, assim como Edgard Cavalheiro, Cassiano Nunes também foi adepto de uma construção biográfica de Monteiro Lobato como um brasileiro virtuoso, inigualável e venerável.

A sociedade brasileira, os meios cultos do Brasil estão em dívida para com Lobato. É preciso que se faça uma pesquisa exaustiva, um levantamento de toda a sua correspondência que subsiste, que sobreviveu à nossa terrível capacidade de destruição. Precisamos dar uma prova de amor a Lobato que, embora muitas vezes fustigando a sua terra com a sua crítica, foi um grande patriota e amoroso do Brasil.⁸⁰

Considerando o pedido de Cassiano Nunes de fazermos um trabalho de fôlego sobre as correspondências de Monteiro Lobato, menciono a tese de doutorado de Emerson Tin, que construiu seis imagens de Monteiro Lobato diante dos seus destinatários. Em sua pesquisa, Tin traz à tona as imagens de um Monteiro Lobato familiar, Monteiro Lobato escritor e editor, Monteiro Lobato nos Estados Unidos, Monteiro Lobato do ferro e do petróleo, Monteiro Lobato do cárcere e Monteiro Lobato das crianças - curiosa, portanto, a ausência de Monteiro Lobato

⁷⁷ CAVALHEIRO, Edgard. Apud D'ONOFRIO, Silvio César Tamasso. **Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 2012, p. 23. [Versão ePUB].

⁷⁸ Há outros estudiosos como Alberto Conte, Jorge Messias Rizzini, Enéas Athanázio, Alaor Barbosa, Reynaldo Valinho Alvarez, Haydée M. Jofre Barroso, Paulo Dantas, Marisa Lajolo, Ênio Passiani, Luciana Sandroni e Regina Zilberman que publicaram estudos lobatianos com fortes conotações afetivas.

⁷⁹ NUNES, Cassiano (org.) **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986; NUNES, Cassiano. **A atualidade de Monteiro Lobato**. Brasília: Thesaurus, 1985; NUNES, Cassiano. **A correspondência de Monteiro Lobato**. Brasília: Roberval, 1998; NUNES, Cassiano. **A correspondência de Monteiro Lobato**. São Paulo: s.n., 1982; NUNES, Cassiano. **Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga**. São Paulo: s/ed., 1983; NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRÁS, 2000; NUNES, Cassiano. **Novos estudos sobre Monteiro Lobato**. Brasília: UNB, 1998; NUNES, Cassiano. **O "sonho americano" de Monteiro Lobato**. S/l.: s/ed., 1984?; NUNES, Cassiano. **O patriotismo difícil: a correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva**. São Paulo: Copidart, 1981; NUNES, Cassiano. **O sonho brasileiro de Lobato**. Brasília: s/ed., Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979; NUNES, Cassiano. **O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo**. São Paulo: Copidart, 1983.

⁸⁰ NUNES, Cassiano. Um visionário na intimidade. **Folha de São Paulo**, 28 de junho de 1998.

eugenista. Só com a carta de Monteiro Lobato a Renato Kehl citada na introdução deste trabalho abre a possibilidade de discutir o eugenismo em sua vida literária.

De todo modo, muitos dos especialistas ao lerem os livros de Monteiro Lobato durante a infância deixaram escapar em suas pesquisas a admiração e o encantamento pelas histórias contadas no Sítio do Picapau Amarelo como bem mostra o escritor José Roberto Whitaker Penteado em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, publicado em 1998. No livro, acadêmicos como André Luiz Vieira de Campos, Zinda Maria de Vasconcellos, Vasda Bonafini Landers, Marisa Lajolo e Tadeu Chiarelli confirmam não só a amizade, mas a influência de Monteiro Lobato em suas formações como escritores e cidadãos brasileiros. No prefácio do seu livro, inclusive, Ana Maria Machado comenta que com Monteiro Lobato

formamos nossas noções de independência e de fraternidade, nosso pacifismo, nossa recusa ao fanatismo, nosso entendimento ecológico de que queimadas são um horror, e que a natureza há uma cadeia alimentar inevitável que assegura a sobrevivência de todos. [...]. Com ele, muitos também aprendemos que a ignorância é mãe de medos e males, que fora da educação não há salvação, que sem livros (e sem o bom exemplos de homens e mulheres) não se faz um país.⁸¹

Recentemente, Marisa Lajolo e Lilia Moritz Schwarz escreveram e publicaram a quatro mãos uma biografia de Monteiro Lobato narrada por ele mesmo. A proposta do livro nada mais é que permitir que Monteiro Lobato faça uma autocrítica por ter escrito frases e livros considerados racistas.⁸² Ora, qual a contribuição dessa obra na luta antirracista? Qual a finalidade desse livro em um momento na história do Brasil que negros e negras são maciçamente mortos nas periferias? A meu ver, houve uma preocupação muito mais biográfica em preservar uma espécie de legado literário e editorial de Monteiro Lobato do que necessariamente uma preocupação com o racismo e o problema racial brasileiro. E é por esse motivo que inflar, superestimar e monumentalizar biografados ao ponto de evitar narrar os seus vícios, contradições e limitações, um número considerável de estudiosos e estudiosas de Monteiro Lobato cometem um pecado capital

⁸¹ PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. São Paulo: Globo, 2011, p. 9.

⁸² SCHWARCZ, Lilia Moritz; LAJOLO, Marisa. **Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019, p. 44.

denunciado há bastante tempo por Pierre Bourdieu (1930- 2002): foram vítimas de uma ilusão biográfica, que é quando o biógrafo compreende

uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.⁸³

À pretexto das urgências de reparação histórica e de combate ao racismo estrutural brasileiro, precisamos, antes de tudo, questionar a quem interessa a exaltação da biografia de Monteiro Lobato. Destaco que o intuito da revisão crítica daquele autor não tem a ver com quaisquer tentativas de perseguição política ou de *cancelamento* dele, e sim o oposto. Não corroboro com as tentativas de *cancelar* Monteiro Lobato entendendo-as pouco eficientes na luta antirracista, tampouco me alinho como aqueles que pretendem colocá-lo em algum limbo da história. Avalio que ao questioná-lo e também à sua obra, trazemos à tona a própria história do racismo e da discriminação racial brasileira, já que, aqui, o racismo agiu e tem agido silenciosamente e de forma estrutural.⁸⁴ Assim, elidir Monteiro Lobato pode não ser eficaz na resolução de um problema profundo que o transcende e que, ao contrário do que possa parecer, serve muito mais como uma medida autoritária e de censura e uma análise superficial e que, seria inútil em apagar sua importância literária e histórica no Brasil, afinal, centrar apenas em seus erros ou vícios, limitaria o aprendizado histórico que poderia ser tirado de suas escolhas, obras, limites e contradições.

Dentre os mais diferentes desafios biográficos ao narrar vidas e grafar trajetórias intelectuais, o exercício ético é um deles e, ainda assim, um serviço indispensável. É claro, porém, que fontes, metodologias e perguntas são escolhas pessoais que partem de pressupostos e de intenções políticas ao narrar a vida de alguém. Acontece que ao escrever sobre o outro, existe um risco de que o biógrafo cultive uma relação de tamanha adoração com o seu personagem, que, ao fim, se torne incapaz de manter uma distância crítica deste.⁸⁵ É isso que os bisnetos e

⁸³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁸⁴ ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

⁸⁵ AVELAR, Alexandre de Sá. Traçando destinos: desafios narrativos e éticos da biografia histórica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 177, 2015, p. 17.

entusiastas ao Monteiro Lobato também pecam sobre ele: escrevem biografias, as quais se integram totalmente ao universo do biografado ao ponto de destacarem heroísmos, mitologias e fantasias em sua vida que, ao mesmo tempo, evidenciam o esgotamento biográfico de Monteiro Lobato. Ou seja, sobre ele, nada mais haveria a dizer.

Bem ao modo das biografias de tipo hagiográfico medievais sobre santos e mártires que “pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes”,⁸⁶ Monteiro Lobato é o que é graças ao olhar dos outros, daqueles que fabricam sua lenda dourada, e em seguida dos leitores que ali vão buscar uma possível identificação, ampliando, assim, o prestígio de suas obras e de sua vida ao ponto de transformarem universidades, revistas, departamentos, laboratórios, imprensa, clubes literários e academias como lugares e espaços de culto a Monteiro Lobato. Nesse sentido,

As narrativas sobre indivíduos poderiam ser úteis também para demonstrar que mesmo grandes personagens históricos não são heróis, mas seres humanos forçados a lidar com situações e problemas cotidianos como qualquer outro indivíduo. Podemos ser movidos também pelo interesse em encontrar os mitos pessoais dos outros para que então possamos pensar sobre como produzimos nossos próprios mitos e nos entender de modo mais profundo com base em outras experiências de vida.⁸⁷

Persiste, portanto, uma preocupação muito mais com o protagonismo biográfico do que necessariamente com o racismo e com a herança escravocrata que se perpetuou não só no início do século vinte, mas também no tempo presente. Por ser uma espécie de revolucionário no mundo dos livros, sua vitalidade como herói cultural vem, como vimos, do mercado editorial brasileiro, pois é entre os editores posteriores a Monteiro Lobato que encontraremos os seus principais aliados e responsáveis por construir a sua imagem como desbravador do mundo editorial brasileiro.⁸⁸ Não se trata, ora, de desmerecer a importância de Monteiro Lobato na construção de um mercado editorial brasileiro mais amplo, diversificado

⁸⁶ DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 139.

⁸⁷ AVELAR, Alexandre de Sá. Traçando destinos: desafios narrativos e éticos da biografia histórica... *Op. cit.*, p. 16.

⁸⁸ PASSIANI, Enio. A construção da hegemonia: Monteiro Lobato, Mercado Editorial e Campo Literário no Brasil. **Miscelânea**, Assis, vol.6, jul./nov. 2009, p. 131.

e criativo. A crítica serve para “lançar luz sobre certas armadilhas urdidas no seio do campo intelectual e reproduzidas ao longo do tempo sem qualquer questionamento”.⁸⁹ Em outras palavras,

O que se quer, pois, é chamar a atenção para os perigos da canonização: consagrar Lobato como o herói fundador das editoras brasileiras implica elevar sobremaneira a sua estatura, lançando sombras sobre outras figuras igualmente importantes de nossa história do livro, como Paula Brito e Francisco Alves.⁹⁰

Dito isso, até que ponto a afetividade desses entusiastas e instituições causou - propositalmente ou não - um escamoteamento das cartas, confissões, prefácios, redes, sociedades e livros que revelam o ativismo de supremacia racial de Monteiro Lobato? Até que ponto, pergunto, o sentimento de nostalgia e de admiração impossibilitaram uma análise mais ética a respeito do racismo de Monteiro Lobato? Por isso a ideia de uma sombra em sua biografia - um apagamento, uma escuridão que projeta emoções, valores e necessidades do próprio biógrafo.⁹¹

Monteiro Lobato: o mercado dos ideais e dos escrúpulos.

Durante muitos anos, quase desde a sua fundação, a Academia foi o foco intelectual mais vivo, mais inteiro, mais brilhante de todo o país; era o cenáculo donde surgiram os próceres do Segundo Império e da República. Neste venerando cenóbio, transformando em templo da ciência, as mais ousadas concepções eram formuladas, os mais ardentes ideais eram alimentados, e da sua fermentação surgiram as radicais transformações por que tem passado a nossa querida pátria. [...]. Por esta súplica vê-se quão brilhante era o estado mental daquele período. Desse ano em diante [1877] a decadência moral desta instituição foi progredindo aos poucos e uma apatia enervadora lhe foi tolhendo gradativamente os membros, que durante tanto tempo movimentara com máscula energia a máquina intelectual do país. O meio literário atrofiou-se em contato com o vil mercantilismo que neste século invade todas as esferas sociais; o ideal desapareceu com a realização dos dois grandes ideais de outrora: um em 13 de maio e outro em 15 de novembro; e vós bem sabeis que sem um ideal, sem um fito, sem um destino, uma geração não pode progredir.⁹²

⁸⁹ PASSIANI, Enio. A construção da hegemonia: Monteiro Lobato, Mercado Editorial e Campo Literário no Brasil. **Miscelânea...**, *Op. cit.*, p. 134.

⁹⁰ *Idem, Ibidem.*

⁹¹ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, [s. l.], n.24, 2010, p. 166.

⁹² LOBATO, Monteiro. Outrora e hoje. *In*: LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. São Paulo: Globo, 2008, p. 25 *et. seq.*

Quando no ano de ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo no Largo de São Francisco, Monteiro Lobato, durante a primeira sessão do Grêmio Estudantil conhecido como a Arcádia Acadêmica, proferiu um histórico e emblemático discurso que certamente marcaria a sua vida. Isso, em 1900, então com os seus dezoito anos.⁹³ *Ontem e Hoje* foi o título dado ao seu momento de leitura e releitura do passado brasileiro. Nele, capto e identifico um estudante erudito, mas também melancólico e desacreditado com aquela instituição por não ser mais a principal máquina intelectual do país, como havia sido durante o século 19. Sabemos, no entanto, que as últimas décadas da monarquia brasileira ficaram marcadas por um agitado ambiente político ao ver nascer e crescer uma geração de intelectuais criticadora daquela ordem imperial.⁹⁴

As próprias faculdades naquele período, em especial as de Direito, ecoavam mobilizações e contestações liberais dos anos 1870 difundidas pelo Brasil.⁹⁵ No discurso, Monteiro Lobato contextualizava o ano de 1877 como mágico e privilegiado para o estado de São Paulo quando mencionava intelectuais como Antônio Silva Jardim (1860-1891), Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), Pedro Augusto Carneiro Lessa (1859-1921) e Francisco Rangel Pestana (1839-1903),⁹⁶ todos esses formados pela Faculdade de Direito de São Paulo, que, em resumo, eram ativistas republicanos. Ao levar em consideração o momento em que ele discursava, Monteiro Lobato indicava que havia tido um engajamento muito maior da Faculdade de Direito de São Paulo no cenário nacional, e não mais.

Há de se levar em consideração que a análise de Monteiro Lobato pode ser interpretada como conservadora em ter afirmado que depois da Abolição e do Golpe Militar que instituiu a República, a sociedade acadêmica havia perdido força e como resultado mergulhou-se em um profundo estado de improdutividade intelectual⁹⁷.

⁹³ Com o título *Outrora e hoje*, o discurso foi proferido em junho de 1900 e, em agosto do mesmo ano, foi publicado no primeiro e único número da revista dessa associação estudantil.

⁹⁴ ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 147.

⁹⁶ LOBATO, Monteiro. *Outrora e hoje...* *Op. cit.*, p. 26.

⁹⁷ A Arcádia Acadêmica, inclusive, foi uma tentativa de agitar aquele, segundo Monteiro Lobato, descansado e melancólico ambiente acadêmico, que só aconteceu com as criações do Centro Acadêmico XI de Agosto e do Cenáculo, importantes convenções que buscavam superar a apatia vivenciada nas Arcadas, como é conhecida a Faculdade de Direito de São Paulo do Largo de São Francisco.

No entanto, Monteiro Lobato preferiu ignorar uma vasta discussão republicana sendo feita pelo Brasil para saudar a Monarquia e, acima de tudo, a própria escravidão ao fazer entender que as dificuldades intelectuais, políticas e econômicas brasileiras surgiram depois de 1888, quando, desta feita, libertaram os escravizados e, daí, derrubaram a idílica monarquia.

Afinal, muitas opiniões contrárias ao movimento abolicionista estiveram presente naquela atmosfera de certezas e incertezas, insinuando-o que o fim da escravidão levaria a economia brasileira a bancarrota, e as crises. Conforme noticiado no dia 21 de setembro de 1884 no *Diário do Brasil* do Rio de Janeiro, os abolicionistas, cegos pela paixão, eram os únicos que não queriam ver a real e verdadeira situação do país levando-o em ruínas.⁹⁸ Assim, muitos escravistas passaram a vislumbrar a abolição como o fim dos seus privilégios políticos, agrários e econômicos. Que, diante da previsibilidade de perdas e ganhos, aliaram-se ao movimento republicano para, assim, não mexerem na propriedade rural e capotar a ideia de reforma agrária, que muitos abolicionistas defendiam.⁹⁹

A decepção ou falta de expectativa de Monteiro Lobato com a inédita e ainda incipiente República brasileira certamente foram sintomas da sua própria dimensão geográfica de origem, que, como vimos, nasceu e viveu a infância na região do Vale do Paraíba, interior de São Paulo com proximidades ao sul do Rio de Janeiro. Naquela região, o poder privado, assim como em outros lugares, constituía uma enorme quantidade de clãs e linhagens políticas que dominavam o funcionamento político no campo com ampla posição econômica e social, são donos de terras, paternalistas, clientelistas e que governa o território brasileiro pelo poder local.¹⁰⁰ O coronel, não exatamente um militar e sim alguém que ocupava um lugar de destaque ou que reunia as qualidades de chefia, ostentava a riqueza adquirida com a massiva exploração da mão de obra escravizada, sobretudo nos cafezais. No entanto, com o fim da escravidão e a derrubada da monarquia, os ecos não foram

⁹⁸ **DIÁRIO DO BRASIL:** Rio de Janeiro, Ed. 0029, p. 1, 21 set. 1884. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 17/05/2022.

⁹⁹ ROSSI, Amanda. Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando reforma agrária, diz historiador. Brasil: **BBC News**, 13 mai. 2018. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil>

¹⁰⁰ Trata-se de uma discussão sobre a estrutura e o processo de formação do coronelismo, marcado confusão e relação das esferas da vida privada com o público. LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.43.

muito bem recebidos entre as oligarquias cafeeiras do Vale do Paraíba, que, conseqüentemente, resistiram à abolição;¹⁰¹ e muito menos em Monteiro Lobato, que tem origem oligárquica.

O seu avô, José Francisco Monteiro, dono de fazendas, empresário e um homem de negócios, atuou como coronel-comandante da Guarda Nacional em Taubaté e conquistou, em 1868 e 1887, os títulos de nobreza de Barão e Visconde de Tremembé. Ocupava um lugar de destaque, influência social e a base de sustentação da estrutura de poder do Império, hospedando, como vimos, o próprio imperador quando o monarca visitava aquela região.¹⁰² Uma de suas prerrogativas, ou para ampliar a influência da família na região, sobretudo em um contexto em que havia dissonâncias políticas envolvendo solicitações de escravistas por indenização parcial sobre as “perdas” sofridas e organizações negras na luta por direito à cidadania,¹⁰³ foi influenciar o seu neto a se matricular em uma Faculdade de Ciências Jurídicas.

E conseguiu. Formado, Monteiro Lobato aproveitou a influência do avô para ser nomeado à Promotoria de Taubaté e logo depois na de Areias, apesar do desencanto, desprezo e pela fúria emplacada contra o que ele chamava de “bacharelismo oco e vazio”.¹⁰⁴ Dentre essas críticas, Monteiro Lobato justificou que a abundância e a ociosidade de diplomados em direito eram uma causa exclusiva do fim da escravidão, que, em sua análise, havia provocado terremotos sucessivos e um desequilíbrio orgânico quando optaram pela Revolução à Evolução, como pode ser lido em um dos seus primeiros artigos, quando, ainda estudante.

Arredou, assim, o brasileiro, das profissões manuais, da indústria e do comércio, entregues ao elemento alienígena, e marcou-lhe a giz, como campo único para o exercício de suas energias e só compatível com a sua dignidade, o funcionalismo público, as profissões liberais, a política e o feitorismo, sob qualquer forma que seja, da massa que lavra a terra. Tudo mais desprezou, como coisas que degradam ou são “impróprias”. Indústria:

¹⁰¹ PAPALI, Maria Aparecida; Zanetti, Valéria Regina (Org.) **Escravidão e Pró-Abolição no Vale do Paraíba Paulista**. São Paulo: Intermeios, 2022.

¹⁰² Muitas dessas informações estão presentes na Wikipédia, mais especificamente no livro *História de Taubaté através de textos*, de Maria Morgado de Abreu e Antônio de Argollo Andrade, que pode ser encontrado fisicamente na biblioteca do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

¹⁰³ PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 263 e 311.

¹⁰⁴ Cf. GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Direito e Literatura: anatomia de um desencanto – desilusão jurídica em Monteiro Lobato**. Curitiba: Juruá, 2004.

coisa de ingleses; comércio: coisa de português e italianos; trabalho manual: coisa de negro. E assim a ideia se cristalizou. A permanência embaixo da sociedade como um soco formidável, de milhões de máquinas de trabalho que o “bacalhau” movimentava, permitia tão absurda concepção. Um dia, porém, foi bruscamente suprimido esse plinto secular, e nossa sociedade, nascida sobre ele, feita para viver sobre ele, viu-se às súbitas na situação de um homem a quem decepassem os pés. Uma modificação de mentalidade correlativa àquela modificação do regime social não era coisa factível com outra Lei Áurea, e deixamos que o processo lento da evolução natural corrigisse o desequilíbrio criado.

Esse desequilíbrio tem sido a causa indireta de todos os males morais, sociais, econômicos e financeiros que nos afligem. Até que aprenda a andar com o coto da tíbia, quem sempre caminhou pelo amplo, sólido e achatado pé africano...¹⁰⁵

[...]. Levada pela concorrência excessiva, a política despiu o seu caráter elevado de arte de bem governar a nação para cair no desapoderado “avança” atual; e os cursos científicos deixaram empoeirar a ciência a um canto, transformando-se em árvores de diplomas – que o matriculado a estes vai, não àquela. E vai aos diplomas como ao sésamo de todas as portas e coraçõeszinhos femininos que possuem dote. Que vai, minto; que ia, porque a situação já não é a mesma. O país tem sofrido abalos profundos. Houve mudanças radicais. O Negro, fator secular da movimentação agrícola, empolgou-o a cachaça e a calaçaria; e reduzido ficou a uma quantidade negativa depois que viu suprimido pela lei da abolição o chicote espevitador dos seus brios.¹⁰⁶

Assim, continua:

A monarquia com os seus 60 anos de lenta estratificação desfez-se em república – encurtada assim para um dia a evolução que reclamava um século. Monstruosas anomalias se seguiram a essa infração das leis naturais: ditaduras, guerra civil, Floriano, cambio arrasado, encilhamento, café alto, invasão imigrantista etc. A ossatura da sociedade, contorcida, estalou nas juntas, muitos órgãos se lhe deslocaram, outros sofreram lesões profundas, outros foram ganhos de rápida atrofia. De alto a baixo nada ficou incólume diante daquela série ininterrupta de tremores de terra.¹⁰⁷

Em outras palavras, Monteiro Lobato disse que tudo começou a dar errado no território brasileiro quando resolveram abolir a escravidão e instituir uma república como forma de governo. Não enxergava, portanto, mudanças e conquistas sociais como a liberdade de um grupo étnico historicamente escravizado e sujeitado a castigos físicos e psicológicos. Não vislumbrava que a república brasileira como modernização aos ditames do mundo moderno, pelo contrário, suas críticas ao *Treze de maio* e ao *Quinze de novembro* são indícios de uma faceta

¹⁰⁵ LOBATO, Monteiro. A doutorice. In: **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010, p. 150.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 150.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

monarquista de Monteiro Lobato, que pode ajudar a diagramar o pensamento intelectual de Monteiro Lobato, como havia sugerido no início deste capítulo.

Afinal, mesmo Alair Barbosa ter afirmado que a fase estudantil de Monteiro Lobato era de frescor, flores e uma risonha esperança, suas críticas à República brasileira continuaram por muitos anos, como por exemplo, em 1918. Na ocasião, então com trinta e seis anos, Monteiro Lobato publicou uma crônica em uma das principais revistas daquele período, que era a *Revista do Brasil*, de sua propriedade, compondo elogios e admiração pela Monarquia e por Pedro II ao mesmo tempo a sua aversão à República. Assim, segue:

De norte a sul o povo lamuria a sua desgraça e chora envergonhado o que perdeu.
 Tinha um rei. Tem sátrapas.
 Tinha dinheiro. Tem dívidas.
 Tinha justiça. Tem cambalachos de toga.
 Tinha parlamento. Tem antessalas de fâmulos.
 Tinha o respeito do estrangeiro. Tem irrisão e desprezo.
 Tinha moralidade. Tem o impudor deslavado.
 Tinha soberania. Tem cônsules estrangeiros assessorando ministros.
 Tinha estadistas. Tem pegas.
 Tinha vontade. Tem medo.
 Tinha leis. Tem estado de sítio.
 Tinha liberdade de imprensa. Tem censura. Tinha brio. Tem fome.
 Tinha Pedro II. Tem... Não tem!
 Era. Não é.¹⁰⁸

Trata-se de uma visão idílica e um profundo sentimento de nostalgia em relação ao Império. Diferente de Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Paulo Prado e de Manoel Bomfim, não que fossem monarquistas, mas eram muito críticos da República, Monteiro Lobato pode ser colocado ao lado de Pedro Calmon, Hélio Vianna e João Camilo de Oliveira Torres, que, numa história dos acontecimentos, ressaltaram os feitos das relevantes figuras do Império ou, ainda, o caráter avançado da civilização brasileira daquele tempo.¹⁰⁹ Até hoje, inclusive, existe uma valorização dos tempos da Monarquia na região do Vale do Paraíba, muito provavelmente, acompanhada de uma visão bastante racista acerca dos negros¹¹⁰.

¹⁰⁸ A crônica não tem a assinatura de Monteiro Lobato, está em branco, o que indica ser uma publicação editorial. **Revista do Brasil**. 1918, anno III, v IX, n 36. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>

¹⁰⁹ SALLES, Ricardo. **Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Editora Ponteio, 2013.

¹¹⁰ Em 2018, por exemplo, houve uma manifestação contrária a comemoração do 15 de novembro em Taubaté. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2018/11/15/simpatizantes-da-monarquia-fazem-passeata-contra-a-republica-em-itu-nao-tem-o-que-comemorar.ghtml>

Apesar dos sintomas de um vazio com a falta de ideais, ideias, guias e de um norte para a sua geração, Monteiro Lobato, então com vinte e um anos, vislumbrou o socialismo como possibilidade de unir aquela mocidade que inaugurava o século vinte. Em suas palavras, tratava-se de um ideal generoso, amplo para acolher em seu seio tudo quanto a mocidade tiver de mais superiormente generoso, de mais finamente intelectual, e mais grandiosamente altruísta,¹¹¹ pois,

A regeneração da humanidade pelo advento definitivo da justiça, pelo império da verdade, pela extinção da miséria, pela destruição das classes, pela moralização da moral, pela reivindicação enfim de todos os direitos postergados, é modernamente a única coisa capaz de reacender nos corações a chama vivificante da fé idealista, dessa que abala montanhas e toma possível um grêmio de estudantes.¹¹²

Talvez, o socialismo nunca foi um elemento-chave em sua vida. Porém, em um momento de sua vida chegou a demonstrar afeto e respeito por Luís Carlos Prestes, um dos maiores símbolos do comunismo no território brasileiro. Inclusive, Prestes foi um, dentre vários, a prestar homenagem a Monteiro Lobato naquele fatídico momento de sua morte. Antes disso, Lobato fez o mesmo. Em um caloroso comício de Luís Carlos Prestes no antigo Estádio do Pacaembu de São Paulo em 1945, Monteiro Lobato saudou Prestes com a seguinte oração:

Tenho como dever saudar Luis Carlos Prestes porque sinceramente vejo nele uma grande esperança para o Brasil. Vejo nele um homem nitidamente marcado pelo Destino. Vejo nele o único dos nossos homens que pelos seus atos e pelo amor ao próximo conseguiu eleva-se à altura de símbolo. Símbolo do quê? De uma mudança social, enorme canteiro em que as classes privilegiadas são as flores, e a imensa massa da maioria é apenas o esterco que engorda essas flores. Esterco doloroso e gemebundo.

Nasci na classe privilegiada e nela vivi até hoje, mas o que vi de miséria silenciosa nos campos e cidades me força a repudiar uma ordem social que está contente com isso e arma-se até com armas celestes contra qualquer mudança. A nossa ordem social me é pessoalmente muito agradável, mas eu penso em mim mesmo se acaso houvesse nascido esterco. Essa visão da realidade brasileira sempre me preocupou e sempre me estragou a vida. Nada mais lógico, pois, do que meu grande interesse pelo homem que não conheço, mas acompanho desde os tempos em que um punhado de loucos lutava contra todo o poder do governo.

E lutava por quê? Com que fim? Pela conquista do poder? Fácil lhe seria isso, como foi fácil para outros companheiros que desandaram. Prestes não lutava por. Lutava contra. Contra quê? Contra a nossa ordem social tão conformada com o sistema do mundo dividido em flores e esterco. E pelo fato de sonhar com a grande mudança foi condenado a trinta anos de prisão, como pelo fato de sonhar um sonho semelhante, Jesus foi condenado a morrer na tortura.

¹¹¹ LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. São Paulo: Globo, 2008, p. 106.

¹¹² *Ibidem*.

Os acontecimentos do mundo vieram libertar o nosso homem-símbolo e ei-lo hoje na mais alta posição a que um homem pode erguer-se em um país. Ei-lo na posição de força de amanhã. Na posição do homem que fatalmente será elevado ao poder e lá agirá para que o regime de flores e esterco se transforme em algo mais equitativo e humano.

Todos nós, um país inteiro, esperamos em Luiz Carlos Prestes; e esperamos nele tanto quanto desesperamos de outros cujos programas de governo botam acima de tudo a “manutenção da ordem”, isto é, a conservação do sistema de flores e esterco. E qualquer coisa no fundo da nossa intuição nos diz que Prestes não nos decepcionará, e que um dia o antigo Cavaleiro da Esperança se transformará no Realizador das Nossas Esperanças.

A luta não é minha. A luta é de todos nós.¹¹³

A relação entre os dois foi de muita admiração e apreço. Afinal, ter sido convidado de honra para as celebrações de cinquenta anos de Luis Carlos Prestes não foi para qualquer um. No entanto, pode ser que a simpatia ao socialismo se deva também ao momento político varguista, que não se entendiam bem. Em meio a falta de expectativas de mudanças e ao contexto da Segunda Guerra Mundial, buscar um amparo poderia ser um alívio, ou um conforto. Assim, não mediu esforços para elogiar em artigos e cartas a Rússia e a Lênin, visto por ele como o maior reformador social de todos os tempos porque nenhuma criatura operou em maior escala, nem foi mais radical em suas ideias que ele, que, ainda por cima, Lênin libertou a mulher da escravidão doméstica ao abolir o preconceito da sua inferioridade e pô-la em situação de ocupar todos os cargos russos.¹¹⁴ Já a Rússia,

— No começo houve muito horror, muito erro, uma verdadeira hecatombe; mas os experimentadores foram modificando o regime, adaptando-o às contingências da natureza humana e afinal conseguiram uma situação de equilíbrio e eficiência na verdade maravilhosa. O que a Rússia faz nesta guerra, e o que está fazendo na ciência, na educação e em todos os setores da vida humana é o maior dos milagres modernos – e essa vitória de experiência russa, meu caro, não pode mais ser oculta aos olhos de todos os países: está aí a crise do mundo. Não há país que vagamente não queira repetir em sua carne a experiência que o russo fez, a princípio com dor, finalmente com sucesso pleno. E como hão de os

¹¹³ No momento do discurso, Monteiro Lobato estava enfermo, em repouso. Por esse motivo, sua contribuição ao comício foi um discurso gravado, como demonstração estima e compromisso com a causa de Prestes. O comício foi noticiado em vários jornais, bem como a transcrição da mensagem de Monteiro Lobato. Dentre eles, há um documento no acervo do Museu Monteiro Lobato, na Universidade de Campinas, São Paulo. LOBATO, Monteiro. Prestes não nos decepcionará – Integra da oração do escritor Monteiro Lobato no comício do Pacaembu. Museu Monteiro Lobato. Coleção Documentos. MLb_ 5_1_00028.tif. Universidade de Campinas <https://taubate.sp.gov.br/museumonteirolobato/acervo/documentos/pagina-do-jornal-folha-da-noite-prestes-nao-nos-decepcionara/>

¹¹⁴ LOBATO, Monteiro. Ideias Russas. In: LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p. 80.

privilégios do mundo – 0 1% - conter os desejos, os ímpetos, a avalanche, dos 99% da humanidade?

— Acho que a grande coisa que a ditadura de Getúlio Vargas fez, e pela qual temos de lhe ser gratíssimos, foi preparar Carlos Prestes para a sua grande missão por meio dum longuíssimo martírio. Se o Cavaleiro da Esperança, já tanto seduzia a imaginação popular ao tempo da Coluna Prestes, hoje a magnetiza da maneira mais impressionante — e até se tornou figura internacional.

— [Com a Segunda Guerra Mundial] A Rússia obterá Vitória Política, pois daqui por diante não se dará mais um só passo político sem ter em conta a Rússia ou sem o placet da Rússia. Acabamos de presenciar isso aqui. A um gesto da Rússia o nosso nazismo murchou como balãozinho de elástico, e vai vir a anistia para os condenados por crime ideológico, e o mesmo governo vai reconhecer o governo soviético — esse mesmo governo que meses antes não podia nem sequer ser mencionado nos jornais.¹¹⁵

Quem assim o ler, pode sair gritando de alegria em ruas ou em redes sociais rotulando-o de socialista, ou até mesmo de comunista. Na verdade, existe uma singela confusão em relacionar o seu compromisso com a perfuração de poços de petróleo, incentivo à siderurgia, reforma agrária, voto secreto, abertura de estradas e industrialização a um tipo particular de nacionalismo, sobretudo à esquerda, em defesa da soberania nacional. Confundem-no, portanto, com um complexo momento mundial de reencontro da revolução social com o sentimento patriótico com o qual as esquerdas, durante o período antifascista, associaram o nacionalismo a uma experiência da luta anti-imperialista ocorrida nos países coloniais, que eram vinculadas às esquerdas internacionais de várias maneiras.¹¹⁶ Com essa confusão, volto ao tema dos usos do passado e a articulação de uma memória que decide o que lembrar, e como lembrar. Aquele que lembra, conta e relembra. Aquele que relembra, escreve e fixa em folhas de papel confundido, distorcendo ou falsificando o passado para, assim, permitir o que lembrar, e como lembrar.

Quando se fala de sua relação com Getúlio Vargas, deve-se levar em consideração que a crítica lobatiana estava sendo direcionada ao modo como Getúlio Vargas administrava o direito pela exploração do petróleo no território brasileiro, e não em uma possível falta de interesse ou descaso nacional. Na

¹¹⁵ Trata-se de uma entrevista concedida ao Diário de São Paulo em 1945. LOBATO, Monteiro. O Brasil às Portas da Maior Crise da sua História. [Entrevista concedida ao repórter Tulman Neto]. Diário de São Paulo, 1945. In: LOBATO, Monteiro. **Obras Completas de Monteiro Lobato** – Prefácios e Entrevistas. São Paulo: Editora Brasiliense, vol. 13, 1964, p. 135.

¹¹⁶ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Aão Paulo? Paz e Terra, 2020, p. 200-204.

verdade, quando se fala no escândalo do petróleo deve-se levar em conta a suspeita de Monteiro Lobato de que por trás da atitude de Vargas ao aprovar a Lei de Minas de 1934 que concedia ao Estado a propriedade do subsolo em consagrar o princípio de que a propriedade do solo é distinta da do subsolo, o governo federal, aparentemente, não permitia a entrada de empresas estrangeiras no setor de minérios e prospecção, mas que em um momento oportuno abriria as portas para os trustes Standard Oil e a Royal Dutch, que monopolizavam boa parte das reservas de mercado do mundo.¹¹⁷ Nas palavras de Monteiro Lobato:

Como dominaram o petróleo, dominaram também as finanças, os bancos, o mercado do dinheiro; e como dominaram o dinheiro também os governos e as máquinas administrativas. Essa rede de dominação constitui o que neste livro [Escândalo do Petróleo] chamamos os Interesses Ocultos.¹¹⁸

Além disso, continua:

A lei de Minas, manipulada pelo segundo patriotismo [glabro, sem orelha nenhuma – pastíffissimo] e inocentemente promulgada pelo primeiro [peludo, orelhudo, mas sincero, respeitável], destituiu o proprietário da terra do direito ao que está no subsolo – apesar da nova Constituição manter intacto o direito de propriedade. E não contente com o confisco, ainda trancou com mil trancas a exploração do subsolo. Trancou a todos – aos nacionais e à perigosa gente de fora – e como era justamente isso o que a perigosa gente de fora queria, os Interesses Ocultos piscaram o olho.

Houve, nesse caso, duas críticas ao contexto em questão. A primeira, localiza-se em seu itinerário como homem de negócios e na própria atmosfera liberal que envolvia o pensamento de muitos intelectuais brasileiros a pensarem em autonomia de mercado, independência econômica, liberdade, livre iniciativa e liberalismo conciliatório como vocábulos de uma nação a ser constituída: isto é, *antiestado* e uma perspectiva contrária a tradição política portuguesa na vida pública brasileira. Monteiro Lobato, diferente de Sílvio Romero, Alberto Torres, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, embora diferentes, mas que defendiam a composição de um Estado forte e atuante capaz de ditar os rumos de uma nação, assemelhava-se à crítica de Manoel Bonfim à herança bragantina como os *males de origem* histórica na América Latina.

¹¹⁷ CHIARADIA, Katia. Literatura, política, petróleo e escândalos: O escândalo do petróleo. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra Adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 285.

¹¹⁸ LOBATO, Monteiro. O Escândalo do Petróleo. In: LOBATO, Monteiro. **Obras Completas de Monteiro Lobato – Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, vol. 13, 1964, p. 210.

Manoel Bomfim, no caso, se contrapôs à narrativa histórica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que buscou a realização de um projeto de uma história nacional no século 19, onde, os usos do passado lusitano projetavam glórias e triunfos para pensar a história brasileira como continuadora de uma certa tarefa civilizatória iniciada pela colonização portuguesa.¹¹⁹ Manoel Bomfim, no entanto, analisou a herança ibérica como responsável pela miséria na política brasileira e o impedimento desta nação desenvolver suas próprias tradições devido a opressão colonial e um regime parasitário sob o qual nasceram e viveram as colônias da América do Sul influiu naturalmente sobre o seu viver posterior, quando já emancipadas.¹²⁰ Assim, considerou que o parasitismo das metrópoles sobre o organismo das colônias alcançou todas as manifestações da vida coletiva, dispensando o indivíduo de progredir, tornando-o incompatível com o progresso e o sentimento da vida.¹²¹ Ademais, Manoel Bomfim complementou ao dizer que

durante o período colonial todo, devido ao sistema de colonização adotado, houve uma corrente contínua de aventureiros, intermediários, representantes de privilégios, funcionários etc., que vinham à colônia fazer fortuna, à margem do parasitismo do Estado.

Por fim, compreendeu que o

Estado existe para fazer o mal, exclusivamente; e esta feição, com que desde o primeiro momento se apresenta ele às novas sociedades, tem uma influência decisiva e funestíssima na vida posterior destas nacionalidades: o Estado é o inimigo, o opressor e o espoliador; a ele não se liga nenhuma ideia de bem ou de útil; só inspira ódio e desconfiança... Tal é a tradição; ainda hoje se notam estes sentimentos, porque, ainda hoje, ele não perdeu o seu caráter, duplamente maléfico – tirânico e espoliador. Em outro capítulo, estudaremos, com pormenores, as consequências todas dessa herança política e os efeitos funestos desta feição, com que se implantou aqui o Estado – incompetência, rapacidade, despotismo e oposição ao bem público. As autoridades não têm nenhuma afinidade com as populações naturais, são-lhes inimigas, se bem que as conheçam mal; não se cuida nem de privar com os povos, nem de estudar as suas tendências e necessidades.¹²²

De modo similar, Monteiro Lobato se opôs também à narrativa do IHGB. O próprio Jeca Tatu, muito mais conhecido pela propaganda de uma consciência sanitária nos sertões, teve como base uma crítica à história idílica e ao romantismo literário sobre os povos originários da terra; que, em suas palavras, serviam como

¹¹⁹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 6.

¹²⁰ BOMFIM, Manoel. **América Latina: os males de origem**. BOMFIM, M. *A América latina: males de origem* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 291.

¹²¹ *Ibidem*, p.123.

¹²² *Ibidem*, p.102.

um falseamento, uma fantasia e um prisma que desnaturava a verdadeira realidade social vivida no interior brasileiro.¹²³ Não foi à toa, também, que o livro de inauguração da Companhia Editora Nacional, recém-criada em 1925, tenha sido o relato de viagem quinhentista de Hans Staden, denominado *Meu cativo entre os selvagens*. O livro condiz com os registros de autobiografia de Monteiro Lobato que demonstram certa preferência aos registros memorialísticos como contraponto a uma espécie de historiografia oficial. Nesse sentido, Hans Staden poderia despertar o interesse do público pela história do Brasil e representar uma ‘história verdadeira’ do passado colonial brasileiro, na qualidade de memória e, portanto, uma voz destoante da história dita ‘oficial’.¹²⁴ Nesse sentido, uma carta à Godofredo Rangel elucida a muito bem o que seria essa concepção de uma história verdadeira:

Parece que ano na idade de ler memórias. Só nelas temos o que é possível de história verdadeira, com os bas-fonds e as cozinhas e copas da humanidade. A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. É um garni uniforme, incolor, tanto na França como na Turquia e Rússia. Mas as memórias são a alcova, as anáguas, as chinelas, a privada, o quintal – a pele quente e nua, ora macia e lia, ora crequenta de lepra – da humanidade, a grande humanidade com “h” minúsculo, esse oceano de machos e fêmeas que come, bebe e ama – e supõe que faz mais alguma coisa além disso.¹²⁵

O que na Revolução Francesa me interessa é o que os estrupidos historiadores à moda clássica não contam. Eu quero fatias de vida da época, conservadas aqui e ali em memórias, em panfletos de despeitados. Interessa-me o bas-fond da revolução, o formigueiro dos interesses inconfessáveis, a trama secreta dos bastidores, os fios que movimentavam os polichinelos políticos – os subornos. A história fala no patriotismo de Danton, na virtude de Robespierre, mas o que me interessa conhecer é o apetite de Danton, a ambição de Robespierre. Os grandes homens aparecem infinitamente mais interessantes, mais homens, quando despidos das falsas atitudes com que os veste a História – esse reposteiro.¹²⁶

Monteiro Lobato insurge, portanto, contra uma historiografia que que fazia os usos do passado para valorizar a colonização portuguesa. Nesse sentido, em toda a sua obra encontra-se uma linguagem depreciativa e hermeneuticamente contaminada com a metáfora da inferioridade. Ou seja, caricaturas que enfatizavam a sociedade brasileira como parasita, defeituosa, traquitana, desordenada,

¹²³ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté, 22 de outubro de 1914... *Op. cit.*, p. 290.

¹²⁴ THEOPHILO, Gabriela. Um índio histórico para uma literatura brasileira, dos românticos aos modernistas. In: DAHER, Andrea. **Passado presente**: usos contemporâneos do “passado colonial” brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p.100-105.

¹²⁵ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté, 09 de maio de 1913... *Op. cit.*, p. 274

¹²⁶ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté, 10 de outubro de 1911... *Op. cit.*, p. 254.

engenhoca, deus-dará, preguiçosa, carro de boi, tábola, trapaceira, doente, viciosa, depende, uma jecatatuasia de oito milhões de quadrados territoriais e uma sociedade que não passava de um mero transplante ibérico em terras americanas e

Numa história geral da caricatura a história da nossa terá meia página, se tanto. E explica-se à mingua. Enquanto colônia, era o Brasil uma espécie de ilha da Sapucaia de Portugal. Despejavam cá quanto elemento antissocial punha-se lá a infringir as Ordenações do Reino. E como o escravo indígena emperrasse no eito, para aqui foi canalizada de África uma pretralhada inextinguível. Até a vinda de Dom Joao o Brasil não passava de índio e mataréu no interior e senhores, feitores e escravos nos núcleos de povoamento da costa, muito afastados entre si e rarefeitos. Em toda essa fase o Brasil não dá de si nenhum bruxuleio de arte.¹²⁷

Em relação ao Estado, Monteiro Lobato disse:

O dever número 1 dos estadistas é, pois, criar condições adequadas ao enriquecimento do país, caminho único que leva à boa ordem social, à cultura, à higidez. Mas como pode o Estado criar estas condições se tudo depende da operosidade dos indivíduos? Da maneira mais simples: não criando obstáculos a essa operosidade. Os grandes homens de Estado não são os que reformam: são os que tiram do caminho os embaraços com que a má-fé, o espírito de parasitismo e a estupidez embaraçam os movimentos do povo. Logo, está nas mãos dos homens de governo promover ou retardar o progresso de uma nação.¹²⁸

Assim sendo, Monteiro Lobato não estava criticando Getúlio Vargas por uma causa nacional como sinônimo de soberania, segurança, proteção, patriotismo, defesa dos direitos do povo brasileiro e de ser contrário ao capital estrangeiro e privado em terras tupiniquim. Monteiro Lobato era empresário, ambicioso, capitalista, defensor da livre iniciativa e do comércio, dono de companhias de petróleo, simpatizante dos rockefellers, enfim, um crítico a intervenção estatal em seus negócios, que ele tanto precisava depois de dívidas, perdas, insucessos e falências editoriais, literárias e financeiras provocadas pela crise do sistema liberal em um momento no qual o Estado torna-se protagonista e cada vez mais intervencionista. Sendo assim, o petróleo era uma esperança, só que para os seus negócios.

À título de exemplo com a qual pode ser visível a fragilidade conceitual, ideológica, ufanista e afetiva em vislumbrar a figura de Monteiro Lobato sendo nacionalista como sinônimo de patriota, cito uma análise de Alice Mitika Koshiyama:

¹²⁷ LOBATO, Monteiro. A Caricatura do Brasil. In: LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Globo, 2008, p. 30.

¹²⁸ Idem, País de tavolagem. In: LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p. 52.

Vimos em Monteiro Lobato uma posição ambivalente, se vista sob o prisma do nacionalismo: era a favor da livre importação do papel estrangeiro, mas era também a favor da imposição de taxas de importação ao livro estrangeiro, principalmente ao livro em língua portuguesa. Mas, se olhadas segundo a lógica do capital, ambas as posições eram coerentes. Enquanto empresário editor e impressor, Monteiro Lobato repudiava a produção nacional de papel que, comparada à importada, era a mais cara. E enquanto empresário editor e impressor queria taxar o livro português, pois este era um concorrente às produções das editoras brasileiras. A dicotomia nacional/estrangeiro, no caso, era uma frágil dicotomia.¹²⁹

Dito isso, o que moveu o espírito crítico lobatiano foi à herança bragantina, de que, caso a colonização fosse feita pelos ingleses ou alemães, o resultado poderia ser a formação de um povo brasileiro mais produtivo e eficiente. Como não foi, o atraso e o parasitismo são caricaturas da cultura brasileira. Afinal, sua interpretação era a de que

O Brasil, filho de pais inferiores, mal-educados, destituídos desses caracteres fortíssimos que imprimem, a talho de buril, um cunho inconfundível em certos indivíduos, como acontece com o alemão, com o inglês, cresceu tristemente, sempre enflanelado porque sempre constipado, a engolir mezinhas e panaceias, e afinal de contas, dando como resultado um tipo imprestável incapaz de continuar a se desenvolver sem o concurso vivificador do sangue de alguma raça original – desses que possuem caracteres inconfundíveis. Em vez de, como as crianças, brincar e pular, promovendo a completa formação dos ossos, adquirindo a rijeza dos músculos pela ginástica, do temperamento por um viver racional, do caráter pela afirmação severa da reciprocidade dos direitos e deveres; em vez de procurar a evolução harmônica do espírito e do corpo, o nosso país se viu criança e já martirizando o cérebro com tarefas impróprias; imberbe e já de casaca; moço e já velho nos hábitos imitados das velhas civilizações ocidentais. [...]. Quis ombrear a sua civilização com a civilização do Velho Mundo, sem se lembrar que a civilização é uma para cada povo assim como a fisionomia é uma para cada indivíduo, e é a resultante dum lento acúmulo de sedimentos seculares crescidos átomo por átomo, transmitidos pela hereditariedade e solidificados pela tradição; a consequência foi brotar uma civilização incolor, morna, incarácterística, instável, impregnada dos vícios das que lhe serviram de modelos e sem nenhuma das suas qualidades. Uma água de barreira dúbia e morna – é o que é a nossa civilização.¹³⁰

A solução, segundo os textos de Monteiro Lobato, ainda que tardia, seria um olhar mais atento ao modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos da América, símbolo de uma nação republicana, moderna, liberal e civilizada no Novo Mundo. Uma boa parte de sua produção intelectual tem como proposta a descolonização dos brasileiros da órbita europeia e, mais exatamente, francesa, buscando situar junto ao poderio dos Estados Unidos da América como modelo de redenção, pois

¹²⁹ KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2006, p. 103.

¹³⁰ LOBATO, Monteiro. A todo transe... *Op. cit.*, p. 100.

havia acreditado que eles romperam definitivamente com o continente europeu ao tocar os rumos do progresso na América no início do século 20. Tal argumento se conecta muito bem com o contexto pan-americanista do final do século 19, em que o imperialismo estadunidense revelava-se como uma de recolonizar a América com a realização dos congressos Pan-Americanistas. Muitos, no Brasil, aderiram a esses discursos; a importância dos Estados Unidos como uma referência de nação republicana, moderna e civilizada no Novo Mundo esteve presente em vários intelectuais do século 19 e 20, como Joaquim Nabuco e o próprio Monteiro Lobato.

De fato, Monteiro Lobato sonhava em ver o território brasileiro alinhado ao modelo de desenvolvimento estadunidense como possibilidade de ser um local rico, eficiente, produtivo, moderno e tecnológico. Influenciado ainda mais pelo que viu e o que conheceu nos Estados Unidos quando, lá, foi Adido Comercial, retornou ao Brasil com a sensação de que o petróleo seria a verdadeira resposta e solução ao *atraso* brasileiro. Funda e se vincula, portanto, a diversas companhias de prospecção petrolífera como a Cia Petróleos do Brasil, Cia de Petróleo Nacional e Cia Mato-grossense de Petróleo, entre outras. O seu espelho era Henry Ford, que o via como uma espécie de guia, um norte e um construtor da atualidade nos Estados Unidos.¹³¹ Já o Brasil, de igual extensão territorial e povoado com mesmos tipos de elementos humanos como europeu, negro e índio, Monteiro Lobato dizia que era um caso perdido e permanecia em um profundo estado de dormência.¹³²

Voltando, portanto, ao seu discurso proferido em 1900 que abriu este tópico: como consertar uma nação encaçada pela colonização bragantina, sem vigor, sem intelectuais e esvaziada de ideias? Apesar do pessimismo e da falta de esperança que o acompanhou desde o início de sua trajetória intelectual, Monteiro Lobato, misturando negócios e anseios intelectuais, se filiou a vários ideais em um contexto no qual as elites emergentes empenhavam-se em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão.¹³³ O seu último ideal, por exemplo, foi o *movimento do imposto único*

¹³¹ FERREIRA, Filipe Augusto Chamy Amorim. **O sonho americano de Monteiro Lobato**: relações Brasil- EUA na obra do escritor. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2019, p. 17.

¹³² LOBATO, Monteiro. Prefácio de A Luta pelo petróleo, de Essad Bey. In: LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Globo, 2009, p. 67.

¹³³ SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 27.

em 1947, de Henry George. Na época, meses antes de sua morte, escreveu um texto-manifesto dizendo que diferente do comunismo que contempla os direitos iguais a terra, água e ar mas prega a socialização do produto do trabalho, o *georgismo* promoveria a reforma do capitalismo sem abalar o status quo, salvando, assim, o mundo da destruição pelo avanço do comunismo.¹³⁴ No imaginário político de Monteiro Lobato, outros e tantos ideais marcaram presença. Cada um ao seu modo, uns com mais engajamento, outros nem tanto. Assim também ocorreu com os intelectuais com os quais vislumbrou originalidade e uma luz a iluminar a terra, como ele mesmo disse, de Jecatatus.

Assim, considerou o economista Carlos Inglês de Sousa (1882-1948), os sociólogos Oliveira Viana (1883-1951) e Gilberto Freyre (1900-1987), o jurista Ruy Barbosa (1849-1923), o educador Anísio Teixeira (1900-1971), os médicos Arthur Neiva (1880-1943) e Renato Kehl (1889-1974), os escritores Machado de Assis (1839-1908) e Euclides da Cunha (1866-1909) como os verdadeiros pensadores, homens de ação e intérpretes da nação. Com Carlos Inglês de Sousa, por exemplo, acreditava que ele poderia livrar São Paulo do caos econômico e realizar o reajuste da economia nacional à base única da prosperidade: a fixidez da moeda.¹³⁵ Já Oliveira Viana, Monteiro Lobato comentou que na estante do sociólogo “não falta a mais recente obra dos penetrantes sociólogos americanos e ingleses, como nenhum dos clássicos universais da ciência que estuda o jogo das raças, sua interpretação recíproca, seu condicionamento pelo meio físico”.¹³⁶ Além disso, complementa:

Mas o valor de Oliveira Viana está em que desses mestres não toma as ideias, e sim os métodos de estudo. Por meio deles apenas apura a sua técnica, apenas aperfeiçoa o seu aparelho mental de análise e observação; O objeto de estudo é o nosso povo, sua contextura de eugenismo dos vários fatores, o modo por que se comportam na reação contra o meio físico formação e evolução, em suma, do povo brasileiro.¹³⁷

Já Anísio Teixeira, Monteiro Lobato afirmou que com a sua inteligência, clara e aguda, Anísio pôde ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos

¹³⁴ SACCHETTA, Vladimir. *Georgismo e comunismo: o imposto único. A última utopia de Monteiro Lobato*. LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra Adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 402.

¹³⁵ LOBATO, Monteiro. Gânglios pensantes. In: LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, Opiniões e Miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010, p. 82.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ *Ibidem*.

pedagogos reformadores daquele período.¹³⁸ Como escritor de livros infantis e editor de manuais didáticos, Monteiro Lobato demonstrou simpatia pelo modelo pedagógico escolanovista, do qual Anísio Teixeira foi um dos principais signatários.¹³⁹ Como o pragmatismo era uma das bases desse modelo, Monteiro Lobato mostrou-se ainda mais interessado, afinal, o próprio conceito pode ser lido como um contraponto aos parasitismos e colocar em proeminência a importância do indivíduo como detentor do pensamento criativo, o autor da ação e de sua aplicação.¹⁴⁰ Que, inclusive, se faz presente em *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* como uma denúncia ao que ele considera ser: idealismo utópico, enquanto o dos norte-americanos por ele é pragmático.

Por último, não menos importante, Gilberto Freyre. Um de suas principais obras foi lida e elogiada por Monteiro Lobato: *Casa-Grande & Senzala*, de 1933. Trata-se de uma obra que apresenta os fatores que possibilitaram a colonização de Portugal na América Portuguesa como o clima, a terra, contatos culturais e luxuriosos que, antes, haviam tido experiência na África e em Portugal. Ou seja, *adaptação, assimilação e hibridismo* como características portuguesas que possibilitaram a colonização brasileira. No entanto, o elogio à obra de Gilberto Freyre indicou que tipo de adesão intelectual ao conteúdo do livro?

O livro também amortiza todo o passado violento provocado pela escravização colonial e os fatores que levaram a constituição do patriarcalismo sob um ponto de vista científico, historiográfico e antropológico. Por ora, considero pertinente citar trecho do prefácio de Monteiro Lobato à obra *Gilberto Freyre* de Diogo de Melo Meneses, em 1944.

Gilberto Freyre tem o destino dos Grandes Esclarecedores. Antes de sua amável e pitoresca lição vivíamos num caos impressionista, atrapalhadíssimos com os nossos ingredientes raciais, uns e a negá-los, como os que têm como 'patriótico' esconder o negro, clarear o mulato e atribuir virtudes romanas aos índios; outros a condenar isto em nome daquilo – tudo impressionismo numa ingenuidade absoluta e muito revelador da mais

¹³⁸ MACHADO, Maria Cristina Gomes; MARTINELLI, Laís Pacifico. Monteiro Lobato e o ideário escolanovista: um modelo de escola no sítio do Pica-pau Amarelo. **Contraponto**, Piauí, v. 17, n. 1, p. 107.

¹³⁹ Após contato com a Escola Nova, Monteiro Lobato empregou os ideais educacionais desse modelo para pensar e projetar o seu modelo de escola, ensino e educação, que pode ser visto em seus livros infantis. *Ibidem*, p. 103.

¹⁴⁰ DEWEY, John. O desenvolvimento do pragmatismo americano. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 5, n. 2, 2007, p. 251.

completa ausência da cultura científica na nossa gente culta e até em nossos sábios.

Felizmente o Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje ainda repetem. Vai ser o que Gilberto Freyre disser. A grande vingança dos gênios é essa. Por mais que os percevejos e morcegos, e a fauna inteira da mediocridade se agitem, o que fica, o de que o futuro toma conhecimento, é o que os gênios querem. Tudo mais desanda para as latas de lixo do Tempo, com boas tampas em cima.

O futuro vai conhecer o Brasil através da obra de Machado de Assis, para a parte psicológica; através da de Euclides, para a parte de 'lineamentos gerais e grandes contrastes'; e sobretudo através da de Gilberto Freyre, para a parte 'vida como a vida foi e gentes como as gentes eram'. E esse Gilberto hoje mordido por toda a *miuçalha quit fait trais petits tours et puis s'em va* será no futuro cada vez maior. Porque o grande panorama da humanidade, em eterna elaboração, não sai da palheta dos percevejos nem dos morcegos, e sim dos gênios – e Gilberto é um dos gênios de palheta mais rica e iluminante que estas terras antárticas ainda produziram.

Até aqui, vimos que o início da trajetória intelectual de Monteiro Lobato foi marcado por calorosas reflexões e críticas à Primeira República. Muitas das quais orientadas por uma falta de perspectiva de futuro, apatia e de um verdadeiro projeto que pudesse dar cabo de desenvolver a economia e modernizar a política e a sociedade distante das heranças coloniais. No entanto, Monteiro Lobato se enveredou por diversos caminhos e alternativas para chegar a tal resultado, como, por exemplo, livros, ferro, petróleo, voto secreto, georgismo, reforma agrária, sanitarismo, eugenia e um alinhamento ao capitalismo estadunidense. O próprio *Choque das Raças ou O Presidente Negro*, livro que aqui será explorado nos dois próximos capítulos, ressaltou não só a importância do alinhamento ao modelo estadunidense, como a solução final para o debate racial que se fazia presente por meio da eugenia. Antes, para dar cabo da proposta desta dissertação de mestrado de discutir a participação de Monteiro Lobato no movimento eugenista brasileiro, torna-se necessário uma reflexão sobre a sua relação com o sanitarismo rural, uma vez que esse movimento construiu pontes, caminhos e redes com o eugenismo, sobretudo com Renato Kehl.

CAPÍTULO II

Monteiro Lobato: sanitarianismo e eugenia

Oswaldo Cruz: ponto de partida e o saneamento urbano

Dentre os mais diferentes capítulos da história da saúde pública brasileira, a preocupação de médicos, cientistas, políticos e de intelectuais com as condições de saúde e higiene que os brasileiros viviam durante as primeiras décadas da república, constituiu uma etapa bastante significativa para a promoção da medicina e da discussão em pensar a construção da nacionalidade sob uma ótica da modernização sanitária. Desde o Império, epidemias como a da febre amarela, cólera, varíola, tuberculose e até mesmo a da peste bubônica, povoavam por uma população estabelecida nos sertões, zonas portuárias e nos centros urbanos rondando medo, pânico e ceifando milhares de vidas no território nacional. Assim, num contexto de preocupação com os destinos da população e a sua configuração racial, uma utopia sanitária invadia o interior e transformava as cidades formulada por uma meta em reverter as perspectivas que avaliavam o brasileiro como improdutivo e inferior, e de sua incapacidade em atingir alguma civilidade futura.¹⁴¹

Em um contexto de modernização cultural com o qual diversos setores da sociedade brasileira experienciavam as invenções do mundo industrial, ritmos de vida europeia e o fenômeno do novo, muitos, sobretudo as elites, ingressaram no século vinte confiantes como as demais nações europeias de um novo tempo, configurando, inclusive, civilização e modernidade como palavras de ordem, ação e instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado.¹⁴² Era a vez dos brasileiros experimentarem ainda mais o tempo das certezas, tendo-os como palco, Rio de Janeiro e São Paulo, que irradiavam aquele clima de euforia e de otimismo cultural vivido no continente europeu que atingiu todos os níveis da experiência social humana com as invenções dos

¹⁴¹ MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarianismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP & A. 2003, p. 19-28

¹⁴² COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 12.

veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafos, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o mediador de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes e o dentífrico, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-Cola, a aspirina, o Sonrisal e, mencionada por último mas não menos importante, a caixa registradora.¹⁴³

A cidade de São Paulo viu nascer uma série de novos hábitos como o futebol, natação, ginástica, automobilismo, motociclismo, aviação, desfiles de moda, ida ao shopping, chás, confeitarias, cervejarias, corridas de cavalo, saunas e danças que caracterizaram o advento de uma cultura modernista durante a década de 1920.¹⁴⁴ Já o Rio de Janeiro, vitrine do país, tornou-se uma capital irradiante das grandes transformações em marcha pelo mundo e ditava os sistemas de valores, modos de vida e as disposições pulsionais que articulavam a modernidade como uma experiência existencial e íntima.¹⁴⁵ No entanto, o Rio de Janeiro, principal porto de exportação e importação do país e o terceiro em importância no continente americano depois de Nova York e Buenos Aires, continuava sendo um celeiro de moléstias e um túmulo de estrangeiros.¹⁴⁶ A atmosfera cultural só valeria apenas com a erradicação dessas doenças que continuavam ceifando vidas, tornando-se um encaço das elites que ansiavam por uma ruptura definitiva com os tempos coloniais.

Junto ao plano de que para enfrentar todos esses problemas era necessário executar, simultaneamente, a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana, havia uma ideia também de que um dos requisitos para uma nação atingir a sua grandeza e a sua prosperidade a solução passava pela solução dos

¹⁴³ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 11.

¹⁴⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 55.

¹⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio, In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 522.

¹⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

problemas de higiene pública.¹⁴⁷ Assim sendo, médicos e cientistas foram discutir as causas daquelas doenças enquanto medidas sanitárias, conselhos de saúde e órgãos de inspetorias foram criados com o intuito de identificar e fiscalizar a insalubridade social tão candente no Rio de Janeiro. Com os pés no chão e os avanços do mundo industrial, aos pouco era possível ver uma incipiente medicina brasileira conquistando espaço em notícias de jornais e nas decisões políticas depois que vários estudantes de medicina se aproximaram do Instituto Pasteur, criado pelo francês Louis Pasteur (1822-1895).

Louis Pasteur foi o responsável pelo avanço dos estudos voltados à microbiologia, bacteriologia, assepsia e imunologia quando verificou que as doenças eram causadas por micro-organismos (germes e bactérias) e não por matérias inanimadas. Daí sua teoria germinal das doenças infecciosas.¹⁴⁸ O Instituto tornou-se um dos principais centros de pesquisa no mundo para quem quisesse estudar vírus, bactérias, fungos, protozoários, vermes e as doenças infecciosas como um todo, atraindo, portanto, estudantes, médicos e cientistas interessados em seus métodos, laboratórios, pesquisas e inovações científicas “decididamente voltado para as práticas de pesquisa, orientado para a melhoria da saúde pública, aberto a todos os pesquisadores capacitados, sem distinção de formação ou de origem geográfica”.¹⁴⁹

No Brasil, um de seus discípulos foi o médico, cientista e sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), responsável pelo programa nacional de erradicação da febre amarela, varíola e peste bubônica no Rio de Janeiro. Oswaldo Cruz foi um dos primeiros estudantes brasileiros a frequentar e estabelecer pontos de conexão da medicina brasileira com o Instituto Pasteur. Lá, Oswaldo Cruz aprofundou os conhecimentos em microbiologia, soroterapia e análises clínicas, além, é claro, de enxergar a importância do saber médico-científico como um saber prático, experimental. Oswaldo Cruz montou um consultório de doenças genitourinárias e um laboratório de análises clínicas, considerado o primeiro da cidade; e equipou o

¹⁴⁷ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 35.

¹⁴⁸ MARCHAND, Marie-Helene. Louis Pasteur e a criação do Instituto Pasteur. In: LIMA, Nísia Trindade; MARCHAND, Marie-Hélène (org.). **Louis Pasteur & Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem*, p. 32.

gabinete de microbiologia e anatomia patológica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.¹⁵⁰

Antes, havia entre médicos e cientistas uma querela sobre as causas de as doenças serem predisposições orgânicas dos indivíduos ou originadas das condições do meio ambiente. Agora, o vocabulário médico passou a falar em exames, diagnósticos, remédios, produção de imunologia, anticorpos, soros, vacina em centros de pesquisa como o próprio Instituto Pasteur, o Instituto Bacteriológico Butantã em São Paulo e o Instituto Soroterápico no Rio de Janeiro, hoje conhecido como Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Assim, visto como um importante pilar no saber médico-científico, Rodrigues Alves, presidente da época, o indicou com amplos poderes para solucionar a causa e a proliferação das doenças infecciosas que aterrorizavam a vida dos cariocas.

O auge desses amplos poderes foi a lei que instituiu a obrigatoriedade da vacina, que levou a rebelião social comumente lembrada como Revolta da Vacina, embora não ter sido um movimento contra a vacinação obrigatória e sim ao autoritarismo sanitário que se alastrou pela cidade derrubando moradias e tratorando os espaços mais carentes. Nesse sentido, havia um movimento sanitário calcado em um higienismo autoritário no combate as moléstias que solapavam a população pobre da cidade por um sanitarismo travestido de elitismo. As habitações coletivas como os cortiços, palafitas e mocambos que se faziam presente na cidadela carioca, por exemplo, passaram a ser vistas como uma ameaça e culpadas pela falta de higiene da cidade e perigosas para a organização do trabalho e para a manutenção da ordem pública.¹⁵¹ Afinal, essas moradias nada mais eram que espaços onde, coletivamente, residiam negros recém libertos da escravidão, brancos pobres e imigrantes vivendo em péssimas condições de moradia, sem saneamento básico, sem educação e sem dignidade.

O higienismo conquistou aderência política na imprensa carioca e a sua praticidade em políticos como o médico Cândido Barata Ribeiro (1843-1910) e o engenheiro Francisco Pereira Passos (1836-1913), então prefeitos do Rio de

¹⁵⁰ PASTEUR, a saúde pública e a pesquisa biomédica no Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade; MARCHAND, Marie-Hélène (org.). **Louis Pasteur & Oswaldo Cruz...** *Op. cit.*, p. 71.

¹⁵¹ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril...** *Op. cit.*, p. 25.

Janeiro no final do século 19 e no início do 20, respectivamente. Pereira Passos, que havia sido convocado por Rodrigues Alves a urbanizar a cidade carioca, iniciou, na verdade, uma ofensiva perseguição aos casarões da área central, “porque eles cerceavam o acesso ao porto”, porque “comprometiam a segurança sanitária”, porque “bloqueavam o livre fluxo indispensável para a circulação numa cidade moderna”.¹⁵² Diversos casarões foram destruídos com a premissa de construir casas com melhores condições higiênicas e de erradicação das moléstias locais. Na verdade, Sidney Chalhoub afirma que a truculência e a perseguição aos cortiços davam-se também pelo motivo de que essas habitações

foram um importante cenário da luta dos negros da Corte contra a escravidão nas últimas décadas do século XIX. Em outras palavras, a decisão política de expulsar as classes populares das áreas centrais da cidade podia estar associada a uma tentativa de desarticulação da memória recente dos movimentos sociais urbanos.¹⁵³

Com a política autoritária de demolição dos cortiços e de uma crise habitacional instaurada com a elevação dos preços dos aluguéis no Rio de Janeiro, acelerou-se uma expressiva ocupação dos subúrbios e dos morros da cidade, evidenciando, assim, um processo de favelização que

constituiu um elemento importante que, associado à construção do casebre como habitação anti-higiênica, permitiu forjar esse novo objeto que passaria, nas décadas seguintes, a constituir o principal alvo das intervenções governamentais sobre habitação da população pobre da cidade. A favela foi, portanto, um efeito da transformação da estrutura perceptiva proporcionada pela medicina, que reorganizou aquilo que se apresentava à experiência, transformando a geografia da cidade do Rio de Janeiro.¹⁵⁴

Penso não ser uma ideologia higienista ou um sanitarismo muito diferente dos dias atuais quando assistimos remoções violentas de pessoas em situação de rua, quando os sem-teto são despertados de manhã com jatos de água fria, quando constroem pedras embaixo de viadutos com a narrativa de retirar a população em situação de rua da rua ou, pior, quando ouvimos discursos contrários às ações solidárias a essas pessoas desprovidas de políticas públicas como atitudes de

¹⁵² SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 23.

¹⁵³ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril...** *Op. cit.*, p. 25.

¹⁵⁴ ALMEIDA, Rafael Gonçalves de. **Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, 2016, p. 63-64.

aporofobia. Sabe-se, por exemplo, que existem milhares de prédios abandonados e a perversidade contra os sem-teto foi uma forma de continuar entregando a cidade para a especulação imobiliária, já que, ainda no século 19, o discurso higienista contra os cortiços “interessou sobremaneira a grupos empresariais atentos às oportunidades de investimentos abertas com a expansão e as transformações da malha urbana da Corte”.¹⁵⁵

Por fim, as ideias que envolveram o sanitarismo urbano continuaram presente em outras ações saneadoras nas primeiras décadas da república, como, por exemplo, a dos sertões. Monteiro Lobato, que em um período de sua vida se filiou as iniciativas saneadoras do interior do território brasileiro, comentou sobre Oswaldo Cruz considerando-o como um ponto de partida de toda uma preocupação médica da população brasileira e o próprio ponto de partida da medicina brasileira como um contraponto às práticas de cura como podemos ver a seguir.

Até Oswaldo o médico no Brasil era o Chernoviz: xaropes, iodureto e a continha. Curava – quando não matava. Prevenir, nunca. O higienismo dormia o sono das crisalidas, apesar do movimento científico universal determinado pelas teorias pasteurianas.

Só o Brasil, desaparelhado cientificamente como uma China antártica, permanecia de lado, combatendo seus males caseiros com as velhas seringas empíricas daquele doutor Purgon de Molière. Foi Oswaldo Cruz quem varreu com a seringa, com o lenço de rapé, com a cartola do mata-sano, e entronizou no lugar dessas rãncidas antigalhas o laboratório e o microscópio.

O povo, cretinizado pela miséria orgânica de mãos dadas à mistificação república, olha em torno e só vê luz no farol erguido por Oswaldo num recanto sereno do Rio. Só de lá tem vindo, e só de lá há de vir, a verdade que salva e vence. Foi de lá que reboou esse veementíssimo brado de angustia que é o livro de Belisário Penna – O saneamento do Brasil -, voz de sábio que escama ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80%, e grito de indignação dum homem de bem contra a ftiríase organizada em sistema político que rói com fúria acarina o pobre organismo inânime.¹⁵⁶

É corrente o grito de guerra: saneamento dos sertões!¹⁵⁷

No âmbito da formação da sociedade brasileira no início do século vinte, a era do saneamento ligava os seus motores imaginando controlar, cuidar e curar a população brasileira das moléstias tropicais em um momento com a qual os médicos

¹⁵⁵ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril...** *Op. cit.*, p. 52.

¹⁵⁶ LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e Outros Textos.** São Paulo: Globo, 2010, p. 21-26

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 88.

agiam como verdadeiros intérpretes e construtores de uma nação. Os cenários da República eram de institucionalização de uma medicina oficial, mas também de disciplinarização de corpos, hábitos, espaços, tempo e da vida das pessoas em busca de uma nação e de um novo povo, como havia alertado o médico Belisário Augusto de Oliveira Penna, um dos principais nomes dessa era, era em que o elogio da beleza dar-se-ia com uma consciência sanitária e purificação de uma raça.

Não conheço missão mais nobre, mais patriótica, mais digna, mais humanitária e mais gloriosa do que a dos governos que instituírem esses postos [de saúde], e a dos médicos que forem dirigi-los e praticar as medidas que lhe forem confiadas, com animo decidido e patriótico, forrado de paciência, tenacidade e vontade firme de vencer a rotina, o empirismo, as credices e a ignorância, e tanto mais meritória e gloriosa, quanto maior for à luta calma e serena contra esses elementos de atraso.

O que se compenetrarem da magnitude e do alcance nacional e humanitário dessa cruzada de redenção da nossa raça, de levantamento dos brios nacionais e de estabelecimento definitivo da nossa nacionalidade, e se dedicares a Ela com entusiasmo e coragem, despidos de vaidades e ambições vulgares, sem preocupação subalternas de competições mesquinhas e destruidoras, terão na história os seus nomes esculpidos em letras de ouro pela gratidão dos pósteros, e darão a prova de que esse imenso e rico território, essa joia de pai, que é o Brasil, bem merece a gente que o povoa. [...].

Saneamento da terra, saneamento da gente, educação higiênica e instrução da população, eis o que deve constituir no momento a preocupação primordial dos governos, dos homens cultos, dos lavradores, dos industriais, de todos aqueles que tenham uma parcela que seja, de responsabilidade, direta ou indireta, próxima ou remota, pelos destinos da nossa nacionalidade de.¹⁵⁸

De uma cidade febril com quarentenas, endemias, mortes e endossada pelo medo, a população carioca arrepiava os fios do cabelo com as políticas saneadoras de extermínio dos agentes etiológicos e dos veículos de transmissão das doenças, embora o sanitarismo fosse perverso, autoritário e racista em nome de um controle epidemiológico e de um novo povo. Ainda assim, as atenções dos sanitaristas migraram para uma outra demanda que surgia: a do saneamento das populações dos sertões e o combate às endemias rurais; por isso o enfático discurso de Belisário Penna, que viu os sertões doentes, desintegrados do litoral e que, portanto, poderiam integrar à imaginada nação com a qual queria dar existência.

¹⁵⁸ Trata-se de um discurso realizado na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora em 1917. O trecho foi transcrito e publicado no capítulo *Belisário Penna, combatente* no livro *Médicos intérpretes do Brasil*, organizado por Gilberto Hochman e Nísia Trindade. Penna *apud* SANTOS, Luiz Antônio de Castro Santos; FIGUEIREDO, Regina Érika Domingos de. Belisário Penna, combatente. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (org.). **Médicos intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 90-94.

Muito diferente do clima de agitação e modernização cultural vivido nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, havia uma população no interior brasileiro hospitalizada e vivendo um tempo diferente: a do descaso, do abandono, do desamparo, da pobreza, da falta de acesso às condições básicas de saúde, anêmicos, avitaminosos, famélicos e doentes. Assim, empreendidas sob a direção de Oswaldo Cruz em 1912, médicos como Carlos Chagas, Arthur Neiva e Belisário Penna, seus discípulos, fizeram diversas expedições científicas e sanitárias com o intuito de observar e levantar a real situação em que encontravam os longínquos rincões e sua gente, com bem assinala o historiador André Mota.¹⁵⁹

O resultado foi um relatório, que revelou para a comunidade médica brasileira um mundo diferente, distante do mundo industrial exalado nas capitais brasileiras do litoral. A divulgação nacional desse mundo invertido descoberto pelos sanitaristas foi com o discurso de um outro médico, Miguel da Silva Pereira, professor à época do discurso, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916. Ali, ancorado no relatório, Miguel Pereira afirmava com veemência que o território brasileiro não passava de um imenso hospital, e o movimento que iria invadir os sertões atingiu a imprensa e setores da política brasileira que vislumbraram uma população atrasada, isolada, desprovidas de progresso e de civilização.

A questão deixou de ser somente médica para ser também um problema de política pública. Afinal, caberia ao Estado solucionar um problema que para além de médico, era social. Havia, portanto, uma necessidade em estabelecer uma conexão discursiva entre os homens de ciência e com os poderes e instituições públicas, tanto regional quanto federal. Apesar de vitimadas por uma cultura política oligárquica e patrimonialista em que as instituições públicas estavam submetidas, houve uma rápida adesão dos estados à política de saneamento e profilaxia rural que fortaleceu o poder central como solução dos problemas sanitários, como analisa Gilberto Hochman, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz. Em sua análise,

para todos aderirem a uma forma de proteção pública e nacional, os custos dessa coletivização deveriam ser percebidos como inferiores aos custos da interdependência, ou menores do que os benefícios da intervenção estatal. A política federal de saneamento e profilaxia rural iniciada em fins da década de 1910 e ampliada nos anos 20 foi, ao mesmo tempo, instrumento

¹⁵⁹ MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP & A. 2003, p. 28.

e solução possível para os problemas de interdependência sanitária da Federal brasileira. Uma das mais importantes consequências dessa política, implementada pelo poder central, foi a constituição e ampliação do poder da autoridade sanitária. Gradativamente, esse processo alteraria, permitindo uma reordenação das relações entre poder central e estados, e entre Estado e sociedade.¹⁶⁰

Assim,

Ao tomar a organização federativa como uma configuração, como um padrão estruturado e mutante de interdependência entre as suas unidades, e entre e o poder central, estou sugerindo que os problemas sanitários devam-se tratados como importantes elos de interdependência entre os estados. Isso porque a comunicabilidade das doenças e das condições sanitárias são externalidades. [...], as doenças comunicáveis, nas suas manifestações endêmicas e epidêmicas, tendem a transpor as fronteiras da unidade federativa onde teriam tido condições de surgir, atingindo, por exemplo, através da água, de vetores ou de contatos interpessoais, via relações sociais e econômicas, outras unidades territorialmente mais próximas, toda uma região ou mesmo todo um país. Portanto, os problemas sanitários de uma localidade podem produzir efeitos externos negativos sobre outras localidades, independentemente de qualquer ação ou desígnio delas. Seriam constituintes da interdependência de diferentes porem contiguas unidades territoriais.¹⁶¹

Nesse sentido, a doença desafiaria e reorganizaria a ordem política derivada do pacto federativo da constituição de 1891. Mais do que isso, o interesse político em relação ao fim as endemias e as epidemias rurais deram-se, também, em uma percepção de que as doenças causaram um estrago em todo mundo, sobretudo na população abastada com a qual havia perdido sua *imunidade social*. Ou seja, a preocupação dos ricos e sadios para com os menos afortunados e doentes e a decisão de agir para combater aquele estado de coisas derivavam da percepção de que a ameaça da doença os tornaria solidários e reorganizaria a sociedade, certamente, a contragosto de muitos; e não de uma concepção ética e moral.¹⁶²

De qualquer modo, os sanitaristas culpavam as autoridades públicas em todos os níveis como as verdadeiras responsáveis pela miserabilidade dos sertões,¹⁶³ recusando, portanto, explicações deterministas; e sim a falta de educação higiênica e consciência sanitária que deveriam ser tratadas como um programa nacional e patriótico, onde o ideal sanitário conquistasse espaços e diversos setores da sociedade. Nesse sentido, o sanitarismo precisava ganhar contornos ainda maiores, não restringindo a *ideia* somente aos médicos e cientistas. Por isso, um

¹⁶⁰ HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento...** *Op. cit.*, p. 144.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 152.

¹⁶² *Ibidem*, p. 52.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 67.

dos primeiros passos foi com a criação de uma organização que pudesse reunir indivíduos dos mais variados setores da sociedade com a devida convicção de que poderiam recuperar, curar e cuidar daquela população, que foi a Liga de Pró-Saneamento do Brasil, criada em 1918, sob a direção de Belisário Penna.

Havia um compromisso entre os sanitaristas de estabelecer redes, pontes e acessos que os levassem a concretização dos seus ideais de educar e higienizar a população. Assim, para além do círculo médico especializado e letrado, Belisário Penna passou a publicar em diversos espaços de informação como forma de sair dos laboratórios e divulgar o movimento, além, é claro, de se expor como um nacionalista militante e construir suas bases, redes, pontes e acessos.¹⁶⁴ Tratava-se de um movimento a serviço da nação onde não existissem diferenças geográficas e sim, um sentimento de união, dizia Penna; um serviço capitaneado pelas forças centrais do pacto federalista e de pessoas aptas e dispostas a sacrificar-se em um trabalho árduo e fatigante,¹⁶⁵ que é quando Monteiro Lobato entra em cena. Na época, Monteiro Lobato frequentava à imprensa brasileira escrevendo diversos artigos quem faziam críticas à república, uma marca em sua trajetória intelectual. Mas os seus esforços não eram a crítica pela crítica, mas a de propostas para a construção de uma nação, devidamente moderna, e eficiente.

Em 1918, ano em que os sanitaristas estão acalorados com o grito de guerra do sanitarismo nos sertões, Monteiro Lobato tornava-se dono de uma das principais revistas daquele momento que, em seguida, o movimentaria para o mundo dos livros; ora editor, ora escritor. Trata-se da *Revista do Brasil*, anteriormente denominada *Cultura* e idealizada por Júlio de Mesquita, em 1915. Com a compra, Monteiro Lobato reinventava a revista investindo em uma ampla rede de divulgação, multiplicando os assinantes e reformulava a aparência estética da revista, tornando-a comercialmente lucrativo um empreendimento que era deficitário.¹⁶⁶ Assim, numa fusão de interesses comerciais a um tipo particular de nacionalismo, a revista tornou-se um núcleo de propaganda nacionalista que justificava a ausência de uma

¹⁶⁴ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O Saneador do Brasil: Saúde Pública, Política e Integralismo na Trajetória de Belisário Penna (1868-1939)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019, p. 58.

¹⁶⁵ PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1923, p. 296.

¹⁶⁶ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida...** *Op. cit*, p. 28.

consciência nacional como um dos impasses ao progresso e a independência cultural do Brasil.¹⁶⁷ Dentre os mais diversos assuntos e temas circulados na revista, “sonhos embalados pelo ideal de revalorização higiênico sanitário do homem brasileiro e sombrias propostas eugênicas” como possibilidades de ressignificar a questão étnica brasileira”, marcaram presença.¹⁶⁸ Tânia Regina de Luca, historiadora destacada em estudos sobre imprensa e sobre a própria *Revista do Brasil*, identificando-a como um diagnóstico para a (n)ação, comenta que:

A *Revista do Brasil* publicou abundante material sobre a questão sanitária. Ela passou às mãos de Lobato em meados de 1918, exatamente no momento em que os debates em torno do tema atingiam seu ponto de maior efervescência. Uma de suas primeiras atitudes à frente do periódico foi providenciar a organização de uma edição especial dedicada ao problema, que acabou não se concretizando pelo fato de os artigos não terem chegado em tempo hábil. A revista acabou por publicá-los separadamente ao longo de vários números.¹⁶⁹

Tendo em vista que a *Revista do Brasil* se preocupava também com a atuação político e intelectual de São Paulo no cenário nacional, Tânia Regina de Luca comenta que o periódico reservou um amplo espaço para a divulgação das medidas tomadas por Arthur Neiva, cujo trabalho remonta a expedição sanitária junto a Belisário Penna, bem como à Inspetoria de Profilaxia da Febre Amarela, ao Instituto Soroterápico Federal e à função de diretor no Serviço Sanitário Paulista no final de 1916.¹⁷⁰ Arthur Neiva, antes de vir a ser um influente e importante amigo de Monteiro Lobato, o convidou, em 1918, para uma excursão à Iguape, município de São Paulo, “no qual pôde ver o cotidiano dos trabalhos de combate à opilação e à malária. A participação do literato em tal expedição foi primordial para a sua adesão à campanha pró-saneamento”.¹⁷¹

Neiva convidou-me a acompanhá-lo e lá fui nove da noite, sem saber ao que. Penetramos na mata alguns quilômetros fora da cidade. Vi-o apear-se e acender a lanterna elétrica, e correr a luz pelo couro do cavalo em procura das anofelinas que incontinenti acudiram àquele inesperado banquete. Uma hora passou ele assim, caçando mosquitos, e dissertando sobre as particularidades de cada espécie. O caso era este: havia daquelas bandas um foco malárico resistente a todos os trabalhos da profilaxia – drenos, roçados etc. [...]. Nessa noite compreendi o homem e alcancei a força

¹⁶⁷ LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 97.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 186.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 211.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 217.

¹⁷¹ LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. **Nacionalismo militante: uma análise da correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-1942)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020, p. 15.

tremenda que se potencializa nos apaixonados da ciência. Pela primeira vez em São Paulo um diretor do Serviço Sanitário esquecia as suas funções burocráticas e fazia ciência pessoalmente à moda de Oswaldo.¹⁷²

A *Revista do Brasil* tinha uma função política. O seu papel era a de atuar como um lugar de disputa social reunindo diferentes ideais, mas alinhadas em um ideal comum: a de construir uma nação. Nesse sentido, penso que a adesão de Monteiro Lobato à campanha sanitária deveu-se muito mais a fatores mercadológicos do que necessariamente ideológicos, pois, levando em consideração os artigos *Velha Praga* e *Urupês*, ambos publicados em *O Estado de São Paulo* em 1914, existe uma interpretação bastante diferente quando se discute os males de origem da pobreza vivida nos sertões com o que os sanitários interpretavam. Ou seja, as péssimas condições vividas pela população sertaneja eram determinadas por fatores geográficos e raciais ou pela falta de política pública e consciência sanitária e?

O primeiro artigo, *Velha Praga*, foi uma exasperação de Monteiro Lobato contra as práticas incendiárias do trabalhador rural no Vale do Paraíba, enquanto o segundo, por sua vez, denunciava o romantismo indianista como um instrumento de falsificação da real condição vivida pelo caboclo no interior de São Paulo. Com esses dois artigos, Monteiro Lobato despontava no cenário nacional como um ferrenho crítico ao trabalhador rural paulista e à historiografia indianista por meio do emblemático Jeca Tatu, que possibilitou “marcar um intenso processo de participação no meio jornalístico de maior calibre tanto em número de leitores quanto em finanças”.¹⁷³

Na época, Monteiro Lobato era proprietário da fazenda São José do Buquira, herança póstuma deixada pelo seu avô, em 1911. Como fazendeiro e consciente de que o avô foi um empresário e também um rico cafeicultor, Monteiro Lobato empenhou-se em fazer da fazenda um local de negócios com investimentos em tecnologias para a modernização da agricultura, cultivo de café e criação de animais [geneticamente modificados] como aves, bois, cavalos e porcos.¹⁷⁴ No entanto, durante essa etapa de sua vida, ele pôde, de perto, acompanhar a rotina, hábitos e o modo de vida do trabalhador rural, vendo-o como uma praga da terra e não como um

¹⁷² LOBATO, Monteiro. Artur Neiva. In: LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010, 98.

¹⁷³ VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. São Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 19. [Livro eletrônico].

¹⁷⁴ JATOBÁ, Roniwalter. **O Jovem Monteiro Lobato**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012, p. 65.

sujeito belo, saudável e valente, como afirmou a Godofredo Rangel no dia 22 de outubro de 1914:

Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de índio, caboclo.¹⁷⁵

O realismo presente nos dois artigos de Monteiro de Lobato advém, portanto, de sua observação *in loco* como fazendeiro no interior de São Paulo. Dessa maneira, Monteiro Lobato buscava inverter a narrativa indianista de José de Alencar, Gonçalves Magalhães e de Gonçalves Dias com a qual o indígena passou a ser retratado na literatura sendo bom, corajoso e leal para comprovar a sua civilidade, buscando-o representar como o herói nacional para os brasileiros, e, naquele período, como uma civilização entre as nações europeias.¹⁷⁶ Monteiro Lobato, no entanto, viu isso como um falseamento que provocava visões distorcidas da verdadeira realidade social no interior do Brasil. Cito, aqui, um longo, mas importante excerto do artigo *Urupês*, que claramente ilustra a crítica de Monteiro Lobato ao indianismo de Alencar:

Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza de alma e corpo.

Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio, brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci.

Por infelicidade nossa – e de Dom Antônio de Mariz -, não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. Do contrário lá teríamos o filho de Até a moquear a linda menina num bom braseiro de pau-brasil, em vez de acompanhá-la em adoração pelas selvagem como Ariel benfazejo do Paquequer.

A sedução do imaginoso romancista criou forte corrente. Todo o clã plumitivo deu de forjar seu indiozinho refogado de Peri e Atala. Em sonetos, contos e novelas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aimorés sanhudos, com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora.

[...]

Não morreu, todavia.

Evoluiu.

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado.

¹⁷⁵ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté (Fazenda), 22 de novembro de maio de 1914... *Op. cit.*, p. 292.

¹⁷⁶ THEOPHILO, Gabriela. Um índio histórico para uma literatura brasileira, dos românticos aos modernistas. *In*: DAHER, Andrea. **Passado presente**: usos contemporâneos do “passado colonial” brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2017, p. 44 *et. seq.*

Crismou-se de ‘cabocismo’. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palaha rebatido à testa; a ocará virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxad; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.

Este setembrino rebrotar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os frutos. Terá o seu ‘I Juca-Pirama’, o seu ‘Canto do Piaga’ e talvez dê ópera lírica.

Mas, completado o ciclo, em flor da ilusão indianista virão destroçar o inverno os prosaicos de ídolos – gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o ícone com as curetas da ciência. E que feias se hão de entrever as caipirinhas cor de jambo de Fagundes Varela! E que chambões e sornas os Peris de calça, camisa e faca à cinta!

Isso, para ofuturo. Hoje ainda há perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o ‘Aí Jesus!’ nacional.¹⁷⁷

Já o artigo, *Velha Praga*, o primeiro, “causou bastante polêmica e foi transcrito em sessenta jornais pelo país afora, precedido de elogios”.¹⁷⁸ Nele, o herói e valente índio Peri deu lugar ao anti-herói e melancólico Jeca Tatu, descrito por Monteiro Lobato como piolho da terra, feio, parasita, doente, analfabeto, preguiçoso, improdutivo, alcoólatra, incivilizado, semisselvagem e que vota, mas nunca sabe em quem votar, como pode ver a seguir:

Qual a causa da renitente calamidade? [Incêndios na Serra da Mantiqueira]

A nossa montanha é vítima de um parasita, umpiolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domesticas. Poderíamos, analogicamente, classifica-lo entre as variedades do “Porrigo decalvans”, o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele reside se vai despojando a terra de seu coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada [...].

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silencio, com o seu cachorro, o seu pião, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna.¹⁷⁹

Foi dessa maneira, portanto, que Monteiro Lobato apresentou as suas veleidades intelectuais de um homem do interior para a imprensa e redes, comunidades intelectuais da época: um escritor queixoso e subversivo, interessado em escovar a história a contrapelo por meio de dois artigos curtos e precisos. Mesmo criado como um contraponto à ficção literária indianista, existe a presença de teorias

¹⁷⁷ LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Globo, 2009, p. 167 *et. seq.*

¹⁷⁸ CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 16.

¹⁷⁹ P.

raciais na construção do Jeca Tatu que servem de pistas de sua preferência muito mais ao ideário eugenista brasileiro do que o dos médicos sanitaristas.

Nos dois artigos, o clima, o meio e toda uma geografia determinista como o de Henry Thomas Buckle e de Hippolyte Taine são utilizados como fatores determinantes para explicar o Jeca *ser assim*: uma praga da terra. Logo, o trabalhador rural estava condenado àquela fatídica situação por causa do lugar no qual vivia e por causa da raça a qual pertencia, não sendo passível de salvação que, como vimos, no imaginário de boa parte dos intelectuais brasileiros do final do século 19 e do início do 20, estavam presentes teorias raciais como o darwinismo social, evolucionismo e o positivismo, os quais identificavam a raça como um fator essencial para o desenvolvimento de uma nação entre superiores e inferiores.

O Jeca Tatu não era baseado somente na experiência de Monteiro Lobato como fazendeiro e uma aversão ao romantismo indianista. Tudo indica que a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, matriz referencial do massacre da guerra do Exército contra Canudos na Bahia, foi um importante aliado em sua interpretação do caboclo paulista. A guerra, na obra de Euclides da Cunha, se fez como um produto dos contrastes sociais resultante do desconhecimento de dois brasis, geograficamente e biologicamente separados em sertão e litoral, sertanejo e mestiço. Monteiro Lobato também. Na esteira da crítica euclidiana de que o sertanejo era uma subcategoria étnica já constituída, Monteiro Lobato, por sua vez, descreveu o caboclo como uma pobre criatura residual e sub-racial que abarrota o interior, revelado a Godofredo Rangel em 1916.

O caboclo é um Menino Jesus étnico que todos acham engraçadíssimo, mas ninguém estuda como realidade. O caipira estilizado das palhaçadas teatrais fez que o Brasil nunca pusesse tento nos milhões de pobres criaturas humanas residuais e sub-raciais que abarrotam o Interior. Todos as têm como enfeites da paisagem – como os anões de barro de certos jardins da Pauliceia.¹⁸⁰

Por outro lado, enquanto em *Os Sertões* o sertanejo é relatado como um sujeito forte desprovido do raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral brasileiro,¹⁸¹ em *Urupês*, o caboclo é ficcionalizado como fraco, doente, apático e

¹⁸⁰ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté (Fazenda), 07 de fevereiro de 1916... *Op. cit.*, p. 343.

¹⁸¹ CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: volume I. São Paulo: Abril, 2010, p. 138.

preguiçoso. De qualquer modo, apesar de tais diferenças, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato interpretaram a vida no interior à luz dos determinismos geográfico e biológico. Ademais, Monteiro Lobato exaltava Euclides da Cunha como um gênio ao afirmar que ele “foi o primeiro a ver a realidade do conjunto, a tragédia do homem derrotado pelo meio” e que tal obra rompeu com o marasmo intelectual e literário brasileiro.¹⁸² Teria sido, portanto, Monteiro Lobato o segundo a fazer isso? A propósito, no período em que morou na cidade de Areias, São Paulo, Monteiro Lobato enviou uma carta a Godofredo Rangel comentando que a experiência naquela cidade poderia proporcioná-lo a escrever um livro como o de Euclides da Cunha.¹⁸³ Daí, penso, o surgimento dos artigos e, como um todo, de *Urupês*.

Como os médicos e sanitaristas identificaram a moléstia no interior do país como um impasse nacional a ser resolvido, nada melhor do que ter como aliado naquela empreitada, Monteiro Lobato, vitrine do trágico Brasil rural. No entanto, os sanitaristas recusavam os determinismos geográfico e racial como explicações para a proliferação de doenças no interior do Brasil. Logo, o Jeca Tatu não poderia ser utilizado como um símbolo de redenção nacional na campanha, pois, tanto em *Velha Praga* quanto em *Urupês*, o Jeca estava condenado e inapto a uma absolvição civilizatória devido a sua raça e a sua geografia. Por esse motivo, a interpretação lobatiana sobre o caboclo precisava de mudanças e a viagem à Iguape para, de perto, observar os trabalhos dos sanitaristas com o Arthur Neiva, foram fundamentais nesse processo de aproximação ao sanitarismo nos sertões.

Quem, por viver no mundo da Lua, inda descrê do nosso estado coletivo de doença, e atribui esta campanha do saneamento a mil e um móveis, menos ao único real: desejo ou ânsia de ver queimar-se o derradeiro cartucho na defesa da nacionalidade vacilante, que vá a Iguape. Que vá a Iguape que de lá voltará apóstolo. Iguape lhe porá ante os olhos, em que eloquente epitome, o quadro geral da caquexia orgânica em que emperrou o país. Iguape é o Brasil.¹⁸⁴

Além disso, Monteiro Lobato afirma que, agora,

Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais a filhos e agravado dia a

¹⁸² LOBATO, Monteiro. Euclides, um gênio americano. In: LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p. 248 *et. seq.*

¹⁸³ *Idem*. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté (Fazenda), 14 de maio de 1907... *Op. cit.*, p. 147.

¹⁸⁴ LOBATO, Monteiro. Iguape. In: LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e Outros Textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 80.

dia. Graças à orientação de Arthur Neiva a campanha foi iniciada de modo a demonstrar por A mais B não só a nossa capacidade científica, como também a nossa capacidade organizadora. A ofensiva de Iguape merece ser divulgada com amplitude para orientação das subseqüentes, e lição aos incréus.¹⁸⁵

Por fim,

O nosso problema, verificado que foi o mau estado da população nativa, é simples e uno: sanear. Para sanear é forçoso, preliminarmente, convenceremos o país da sua doença; e em seguida fazer dessa ideia o programa de todos os governos, a ideia fixa de todos os particulares. Tudo mais rola para o plano secundário.

Sanear é a grande questão.

Não há problema nacional que não entrose nesse.

Só a alta crescente do índice da saúde coletiva trará a solução do problema econômico, do problema imigratório, do problema financeiro, do problema militar e do problema político.

Não fazer isso é condenar-nos ao papel de adubo inerte a flora alienígena afunda as raízes ávidas, para viçar e florir nos regalos da conquista pacífica.

Não fazer isso é morrer na lenta asfixia da absorção estrangeira.

Não fazer isso é apodrecer.¹⁸⁶

Ao se filiar à narrativa sanitarista, Monteiro Lobato oportunizou que médicos e intelectuais entusiastas àquela causa que publicassem artigos sobre o tema na *Revista do Brasil*. Belisário Penna, por exemplo, figura chave nesse processo tanto pelo seu esforço médico-intelectual em iniciar uma frente de ação mais combativa e propagandística do movimento sendo paulatinamente reconhecido como autoridade no tema ao ponto de participar de palestras para diferentes públicos, eventos políticos, escritos na imprensa ou em qualquer lugar que lhe oferecessem espaço,¹⁸⁷ quanto, também, pela contribuição publicitária de Monteiro Lobato dos ideais de Penna por meio do novo Jeca Tatu. Como estava em jogo a ideia de produzir uma consciência sanitária, Leonardo Dallacqua afirma que

Além das diversas Ligas que endossavam o sentimento nacional e a defesa da soberania a partir da assistência ao sertão, a atuação de personagens como Monteiro Lobato foi significativa para a expansão da propaganda sanitária e para a consolidação da figura de Penna como o bandeirante do saneamento. As redes intelectuais tecidas durante a campanha do saneamento contribuíram para a construção de Penna como homem público e para que o seu projeto fosse reconhecido pelas autoridades administrativas como uma possível solução para o país.¹⁸⁸

¹⁸⁵ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁶ LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e Outros Textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 59.

¹⁸⁷ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O Saneador do Brasil: Saúde Pública, Política e Integralismo na Trajetória de Belisário Penna (1868-1939)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019, p. 62-63.

¹⁸⁸ *Idem, Ibidem*, p. 71.

Monteiro Lobato, empolgado com o sanitarismo, publicou uma série de artigos em *O Estado de São Paulo* com a finalidade de exaltar a importância médica e social do sanitarismo rural na construção de uma nação forte, saudável e eficiente. Tais artigos, sob o patrocínio da Liga Pró-Saneamento do Brasil e da Sociedade Eugênica de São Paulo, foram coletados e publicados em um livro intitulado *O Problema Vital*, de 1918. Composto por artigos e crônicas por meio das quais Monteiro Lobato faz um mergulho nas vicissitudes que vive o sertanejo, o descaso em relação às condições dos trabalhadores rurais e a miséria do sertão,¹⁸⁹ suas referências concentram-se em Belisário Penna, elegendo-o como o denunciante da situação sanitária.¹⁹⁰ Ou seja, raramente o sanitarista deixa de ser citado nos capítulos, o que significava o reconhecimento pela liderança de Penna no projeto do saneamento [ou, talvez, um marketing editorial].¹⁹¹

Apesar do livro sem concentrar em Belisário Penna, Monteiro Lobato era amigo de Arthur Neiva, também sanitarista. Há cartas, artigos e textos que elogia e reconhece os trabalhos realizados por Arthur Neiva, sobretudo em São Paulo porque, segundo Monteiro Lobato, Arthur Neiva era um exemplar acabado do sábio moderno, confiante e com os olhos para o futuro, rijo no trabalho, frio às injunções do presente, criador, ampliador e norteado por um determinismo científico.¹⁹² Além disso, Monteiro Lobato enxergava em Arthur Neiva o tipo ideal de um intelectual brasileiro porque nunca se limitava

a organizar um serviço; vai ver, cheirar, apalpar; identificar-se com ele, apaixona-se, e com o exemplo transmite aos seus auxiliares aquele fervoroso interesse sem o qual todo o serviço encrua em caquetismo burocrático. Foi assim que remodelou, inteira, a organização sanitária de São Paulo.¹⁹³

Ademais, os artigos presentes em *O Problema Vital* colocaram Oswaldo Cruz como um mestre criador e responsável por essa nova era médica no Brasil e de ter deixado legados vistos nos trabalhos desempenhados como o de Arthur Neiva e de Belisário Pena. Há, ainda, textos que sintetizam os números de brasileiros e brasileiras infectados pela *ancilostomose* (Amarelão, Opilação ou Doença do Jeca

¹⁸⁹ PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil.** – Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 134-135.

¹⁹⁰ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O Saneador do Brasil...** *Op. cit.*, p. 72.

¹⁹¹ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O Saneador do Brasil...** *Op. cit.*, p. 73.

¹⁹² LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, opiniões e miscelânea.** São Paulo: Globo, 2010, p. 98.

¹⁹³ *Idem, Ibidem*, p. 99.

Tatu), que tratam do avanço da *Tripanossomíase americana* (Doença de Chagas), da malária e da sífilis, que enfatizam a necessidade do combate às moléstias para garantir uma saúde financeira e econômica do Brasil. Dito isso, Monteiro Lobato destacou alguns passos fundamentais para sanear o Brasil, que seriam

Examinar os problemas vitais com olho clínico e não com a ponta da língua jornalística. Encomendar opiniões ao microscópio e não ao senhor Pau Adam. Ouvira voz do laboratório e nunca a chiadeira do patriotismo zarolho. Pedir números à estatística e jamais adjetivos sonoros às patativas chocadas pelo ovo botado por Pangloss.¹⁹⁴

No interior do movimento sanitaria e do próprio *Problema Vital*, existe uma denúncia às autoridades públicas sobre a falta e a não participação do Estado no combate às moléstias e, ainda por cima, fortes críticas ao federalismo republicano, como pode ser lido na citação a seguir:

Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua robustez e saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos. Pela capacidade de trabalho, mantêm eles sempre elevado o nível da produção econômica; pela saúde física, mantêm em alta o índice biológico da raça, pois é com o sangue e o musculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade.¹⁹⁵

Sua adesão ao sanitarismo permitiu com que o Jeca Tatu ganhasse uma nova roupagem para atender as demandas da causa sanitária. Os dilemas vividos pelo Jeca passaram a ser descritos como tratáveis e passíveis de mudança a partir de uma educação sanitária e médico-científica. O Jeca, que era um pobre caboclo, fraco, alcoólatra e doente, agora, pode vir a ser um valente e rico fazendeiro graças às medidas profiláticas dos médicos sanitaristas. O Jeca Tatu, portanto, tornou-se uma figura importante como um instrumento de propaganda para a construção de uma consciência sanitária àqueles que pouco conheciam de higiene, medicina e de vacina. Assim, o personagem passou a servir como um exemplo de superação, como pode ser lido na citação abaixo:

Meninos: nunca se esqueçam dessa história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para vocês um alto negócio. Vocês verão o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela quantidade de habitantes. Vale pelo

¹⁹⁴ LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e Outros Textos...** *Op. cit.*, p. 58.

¹⁹⁵ LOBATO, Monteiro. **Problema vital, Jeca Tatu e Outros Textos...** *Op. cit.*, p. 48.

trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí.¹⁹⁶

Houve diversas transmutações do Jeca Tatu. Primeiro, aquele que retratava o caipira como uma praga da terra devido ao meio e a sua raça; depois, tornou-se elemento literário como propaganda do sanitarismo rural; depois, o *Jeca Tatuzinho* e o *Zé Brasil*, criado respectivamente em 1924 e em 1947 pelo próprio Monteiro Lobato. O *Jeca Tatuzinho* serviu como um instrumento publicitário dos produtos farmacêuticos produzidos por Cândido Fontoura (1885-1974) ao público infantil. Cartilhas, panfletos e histórias destinadas às crianças com o objetivo de divulgar e comercializar o Biotônico, cujo benefício era o de tratamento da falta de ferro no sangue causado pela *ancilostomíase*, conhecida também como *amarelão* ou doença do Jeca tatu.

Já em relação ao *Zé Brasil*, Tania Regina de Luca comenta que se trata de um trabalhador rural submetido aos caprichos e à exploração de um grande latifundiário, personificando milhares de outros indivíduos que, em todo o Brasil, partilhavam as mesmas dificuldades e injustiças, perpetradas por um punhado de coronéis, tal como o Tatuíra no texto lobatiano.¹⁹⁷ Tal personagem localiza-se em um contexto no qual Monteiro Lobato se aproxima das causas defendidas por Luiz Carlos Prestes e de Caio Prado Júnior, historiador marxista e um dos proprietários da *Editora Brasiliense*. Tania Regina de Luca comenta que os editores se preocupavam com a realidade nacional, num momento de declínio patente do Estado Novo varguista e na qual a questão agrária figurava como destaque.¹⁹⁸ *Zé Brasil*, portanto, defendia a reforma agrária em uma editora onde havia diversas reuniões de intelectuais de esquerda, muitos dos quais ligados ao Partido Comunista Brasileiro.¹⁹⁹

Há uma historiografia que sustenta a tese de um possível perdão ou de uma retratação dos problemas do Jeca Tatu por parte do seu autor quando estabelece pontes e laços com o ideário sanitarista. Quem escreve ou comenta algo sobre o

¹⁹⁶ LOBATO, Monteiro. A ressurreição... *Op. cit.*, p. 111.

¹⁹⁷ LUCA, Tânia Regina. *Zé Brasil em perspectiva: contexto de produção e circulação*. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 358.

¹⁹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 365.

¹⁹⁹ LUCA, Tânia Regina. *Zé Brasil em perspectiva: contexto de produção e circulação*. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato... Op.: cit.**, p. 365.

Jeca Tatu, tende a lembrar da conhecida frase de que *O Jeca não é assim; está assim*, presente na abertura de *O Problema Vital*, de Monteiro Lobato. Na verdade, Monteiro Lobato não altera a imagem do Jeca Tatu²⁰⁰, ele o inocenta e perde perdão por estar doente e não por causa de raça, já que o olhar crítico sobre o personagem e as hierarquias raciais permanecem em artigos e em representações gráficas em diversas edições da *Revista do Brasil*. Como as repercussões do sanitarismo impactaram o território brasileiro tornado a saúde uma questão central no debate político nacional em páginas de jornais, na tribuna do Congresso Nacional e na sociedade brasileira como um todo, Monteiro Lobato, empresário, empresário da culta e ambicioso, pode ser que a transmutação de um Jeca Tatu sadio resultou de uma tentativa em aumentar os seus lucros, vide o contexto de compra de uma revista deficitária. Assim, Julieta Brites Figueiredo comenta que

Ao ser financiado pela Liga Pró-Saneamento, o Jeca passou a representar um pote de ouro para Monteiro Lobato, tanto no aumento expressivo na venda do livro *Urupês*, quanto na publicidade de medicamentos e campanhas higienistas, tornando-se seu personagem predileto. Mas pelo que parece, tomando como referência seus discursos ambíguos, essa predileção se dava mais pelo bônus financeiro, do que efetivamente pela crença nos ideais higienistas.²⁰¹

Defendo, portanto, que a ideia de um perdão de Monteiro Lobato em relação ao Jeca Tatu pode naturalizar a sua imagem como um apaixonado e entusiasta pela campanha sanitarista e encobrir o ativismo de superioridade racial, revelado em cartas, artigos, edições de livros, redes intelectuais e em *O Choque das Raças* ou *O Presidente negro*, publicado oito anos depois de *O Problema Vital* como uma solução final ao debate racial brasileiro defendendo o fim das populações negras ou a divisão racial do território brasileiro por meio da eugenia. Afinal, os primeiros trabalhos sobre eugenia apresentados no Brasil foram em 1910 por meio de pequenos artigos de João Ribeiro, Erasmo Braga e Horácio Carvalho e o interesse dos intelectuais brasileiros em divulgar os preceitos eugênicos ocorreram em

²⁰⁰ Até hoje, inclusive, “o nome do Jeca é utilizado sempre que se tem a intenção de inferiorizar o comportamento ou a vestimenta de alguém, além de ser encontrado nos dicionários como sinônimo de ridículo, sertanejo, brega, cafona, caipira, matuto e rústico”. FIGUEIREDO, Julieta Brites. **Em nome da ciência:** a Revista do Brasil e as representações Eugênicas/Higiênicas no período Lobatiano (1918-1925). Tese (Doutorado), UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019, p. 73.

²⁰¹ *Idem, Ibidem*, p. 67.

diversas faculdades de medicina de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia.²⁰²

Contudo,

A hora e a vez da eugenia no Brasil chegou somente no final da década de 1910, quando o médico e eugenista Renato Kehl iniciou uma grande campanha de divulgação da eugenia no meio médico e intelectual brasileiro. Seu primeiro trabalho resultou de uma conferência realizada na cidade de São Paulo, em 1917, a convite de empresários norte-americanos que dirigiam a Associação Cristã de Moços. Intitulada *Eugenia*, a conferência recebeu uma publicação na íntegra pelas páginas do *Jornal do Comércio*, o que possibilitou maior repercussão no meio intelectual paulista.²⁰³

Quem, dentre vários leitores gostou do conteúdo e da proposta de Renato Kehl, foi Monteiro Lobato. Apesar de os dois não terem se conhecido antes, porém estarem em uma mesma formação discursiva onde os conceitos de raça e identidade nacional se entrelaçavam, nasceu, em tal momento, a relação de um médico eugenista, Renato Kehl, e um literato, Monteiro Lobato.²⁰⁴ Como demonstração de interesse pelo tema, Monteiro Lobato enviou uma carta em abril de 1917 a Renato Kehl que marcaria o “início a uma relação produtiva e duradoura entre o futuro de famosas histórias infantis e o principal protagonista do movimento eugênico brasileiro”.²⁰⁵

Acabo de ler sua conferência sobre eugenia, lida na A. C. de M. e confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular.²⁰⁶

Ao publicar *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, oito anos depois de *O Problema Vital*, Monteiro Lobato anunciava uma ode a eugenia identificando as raças e o meio como elementos de degeneração racial e as suas referências, os trabalhos de Renato Kehl. Nesse sentido, compreendo que a sua adesão ao movimento sanitarista foi menos uma participação político-editorial do que necessariamente uma participação ideológica, e podemos comprovar isso as

²⁰² SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 59.

²⁰³ *Ibidem*, p. 63.

²⁰⁴ HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926)**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.

²⁰⁵ *Ibidem*.

²⁰⁶ (Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 06/04/1918. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.).

dedicatórias do livro que são indícios de uma afinidade de Monteiro Lobato com a eugenia, sobretudo a negativa.

O romance: indícios de uma ode à eugenia

Sabemos que o ato de dedicar um livro a alguém é uma forma de gratidão intelectual ou de uma homenagem que expressa admiração pelo trabalho do outro, ou, também, inspiração para o assunto abordado no livro. Assim, dentre os indícios de que *O Choque das Raças ou O Presidente Negro* foi, de fato, uma apologia à eugenia, são as dedicatórias de Monteiro Lobato presentes na capa do livro da primeira edição de 1926 e a carta enviada à Renato Kehl considerando-o como o pai da eugenia brasileira. Monteiro Lobato dedicou o romance ao romancista Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) e aos médicos Arthur Neiva e Renato Kehl, amigos e assíduos missivistas. Levando em consideração que na 1ª edição do romance trazia a dedicatória com os dizeres “A Arthur Neiva e Coelho Netto, dois grandes mestres no trabalho, na ciência e nas letras”, muito provável que a dedicação a Coelho Neto estivesse relacionada ao fato de ter sido, à época do romance, um escritor de muito destaque nacional e, no caso de Arthur Neiva, a admiração pelo espírito científico que nele existia. No entanto, Vanderlei Sebastião de Souza, historiador sobre eugenia, comenta que por meio da imprensa brasileira, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, através das páginas da *Revista do Brasil*,

Coelho Neto ressaltava a importância da propaganda que as autoridades médicas de São Paulo vinham fazendo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo: [nas palavras de Coelho Neto] “realizando conferências, espalhando Boletins, pregando, demonstrando, vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra filantrópica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da espécie.”²⁰⁷

Arthur Neiva e Monteiro Lobato foram amigos e missivistas por diversos anos. Dentre as mais diversas cartas enviadas a Arthur Neiva, encontram-se conversas que repercutiam os debates e engajamentos relacionados às questões sanitárias, políticas, econômicas, sociais e culturais presentes em um projeto que, para além das motivações individuais, propuseram viabilizar o Brasil como uma

²⁰⁷ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil...** *Op. cit.*, p. 66.

nação próspera e moderna.²⁰⁸ No entanto, o que pode evidenciar ainda mais a dedicação de um livro eugenista para um médico como Arthur Neiva é o fato de Arthur Neiva ter sido filiado a uma vertente da eugenia que concebia o esporte como medida preventiva e forma de salvaguardar a saúde da população.²⁰⁹ Ou seja, de que amparado pelos estudos de Renato Kehl que ensinava combater a regeneração da raça por meio da educação física e recomendava o atletismo para o desenvolvimento de músculos fortes e para a formação de homens e mulheres ágeis e vigorosos,²¹⁰ o discurso eugênico era um tema latente entre os dois. Afinal,

O percurso da vida de Monteiro Lobato e Arthur Neiva foi mobilizado por problemas e soluções que eles identificavam como cruciais para o avanço de projetos nacionais. A correspondência para esses intelectuais foi um meio de comunicação primordial; ambos estavam envolvidos com a missão pública e interessados em compartilhar os diagnósticos, percepções e projetos que vincularam diretamente à questão nacional. As cartas trocadas tratam de temas como a questão racial, o movimento sanitarista, o crítico nacionalismo associado a projetos de intervenção social, a produção editorial da *Revista do Brasil* e o forte envolvimento de Monteiro Lobato com a campanha pela nacionalização do petróleo.²¹¹

O estudo das cartas entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva como bem fez Rhaiane das Graças Mendonça Leal, evidencia o quanto o convívio entre intelectuais é fundamental para a projeção política e social, sobretudo para compreender que o romance eugenista de Monteiro Lobato esteve sim, disposto a propagandear os ideais do movimento eugenista brasileiro por meio da literatura. Tratado por Monteiro Lobato como discípulo de Oswaldo Cruz por não ter se acomodado às funções burocráticas e ter sido um homem de ação que também abraçou a ciência experimental não se limitando à função de chefe de um gabinete,²¹² a dedicação do romance à Arthur Neiva foi, portanto, uma forma de brindar o engajamento dos dois pela constituição de um povo brasileiro livre de impurezas e de encaixos raciais. E foi para ele, inclusive, que Monteiro Lobato enviou aquela famigerada carta lamentando a não existência de uma organização de supremacia racial como a *Ku Klux Klan* que existe nos Estados Unidos da

²⁰⁸ LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. **Nacionalismo militante: uma análise da correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-1942)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020, p. 10.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 84.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 76.

²¹¹ *Ibidem*, p. 3.

²¹² LOBATO, Monteiro. Arthur Neiva. In: **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010, p. 98.

América com o objetivo de intimidar, linchar e assassinar negros e negras em favor de uma nação estadunidense racialmente branca no Brasil, alegando que

País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é país perdido para altos destinos. (...) [...] Um dia se fará justiça ao Klux- Klan; tivéssemos aqui uma defesa desta ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva.²¹³

A reclamação de Monteiro Lobato pela falta de iniciativa e estrutura em criar um movimento como a *Ku Klux Klan* nunca foi nenhuma novidade entre os seus amigos com quem tinha mais afinidade para expressar o seu ideário de supremacia racial. Em fevereiro de 1905, por exemplo, comentou a Godofredo Rangel que foi convidado a participar em uma organização com características semelhantes à da *Ku Klux Klan*, porém inofensiva, dizia ele.

Muito piegas deve estar achando o “Doutor Lobato”, este homem sério que ontem foi metido no corpo dos jurados e também já foi convidado para a Irmandade do Santíssimo Sacramento, **espécie de Ku Klux Klan local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco à moda americana.** Bem que me esforço por tornar isto a sério, Rangel; mas não vale - todo este burguesismo, Rangel, não vale uma hora das nossas horas do Minarete do Belenzinho, nem aqueles aborrecimentos conjuntos no Café Guarany, entre cigarros e laranjinhas.²¹⁴

Outro que recebeu *O Choque das Raças ou O Presidente negro* como uma homenagem de Monteiro Lobato foi Renato Kehl. Assim como ocorreu com Godofredo Rangel, Anísio Teixeira e Arthur Neiva, Monteiro Lobato e Renato Kehl foram também assíduos missivistas e em cartas, o principal assunto era o da eugenia como concerto da nação. Como vimos, a primeira aproximação de Renato Kehl com Monteiro Lobato deu-se a partir de uma palestra que proferiu na Associação Cristão de Moços (ACM) e que foi publicada no *Jornal do Comércio*.

O fascínio de Monteiro Lobato por Renato Kehl e pelo ideário eugênico rendeu edições de livros e artigos de Kehl na *Revista do Brasil* e em suas editoras, publicações como os discursos inaugurais de Renato Kehl na Sociedade Eugênica de São Paulo, que pretendia ser uma organização dedicada aos estudos e a aplicabilidade da eugenia no território nacional, intitulada *Annaes de Eugenia*. Além

²¹³ LOBATO, Monteiro *apud* LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. **Nacionalismo militante...** *Op. cit.*, p. 93.

²¹⁴ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 20 de fevereiro de 1905. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 88.

disso, Monteiro Lobato editou e publicou *A Cura da Fealdade* de Renato Kehl, em 1923. Em suma, Renato Kehl foi um intelectual muito importante na vida de Monteiro Lobato, sempre demonstrando simpatia e orgulho pelo escritor paulista. Foi ele inclusive quem prefaciou o livro *O Problema Vital*, aquele com o qual serviu como propaganda do sanitarismo em áreas rurais e dos trabalhos de Belisário Penna, como pode ser lido na citação a seguir com a qual elucida muito bem a relação de afeto e reciprocidade intelectual entre Renato Kehl e Monteiro Lobato.

Foi preciso que Monteiro Lobato, a franqueza patriótica em acção, exprobase o desleixo dos governos, pondo em evidencia o contraste entre a exuberância empolgante das nossas florestas e a riqueza da nossa fauna, com o desconcertante estado de anemia physica e moral de um povo que recebeu a mais rica prenda da Terra, para que se iniciasse a cruzada em prol do saneamento. As palavras com que uma das mais brilhantes e promissoras mentalidades da nova geração brasileira condensou em pequeno voltasse sua notável arremetida contra os baluartes da pasmaceira nacional, ao serem estampadas pela primeira vez nas columnas d'O Estado", fazendo echo com as do paladino do saneamento Dr. Belisário Penna, foram como que alavancas que nos deslocaram do enervante estado de apathia em que jazíamos.²¹⁵

Já Monteiro Lobato, dez anos antes de sua morte e como sinal de retribuição, prefaciou um livro de Renato Kehl em 1938, intitulado *Bioperspectivas*; que disse:

Renato Kehl me parece o mais acabado tipo de cientista que a nossa atualidade pensante possui. [...]. Não estranhe o leitor que esteja a prefaciar uma obra tão séria o sujeito menos adequado. Mas há para isso uma razão toda especial. Vim a conhecer Renato Kehl no início da minha vida literária, certo ano em que, numa série de artigos de jornal, me pus a entender de saneamento, Fanático que já era ele da eugenia - ou da aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano -, procurou-me com proposta para editar em volume tais artigos e prefaciá-los. Surgiu assim o Problema Vital, a primeira coisa, creio, que de mim saiu sob forma de livro - e com prefácio de Renato Kehl.²¹⁶

Weber Lopes Góes, que estudou a proposta de povo em Renato Kehl, atesta que foi a partir do contato de Monteiro Lobato com os textos de Renato Kehl que ele repensou a sua produção intelectual, mudando, inclusive, sua opinião de que o problema do Jeca não era mais racial, e sim de saúde pública.²¹⁷ No entanto, tratava-se de um ambiente que figura interesse pela revigoração racial, misturando sanitarismo com eugenia. As próprias discussões e as ideias divulgadas pelos

²¹⁵ KEHL, Renato. In: LOBATO, Monteiro. **O Problema Vital**. São Paulo: Edição da Revista Do Brasil, 1918, p. 4-5.

²¹⁶ LOBATO, Monteiro. Prefácio do *Bioperspectivas* de Renato Kehl. In: LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Globo, p. 2009, p. 90-95.

²¹⁷ GOÉS, Weber Lopes. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro...** *Op. cit.*, p. 106.

eugenistas da Sociedade Eugénica de São Paulo, consistiam numa grande variedade de assuntos como saneamento, higiene, imigração, educação física, hereditariedade, entre outros.²¹⁸ Além disso,

O próprio movimento sanitário, institucionalmente representado pela Liga Pró-Saneamento do Brasil e pelos Congressos de Higiene realizados anualmente em todo o Brasil, também incorporava as ideias eugénicas em seus discursos em defesa da saúde pública. Esse contexto possibilitaria, portanto, que Renato Kehl encontrasse, também no Rio de Janeiro, junto aos sanitários, higienistas, médicos, jornalistas e literatos, um terreno fértil para continuar sua propaganda pela eugénia, sobretudo por meio da publicação de seus livros na imprensa, que a cada dia mais observava com interesse e simpatia os propósitos das medidas eugénicas.²¹⁹

Nesse sentido, penso que foi a partir do contato com os trabalhos de Renato Kehl que Monteiro Lobato projeta *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, como veremos no terceiro capítulo. Weber Lopes Góes, no entanto, nos chama a atenção de que, entre as cartas analisadas por ele de Monteiro Lobato a Renato Kehl, observa certas oscilações de Monteiro Lobato em relação a efetividade da eugénia, pois, em suas palavras, “há momentos em que deposita esperança no Brasil em realizar de fato a eugénia, e, em outros, passa a despertar certa descrença no êxito do movimento eugénico”.²²⁰ Assim,

O descontentamento de Lobato o leva a sugerir que a consolidação de um povo brasileiro só poderá ser efetivada depois de um terremoto e processo de adubamento que culminará num ‘novo homem’.²²¹

Mesmo com a falta de confiança e de esperança em poder ver a eugénia se consolidar no Brasil a partir de organizações e instituições como ocorria nos Estados Unidos da América, Monteiro Lobato forneceu contribuições a um movimento que defendia o estudo da hereditariedade humana, controle matrimonial, esterilização como medidas constituidoras de uma nação sadia e eficiente. No caso de Monteiro Lobato, sua contribuição para tal aprimoramento ocorre com a defesa da eliminação dos considerados indigestos por meio de uma ala do movimento eugenista considerada mais radical e menos reformista, conhecida como eugénia negativa. Nesse sentido, muito provável que *O Choque das raças ou O Presidente negro: um romance americano no ano de 2228*, como

²¹⁸ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugénia no Brasil...** *Op. cit.*, p. 72.

²¹⁹ *Ibidem*, p. p. 74-75.

²²⁰ *Ibidem*, p. 108.

²²¹ *Ibidem*, p. 109.

veremos no terceiro próximo capítulo, foi um romance escrito calcado nas discussões eugênicas promovidas por Renato Kehl, sobretudo quando Renato Kehl transitava de uma eugenia preventiva para uma eugenia negativa, que pretendia impedir e inviabilizar a reprodução humana dos ditos indigestos, como pode ser visto na carta com a qual Monteiro Lobato dedicava o livro a Renato Kehl:

Renato, tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. (...) Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha.²²²

²²² Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, sem data. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

CAPÍTULO III

Monteiro Lobato: o ano de 1926 e o movimento eugenista

Recebi a carta. Os tempos estão maus para todos, digo, para os que perderam tudo quanto tinham e tem de recomeçar a vida, como eu. Vocês estão no que estavam. Eu estou recém-saído de uma falência e ainda além de perder tudo o que possuía, caí na asneira de constituir dívida. Saí devendo o que não recebi. É o cúmulo do sentimentalismo, digo, burrice. E tenho de trabalhar para pagar juros de uma dívida assim – de dinheiro que não tomei para mim e foi aplicado em ações de nossa companhia, de que eu era apenas um diretor! Mas quem burro nasce, burro morre. Vou pagando pela vida afora o imposto da minha burrice. No momento, só posso arranjar 1:000\$000 que o Heitor poderá receber no Otales, em São Paulo.²²³

O ano era 1926. Monteiro Lobato, endividado e falido. A culpa, segundo essa carta enviada nos princípios daquele ano a Ester Monteiro Lobato, sua irmã, teria sido resultado de sua própria incompetência individual. No entanto, crônicas, missivas e textos escritos por ele em 1926 são vestígios de um empresário e de um homem de negócios que sempre culpava o poder público, sobretudo ao então presidente Arthur Bernardes, em fim de mandato. Inclusive, dois anos antes e um mês depois da guerra civil instaurada em São Paulo, Monteiro Lobato o enviou uma carta apontando urgências a serem tomadas como possibilidades de mudanças para o desenvolvimento e a eficiência da população brasileira, pois, em suas palavras, o Brasil estava praticamente falido, não tinha instrução, não resolvia nenhum dos seus problemas vitais e iria ao esfacelamento, se uma reforma radical não detivesse aquela marcha de coisas²²⁴. A atmosfera, portanto, era a de um território brasileiro empobrecido e mergulhado em uma grave crise econômica com a qual Monteiro Lobato buscava sobreviver propondo críticas, instruções e possibilidades de mudanças, que deveriam passar, exclusivamente, pelas ações de um presidente da República para a qual foi eleito. Assim, em um artigo de 1926, Monteiro Lobato fez os seguintes comentários:

Mas para que povo possa enriquecer é preciso que o Estado resolva equitativamente o problema da terra e consiga a estabilidade da moeda, visto como a riqueza não passa do lento acúmulo dos bens filhos do trabalho. Este acúmulo, sedimentação que é, só se opera quando há

²²³ LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas (1º Tomo)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964, p. 189.

²²⁴ LOBATO, Monteiro. **Ferro e o Voto Secreto**. São Paulo: Globo Livros, 2010, p. 87-88.

estabilidade. Em águas agitadas não se formam depósitos. Estabilidade na ordem social pelo bom regime e na ordem econômica pela ausência de oscilações dos valores. Um país eternamente convulsionado pelas revoltas não pode enriquecer: a guerra desfaz. Também não pode enriquecer um país eternamente convulsionado pelas bruscas oscilações dos valores: a crise desfaz. Um país nessas condições passa a vida num trabalho de Sísifo, a fazer e a desfazer – permanecendo na desordem e na pobreza.²²⁵

A par das transformações em que estavam ocorrendo no mundo, sobretudo no continente europeu em 1926, Monteiro Lobato dedicou-se por um momento a analisar e desmitificar algumas das bases política do *século das luzes* que delinearam as democracias até aquele tempo no qual escrevia. Em um contexto de ascensão das direitas nacionalistas e de crises do liberalismo político, Monteiro Lobato considerou um erro a insistência no contratualismo e na tripartição dos poderes como formas de governo. Para ele, os fatos provavam que era falho, antinatural, monstruosa e uma mentira fisiológica, citando, por exemplo a Itália como uma das nações que saiu da “mentira representativa tricéfala” porque lá, em suas palavras, Mussolini, com rude franqueza, tinha operado a mudança e que aos poucos estava procurando a forma de cristalização que permitiria durabilidade ao sistema sucessor. Assim, disse:

O despotismo não virá pela razão clara de não ter-se ido nunca. Sob qualquer que seja o disfarce, é sempre ele que de fato governa. Forma natural, tornou-se odioso desde que o liberalismo ascendeu nas chamas da Revolução Francesa o facho da indignação declamatória com o que vem fulminando ingenuamente. Mas apesar da condenação de 89 o despotismo tem sabido tão bem adaptar-se que às mais das vezes é ele quem mais furiosamente condena... o “despotismo”.

O que a inquietação dos povos neste momento pede não passa de uma nova mudança de nome. Cansados da farsa representativa e das designações engenhosas com que o liberalismo disfarçou o irônico e eterno Mefisto, querem algo nuevo, esquecidos de que neste mundo inovar é mudar de roupa, mudar de nome apenas.

Infelizmente, para a humanidade tal operação não é simples como para o indivíduo. Não se faz sem sangue, sem a dor que toda ruptura de um estado de equilíbrio traz e sem os sofrimentos de toda ordem consequentes à procura de um equilíbrio.

Crises, chamam-se essas passagens – ou revoluções, no caso de serem hemorrágicas. P.161

Dessa forma, o ano de 1926 não foi um ano normal, calmo e seguro. Havia incertezas e diversas interpretações sobre os males da sociedade brasileira. De um

²²⁵ LOBATO, O País da Tavalogem. In: LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p.55

lado, Monteiro Lobato retratava a população brasileira como o da tavadagem onde todos se viam forçados a jogar, a de um povo trapaceiro, fraudulento, e onde dava-se tudo, menos justiça, onde recompensava-se tudo, menos o mérito. Em um desses momentos em que julgava os problemas da população brasileira e seus governos, Monteiro Lobato não desperdiçou palavras para apontar que um dos problemas era o imposto renda, por exemplo. Ao fazer o uso de metáforas, disse que o fisco nada mais era que uma tortura fiscal, uma maneira dos governos em extorquir e sarjar à vítima em dinheiro que, em suas palavras, visava uma única coisa: “permitir que sobre o corpo do gigante a vermina duma parasitalha infinita engorde em *dolce far niente*, como o carrapato engorda no couro do boi pesteadado”.²²⁶ Mais do que uma acusação, Monteiro Lobato compreendia o fisco como algo consequente e negativa da colonização portuguesa, interpretação essa que vimos que o acompanhou durante a sua vida. Assim, fazendo das *Viagens de Gulliver* uma analogia com o passado colonial luso-brasileiro, Monteiro Lobato disse:

O Gulliver sul-americano principiou a ser amarrado pelos portugueses, quando Portugal descobriu que em suas veias circulava ouro, o sangue amarelo; e desde aí até hoje os homens do cipó, vulgo homens do governo, outra coisa não fizeram, federal, estadual, municipalmente, senão dobrar cipós, cordas e fios de arame sobre seus membros para que, a salvo de pontapés, possam sugá-lo com suas trombinas de percevejo.

Portugal só organizou uma coisa no Brasil-colônia: o Fisco, isto é, o sistema de cordas que amarram para que a tromba percevejante sugue sem embaraços. Quem ele as cartas regias e mais literatura metropolitana enche-se de assombro diante do maquiavélico engenho luso na criação de cordas. Cordas trançadas de dois, de três, de quatro ramais; cordas de cânhamo, de crina, de tucum, de tripa; cordas estrangulatórias de espremer o sangue amarelo e cordas de enforçar.²²⁷

Por outro lado, Monteiro Lobato estava, obviamente, preocupado com as suas finanças e a sua arrecadação. Afinal, como vimos na carta que enviou a sua irmã nos primórdios do ano de 1926, estava endividado e falido. O ano de 1926, portanto, não foi um ano normal, calmo e seguro na vida de Monteiro Lobato com a qual havia incertezas e interpretações sobre os males da sociedade brasileira. Monteiro Lobato também pensava em seu bolso, em suas finanças; morava no Rio de Janeiro, terra essa que considerava um mangue encantado, onde ninguém falava em dinheiro e onde a pobreza era enorme, mesmo sendo alegre e despreocupado.²²⁸ Estava lá

²²⁶ LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p. 106.

²²⁷ *Ibidem*, p. 104.

²²⁸ LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas (1º Tomo)**... *Op.cit.*, p. 185.

porque sempre planeja ir morar no Rio de Janeiro, particularmente porque iria recomeçar a vida depois da falência da Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Em sua mudança de São Paulo para o Rio no dia 30 de setembro de 1925, havia, com ela, a inconformação de sua esposa, uma nova empresa e o sonho em tornar-se rico. Assim, em carta enviada a Heitor de Moraes, esposo de sua irmã, Esther, e quem o lhe emprestou dinheiro por diversas vezes, no dia 16 de outubro de 1925, disse:

Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa – não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste mangue encantado. Tenho um sonho: ganhar dinheiro para construir uma casa em águas Férreas, ali pelo meio da Rua Cosme Velho. É positivamente um encanto! Reúne toda a beleza da Sta. Teresa e Tijuca sem as desvantagens desses dois paraísos. Meu medo era a que a Purezinha não se ajeitasse por cá, amiga do borralho como é. Veio nervosíssima, magra, arrenegando e jurando que não aceitaria nunca a nova terra. Pois em tão poucos dias já está mudada, esta outra e vai acariocar-se rapidamente. Olhe Seu Heitor, só vive quem mora cá. Aquele parque geométrico de São Paulo é puro presidio. É uma penitenciária bem arrumadinha, mas uma penitenciária. *Vade retro!* Aderi tão bem a isto que nem quis dar meu novo endereço ao *Estado*, cujos números até dezembro continuarão a ir para a Rua Lopes de Oliveira. Que maravilha não ler o *Estado*, não envenenar-se a gente todas as manhãs com a gravibundez desse espelho fiel da burrice paulista!

[..].

Quanto a negócios, só depois de instalado pensarei neles.

Tenho esperança de arrematar o estoque de edições e já apresentei proposta. Realizado isso posso considerar-se me rico outra vez. Se falhar, em dois anos restauro a minha vida econômica sossegadamente. A Companhia Editora Nacional já está funcionando, já tem armazéns e já conta com duas edições a sair.²²⁹

A carta enviada a sua irmã Esther, no entanto, foi um ano depois dessa carta a Heitor com a qual apresentava otimismo e esperança em prosperar com a Companhia Editora Nacional. Ele mesmo, em março de 1926, dizia a Heitor que a empresa iria bem, mas ainda não havia feito um grande negócio. Comentava que mesmo com dívidas e baixa adesão e pouco capital, ele e o seu sócio, Octalles Marcondes Ferreira, eram inderrotáveis e que iriam prosperar.²³⁰

O contexto, no caso, correspondia ao estreitamento do campo de ação de Monteiro Lobato a partir de 1925 com o fechamento da Revista do Brasil, com a falência de seus negócios editoriais, a derrota pela segunda vez por uma vaga na Academia Brasileira de Letras, o embate dos modernistas paulista, sobretudo com

²²⁹ LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas (1º Tomo)**... *Op.cit.*, p. 184-185.

²³⁰ *Ibidem*, p. 191.

os ataques incisivos de Mário de Andrade ao Monteiro Lobato anunciando-o a sua morte e o seu fim literário que partia do episódio no qual Monteiro Lobato criticava o ideário de uma falsa vanguarda na pintura de Anita Malfatti em 1917 e, também, ao cancelamento do então presidente Arthur Bernardes das edições de manuais didáticos com as quais Monteiro Lobato iria editar. Assim, Tania Regina de Luca assinala que até a falência de seus negócios editoriais, em 1925, era muito difícil desconsiderar a importância de Lobato, mas, daí em diante, houve o início do seu deslocamento do centro para as bordas do campo intelectual, e não mais literária.²³¹

Nesse sentido, Monteiro Lobato combinava finanças, arte literária, disputas simbólicas e caricaturas à República brasileira para realizar o sonho em ser novamente um homem rico, protagonista. Para tal, acreditava que com a vitória de Washington Luís nas eleições presidenciais daquele ano, o sonho se concretizaria se ele voltasse as atenções para a cultura e a economia, que venceu. O resultado das eleições saiu em março e, no dia 8 de julho de 1926, revelava a Godofredo Rangel uma ideia com a qual poderia alavancar a sua vida o tornando rico e mundialmente conhecido, famoso.

Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha de pressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes deem pela coisa.

Já tenho um bom tradutor, o Stuart, em Nova York um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa porcentagem no negócio. Imagine se me sai um *best seller*! Um milhão de exemplares...²³²

A primeira versão do livro, no entanto, foi em forma de folhetim no rodapé do jornal *A Manhã* (RJ), de 5 de setembro a 01 de outubro de 1926. O folhetim era um gênero textual de origem francesa no qual as histórias eram fracionadas, divulgadas diariamente com temas sobre traições, crimes, dramas, suicídios, assassinatos e tantos outros assuntos que dialogavam com a própria sociedade; posteriormente, os folhetins eram compilados e publicados em forma de livro. A intenção de um folhetim

²³¹ LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n' *A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita de história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 148.

²³² LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1926. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 514.

era a de provocar o envolvimento do leitor com a história criando conexões, afetos, curiosidade, expectativa e suspense com o fim da história; resultando, inclusive, em um aumento de vendas dos periódicos. Por esse motivo, Bruna Santa de Sá Ferreira, que fez um belo trabalho sobre a primeira versão do livro na imprensa, comenta que nos dias 18, 28 e 30 de setembro não houve edição dos capítulos e que, provavelmente, Monteiro Lobato ou a redação d'A Manhã, decidiram causar mais suspense, pois os desfechos são instigantes e impulsionam a continuar a leitura.²³³ Sendo assim,

Categoricamente intrigante, *O Choque* foi publicado diariamente ao longo de vinte e uma edições seguidas nas páginas do jornal carioca *A Manhã*. Numa espécie de folhetim, definindo uma leitura a conta gotas, estimulando a curiosidade e a reflexão dos leitores, Lobato procura educar os leitores conforme os princípios eugênicos. Constrói uma ficção que se passa nos Estados Unidos para apresenta determinadas soluções para o embate racial, que culmina no extermínio da raça negra. Nesse ínterim, as personagens dialogam entre si expondo os debates científicos da época, e exprimem o discurso das mulheres e negros do futuro, para então conduzir os leitores a refletirem sobre o Brasil do presente, ou seja, daquele ano de 1926.²³⁴

Além disso,

Sabemos, por exemplo, que *A Manhã*, embora recente na praça, era um dos periódicos de maior tiragem do Rio de Janeiro, e, o mais importante, que Lobato era um homem articulador, com visão de negócios. O que nos leva a acreditar que ele, provavelmente, não estava jogando com a sorte, mas, também, empreendendo. Por mais que tivesse inúmeras dívidas, é provável que ele possa ter financiado as propagandas de *O Choque* com o objetivo de colher os frutos como outrora o fizera em *Urupês* e *O Inquérito do Saci*. Assim, da mesma forma que Lobato escolheu *A Manhã* por interesse, é possível que este periódico também o tenha acolhido por interesse próprio.²³⁵

A intenção em ter publicado em forma de folhetim serviu para analisar o efeito estético da história e poder fazer os ajustes necessários para, obviamente, induzi-los a comprar o livro e descobrir o desfecho da trama. Nesse sentido, ao visar o sucesso comercial daquilo que viria a ser uma história com capa, folha de rosto, estrutura, lombada e dedicatórias, expôs, no dia 19 de março de 1926, à Heitor, que “O ‘Choque das Raças ou o Presidente Negro’ já saiu em S. Paulo, mas ainda não o vi. Esse livro vai mudar o rumo da minha vida. O consulado americano está

²³³ FERREIRA, Bruna Santana de Sá. *O Choque das Raças*: Eugenia, Literatura e Imprensa em Monteiro Lobato. (Dissertação de Mestrado). Brasília: 2016, p. 61.

²³⁴ *Ibidem*.

²³⁵ *Ibidem*, p. 66.

interessadíssimo nele. Viva o talento, Seu Heitor” e,²³⁶ no dia 23 de março de 1927, expôs à Rangel que imprimiria uma tiragem de vinte mil exemplares para asfixiar, tontear o público com anúncios, cartazes e circulares a respeito do livro como se fosse uma droga de farmácia, um biotônico.²³⁷ O entusiasmo era tão forte que, à época do seu lançamento em 1927, a imprensa anunciava convidando o leitor à leitura.

À título de ilustração, *O Jornal* do Rio de Janeiro deu destaque ao tema da eugenia estadunidense em ter resolvido os conflitos étnicos por meio da esterilização, impedindo a reprodução da população negra. Além disso, demonstrou otimismo com o sucesso do livro ao afirmar que o romance sairia nos Estados Unidos em março com a tradução de Aubrey Stuart; na França, traduzido por Jean Duriau e na Alemanha, por Fred Sommer.²³⁸ Já o periódico *A Noite*, também do Rio de Janeiro, destacou um comentário de Jean Duriau: de que Monteiro Lobato era o Wells brasileiro e, ainda por cima, muito melhor que alguns ingleses.²³⁹ O clima era de confiança e de muita expectativa em fazer do livro um caminhão de dinheiro e, acima de tudo, o seu cartão de visitas aos Estados Unidos para a qual seria nomeado em 1927, por Washington Luís, Adido Comercial, em Nova York. Lá, além do livro, pretendia criar uma editora intitulada “Tupy Publishing Company” com o escândalo que o seu livro poderia promover. Assim, no contexto de mudanças, comentava à Rangel em agosto de 1927:

Desta feita parto para longe. Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado adido comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do Choque das raças e estudarei a hipótese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á Tupy Publishing Co. e há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos os milionários – editores e editados. O Brasil é uma coisa perrenque demais para os planos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda vida lândeas: lá virarão piolhos do tamanho de iguanodontes. O cargo assegura-me subsistência e deixa-me liberdade de ação. Esperto em dois anos dispensá-lo e ficar apenas o chefe da Tupy Co. Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negócio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina

²³⁶ LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas (1º Tomo)**... *Op. cit.*, p. 200.

²³⁷ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1927. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**... *Op. cit.*, p. 518.

²³⁸ O JORNAL (RJ). O que será o mundo no ano 2228: o futuro desvendado. **O Jornal (RJ)**, Rio de Janeiro, Ed. 02480, 8 jan. 1927, p. 3.

²³⁹ A NOITE (RJ). O Choque das raças: por Monteiro Lobato. **A Noite (RJ)**, Rio de Janeiro, ed. 05445, 17 jan. 1927, p. 3.

de oitocentos mil automóveis! América, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Indústria!²⁴⁰

No entanto, o sonho em fazer dessa obra um best-seller internacional não foi possível, fracassou. Fracassou, inclusive, o sonho de uma editora em terras estrangeiras, como pode ser lido em sua carta à Rangel do dia 05 de setembro de 1927:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Achem-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros. Os originais estão com o Isaac Goldeberg, para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company!...²⁴¹

Já em dezembro de 1927, a Heitor, disse:

Acho tão bom o teu livro que já o incluí na lista das coisas brasileiras que terão de ser apresentadas a estas coisas brasileiras que terão de ser apresentadas a este mercado pela Tupy Company, caso a Tupy Company passe de sonho a realidade.

Passará? Quem sabe... Tudo depende da saída do meu “Choque”, e do escândalo que ele causar. Um escândalo literário equivale no mínimo a 2.000.000 dólares para o autor e com essa dose de fertilizante não há Tupy que não grele. Esse ovo de escândalo foi recusado por cinco editores conservadores e amigos de obras vem comportadas, mas acaba de encher de entusiasmo um editor judeu que quer que eu o refaça e ponha mais matéria de exasperação. Penso como ele e estou com ideias de enxertar um capítulo no qual conte a guerra donde resultou a conquista pelos Estados Unidos do México e toda essa infecção *spanish* da América Central. O meu judeu acha que com isto até uma proibição policial obteremos – o que vale um milhão de dólares. Um livro proibido aqui saí na Inglaterra e entra *boothegued* com o *whisky* e outras implicâncias dos puritanos.²⁴²

O consulado estava interessado, mas alguns editores conservadores, embora um deles havia esperado a publicação caso fizesse modificações, barraram a publicação do romance por que consideraram o enredo do livro ofensivo a dignidade do povo estadunidense, dizia Monteiro Lobato. No entanto, qual o real motivo de não terem aceitado a publicação do livro? Segundo John Milton, professor em Estudos de Tradução na Universidade de São Paulo, Monteiro Lobato avaliou mal

²⁴⁰ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. New York, 17 de agosto de 1927. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 521.

²⁴¹ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. New York, 05 de setembro de 1927. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*

²⁴² LOBATO, Monteiro. Cartas escolhidas (1º Tomo). São Paulo: Editora Brasiliense, 1964, p. 218.

o mercado norte-americano e pelo menos cinco editoras recusaram a publicação do seu livro porque os temas envolvendo eugenia, segregação racial e a tentativa de os brancos esterilizarem os negros e negras eram sensíveis demais para qualquer editora norte-americana naquela época.²⁴³ Ou seja, o livro de Monteiro Lobato foi recusado por ele ter sido demasiadamente racista naquela época? Por mais absurdo que possa parecer foi isso mesmo. A obra foi recusada por ser racista demais, isso em um país que praticamente institucionalizou a eugenia em universidades, escolas agrícolas, além de popularizá-la como símbolo de modernidade cultural e servir como uma das bases do nazismo alemão? Para chegar a essa resposta, John Milton lê as reclamações das cartas pela carta e se baseia em uma resposta de William David Ball, editor-chefe da agência literária Palmer em fim de 1927, como resposta.

Infelizmente, porém, o enredo central é baseado em um assunto particularmente difícil de se abordar neste país, porque ele irá, certamente, resultar no tipo mais amargo de sectarismo, e, por esta razão, os editores são invariavelmente avessos à ideia de apresentá-lo ao público leitor [...] nem mesmo o fato de o ocorrido estar localizado trezentos anos no futuro iria amenizá-lo na cabeça dos leitores negros. Estivesse o senhor lidando com a invasão de uma nação estrangeira, ou raça estrangeira, a reação seria bem diferente; mas os negros são cidadãos americanos, uma parte integrante da vida nacional, e sugerir seu extermínio por meio da sabedoria e da capacidade da raça branca levaria a uma dissensão tão violenta no espírito dos leitores quanto um conflito entre dois partidos políticos, ou duas religiões, em que um exterminaria o outro.²⁴⁴

Por outro lado, Leonardo Dallacqua de Carvalho compreende a não aceitação do livro por um outro ângulo. Comenta que fixado nos Estados Unidos, Monteiro Lobato notava a expansão da eugenia em todos os lugares, sobretudo no próprio desenvolvimento e em um tipo particular de progresso daquele país e no aparecimento de uma geração de filhos eugênicos, como comentava a Renato Kehl em cartas.²⁴⁵ Em uma delas, no dia 8 de julho de 1929, Monteiro Lobato disse:

Meu caro, retirei-me da ativa. Aqui permaneço, sempre embasbacado diante da grandeza deste povo, em marcha segura para a criação de algo

²⁴³ MILTON, Jhon. **Um país se faz com tradutores e traduções...** *Op. cit.*, p. 19.

²⁴⁴ BALL, William David Ball *apud* MILTON, Jhon. **Um país se faz com tradutores e traduções...** *Op. cit.*, p. 19.

²⁴⁵ CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Podar é preciso: Monteiro Lobato e a experiência da eugenia “negativa” estadunidense como alternativa para o Brasil. In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). **Intelectuais e nação: leituras de Brasil na República**. Curitiba: Appris, 2018, p. 122.

inteiramente novo nos anais da humanidade. A razão de não escrever para aí é uma razão psicológica: é psicologicamente impossível dar com palavras velhas de uma língua velha e paupérrima como a nossa, uma vaga ideia do que é e do que está fazendo o americano. A força, a grandeza, a novidade do fenômeno americano no mundo só pode ser contatada em inglês e para alemães. Creio que o mundo só o alemão, cujo cérebro, cujo cérebro é o que você sabe, pode compreender a América.²⁴⁶

Acrescento, também, um outro motivo: Monteiro Lobato, mesmo pertencendo às elites oligárquicas e às elites letradas no Brasil, além de ser figura destacada no mercado editorial e ter sido nomeado adido comercial em solo estadunidense, não passava de um simples mestiço e latino nos Estados Unidos da América. Tratava-se de um escritor de um país periférico que pretendia publicar um livro, cujo tema era a própria realidade editorial e política norte-americana. O seu livro só foi publicado nos Estados Unidos em abril de 2020, com a tradução de J. Henry Phillips intitulado *America 's Black President, 2228*. No processo de escrita da presente dissertação, entrei em contato com o tradutor para saber quais foram as suas motivações em traduzir a obra, já que o contexto era o de uma onda de protestos antirracistas contra a morte de George Floyd, negro brutalmente assassinado por um policial em Minneapolis. Em uma de suas respostas, o tradutor comentou que o livro pode ser hoje uma janela de máquina do tempo para o passado, reforçando que os norte-americanos não podem simplesmente ignorar o que existiu. Ou seja, o uso da ciência eugênica como possibilidade de aperfeiçoamento humano da população estadunidense selecionando biologicamente quem deveria se reproduzir e quem não deveria se reproduzir. Ainda assim, J. Henry Phillips relatou que o fato de Monteiro Lobato tentar vender um romance eugênico naquele país escancara ainda mais a realidade daquele momento. Por esse motivo, ele afirmou que o motivo da tradução traz à luz do presente um passado que tenta ser apagado constantemente como pode ser constatado no prefácio do livro, quando Phillips diz:

O presidente negro da América não é mais tendencioso do que os livros desses escritores europeus, mas desperta lembranças de fatos inconvenientes e teorias pseudocientíficas que muitos americanos - agora como em 1927 - ficariam felizes em fingir que nunca aconteceram (tradução nossa).²⁴⁷

²⁴⁶ KEHL Apud CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Podar é preciso: Monteiro Lobato e a experiência da eugenia “negativa” estadunidense como alternativa para o Brasil. In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). **Intelectuais e nação**: leituras de Brasil na República. Curitiba: Appris, 2018, p. 122.

²⁴⁷ “*America's Black President is no more tendentious than books by those European writers, but it does stir memories of inconvenient facts and pseudoscientific theories many Americans would-now as*

Inclusive, no contexto da eleição presidencial nos Estados Unidos em 1996, Nola Kortner Alex publicou um ensaio denominado *Prescient Science Fiction: Monteiro Lobato's "O Presidente Negro" after 70 Years*, utilizando a história do livro de Monteiro Lobato como um alerta, um pressagio do que poderia acontecer naquele momento. No caso, Colin Luther Powell, era um general do Exército e político negro que tinha pretensões em disputar o principal cargo político daquele país, mas desistiu, que em seu lugar entrou Robert Joseph Dole, derrotado por Bill Clinton, reeleito. Nola Alex, por sua vez, utilizou a história de Monteiro Lobato para fazer um alerta às consequências de uma possível candidatura de Colin Powell

No Brasil, em 1925, José Bento Monteiro Lobato já tinha imaginado um cenário em que um candidato negro concorria à presidência dos Estados Unidos, embora ele o tivesse posto longe no futuro, no ano 2228. A título de curiosidade, Monteiro Lobato escreveu uma história de ficção científica aérea chamada "O Choque das Raças" para um jornal apopular. No ano seguinte, foi publicado como um romance com o título "O Presidente Negro". O conceito central em torno do qual a história é construída é que no ano 2228, há uma eleição de três vias para Presidente dos Estados Unidos, com um presidente a concorrer à reeleição contra uma bela mulher. Com a substituição de um candidato republicano conservador pela candidata feminista no romance, poderíamos ter o nosso atual cenário político real e leve.

O autor menciona os "editores conservadores" mas, de facto, o romance pinta uma imagem sombria de uma sociedade americana racista, e Lobato foi provavelmente excessivamente otimista ao pensar que o seu trabalho seria bem-vindo nos Estados Unidos - mesmo sob o disfarce de ficção científica.

Já passaram vários meses desde que o General Colin Powell se declarou candidato a Presidente dos Estados Unidos. Bob Dole parece que será o candidato republicano a Presidente, e o colunista Clarence Page escreve no Chicago Tribune de 17 de Março de 1996: "Powellmania' está de volta...Estou mais consternado com a nossa recusa em largar o general do que com a sua relutância em atirar o seu capacete para o ringue". A página continua: "Gostaria de ver Powell correr [como Vice-Presidente de Bob Dole] porque penso que ele seria um excelente unificador das corridas, numa altura em que a nossa política nacional se tornou perigosamente divisiva".

Para o estudante de política americana, bem como para o estudante de literatura e cultura brasileira, no entanto, uma releitura de Monteiro Lobato, a presciente novela de Monteiro Lobato, faz o leitor recuar da ideia de um homem negro como candidato a um alto cargo nos Estados Unidos.²⁴⁸

in 1927- be only happy to pretend never happened". LOBATO, Monteiro. **America's Black President, 2228**. Ed.1. Washington: Amazon, 30 abr. 2020.

²⁴⁸ ALEX, Nola Kortner. *Prescient Science Fiction: Monteiro Lobato's 'O Presidente Negro' after 70 years*. **Paper presented at the Annual Joint Meeting of the Popular Culture Association/American Culture Association**, Las Vegas, NV, March 25-28, 12p, 1996. Available at: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED392061.pdf>. Accessed on 15 Mai. 2022.

Em conclusão, o livro foi publicado na França em 1928 e 1929, na Argentina em 1928 e na Itália, em 2008. No Brasil, o livro foi publicado em 1926 e passou por algumas edições até chegar em 2008, ano em que a editora da Globo utilizou as eleições ocorridas nos Estados Unidos como pretexto para relançamento. De todo modo, Monteiro Lobato ansiava por uma publicação nos Estados Unidos, o que não aconteceu naquele momento. Por esse motivo, anunciou a Rangel a sua morte como literato em 1927, enfatizando a busca pela prospecção do ferro e do petróleo como uma nova etapa de sua vida e um verdadeiro caminho para a independência econômica brasileira como a sua mais nova jornada.²⁴⁹ No entanto, Bruna Santa de Sá Ferreira, afirma que apesar de muitos pesquisadores alegarem que o romance foi escrito para dialogar com a realidade dos Estados Unidos, sabemos e temos evidências suficientes para dizer o contrário, que *O Choque das Raças* foi, sim, escrito sobre o Brasil e para o Brasil.²⁵⁰

Monteiro Lobato: e a construção do romance

Se Monteiro Lobato escreveu sobre o Brasil e para o Brasil, quais foram as pretensões ideológicas com a publicação e o incentivo à leitura do seu livro? Como o romance foi construído? Até o presente momento, havia um motivo financeiro com a publicação do livro e, por meio dos indícios do romance ter sido uma ode à eugenia, foi também uma possibilidade de construir uma nova imagem do povo brasileiro menos miscigenado possível. Apesar de Monteiro Lobato ter revelado a Godofredo Rangel em julho de 1926 que estava gestando um romance que viria a ser *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, na verdade, Monteiro Lobato estava colocando finalmente no papel uma ideia surgida em 1905, quando, em carta ao próprio Rangel, disse:

Ando com ideias dumas coisas à Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possível e vislumbres do futuro – não o futuro próximo de Júlio Verne, futurinho de cinquenta anos, mas um futuro de mil anos. Vou semear agora essas ideias e deixá-las se desenvolverem livremente por dez ou vinte anos – e então limito-me a fazer a colheita, caso a plantação subsista

²⁴⁹ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. New York, 28 de novembro de 1928. In: LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre...* Op. cit., p. 529.

²⁵⁰ FERREIRA, Bruna Santana de Sá. *O Choque das Raças: Eugenia, Literatura e Imprensa em Monteiro Lobato*. (Dissertação de Mestrado). Brasília: 2016, p. 71

até lá. Se a terra dos meus canteiros mentais não for propícia a essas sementinhas, então paciência. Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indígena, ou não dou coisa nenhuma! Ser um Garcia Redondo, que coisa mais quebrada e pífia.²⁵¹

Nota-se que o objetivo inicial de Monteiro Lobato com o livro era o de contestar a historiografia indianista. Ou seja, a de produzir um livro que pudesse ser um contraponto ao romantismo literário envolvendo os povos originários da terra como uma espécie de insurreição contra o passado bragantino que ainda se fazia presente nas relações humanas, instituições e na literatura brasileira. Tal perspectiva foi comentada a Rangel em 1904, um ano antes de falar da proposta do seu livro. Ao fazer contato com as obras de Friedrich Nietzsche,²⁵² que o compreendeu como um *semeador de horizontes*,²⁵³ Monteiro Lobato disse ter se tornado mais subjetivo e mais crítico dos consensos e das verdades históricas. Nesse caso, passou a compreender que os problemas brasileiros estavam intrinsicamente vinculados a uma determinada tradição, que, para ele, é uma visão de mundo construída por “ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa época”.²⁵⁴

Dito isso, Monteiro Lobato acreditava que o único caminho para se distanciar de tais verdades ocorreria por meio da retirada (leia-se reflexão) de convicções da psique brasileira, que serviam de cortiça ao isolar a possibilidade de um novo conhecimento em detrimento de uma história enraizada na cultura brasileira. Assim, penso que Monteiro Lobato buscava descortinar um tipo particular de verdade para abrir novas possibilidades de explicação histórica, por isso a proposta do livro como uma tentativa de esborrachar o indígena e inverter a história, destruindo ilusões do que é povo, nação, história, raça e do próprio passado luso-brasileiro, como pode ser lido em um dos trechos da carta enviada a Rangel em 1904 comentando que a

²⁵¹ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté, 17 de dezembro de 1915. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 100.

²⁵²²⁵² Monteiro Lobato leu obras de Nietzsche praticamente toda em francês. Em junho de 1904, em carta, ele diz comprar “dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert”. Interessante também é que ao se aventurar em traduções de livros no Brasil, Lobato traduziu *Anticristo* de Nietzsche em 1910, afirmando que faltava apenas uma correção final do manuscrito. LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 59, p. 239.

²⁵³ “É no Assim falou Zaratustra ele se define assim: (definindo um personagem ideal): ‘*J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une à une du sombre nuage suspendu sur les hommes: eles annoncent l’éclair qui vient, et disparaissent em visionaires*’. Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes”. LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 67.

²⁵⁴ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. Taubaté, 2 de junho de 1904. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 60.

única maneira de resolver tal problema seria por meio da conscientização do inconsciente.

— Chegou, sim, Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunc adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas *verdades absolutas*.” E é. Rói o miolo das árvores – e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entende-lo temos de nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascado-se* das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n’alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções: é que eles se apresentam à massas em trajes menores, como Galileu, ou nus, como Byron, isto é, despidos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa época). “Desagregação inconsciente”, eu disse, porque é inconscientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas – ideias e sensações – que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n’alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem – a cama de antinaturalismos, enfim.

É assim, meu Rangel, que eu explico o fenômeno da *inconfundibilidade* dos grandes artistas, e o fenômeno da pasmosa *confundibilidade* da caravana imensa dos Goularts e Macucos. E foi assim que cheguei à minha ideia do aperfeiçoamento humano, a *conscientização do inconsciente*, na qual *medito*. Penso nela como Newton – só isso. Senti a maçã cair, e preno no que a fez cair.

Perdoa-me o pedantismo ou imodéstia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia – e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silencio e concentração e este São Paulo, com seus italianos que anunciam coisas friescas, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho. Felizmente as férias estão chegando, e naquele plácido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filósofo.²⁵⁵

Da revelação de tal ideia em 1904 até a revelação de uma ideia em escrever um livro inspirado em Herbert George Wells com o objetivo de renunciar a historiografia indianista em 1905, em várias cartas Monteiro Lobato comenta em estar refletindo sobre a sua epifania nietzschiana. Além disso, como o contexto literário era a de publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha em 1902, muito provavelmente o fato em desejar romper com o indianismo literário pode ter sido uma ideia transportada de sua leitura dessa obra, pois, como vimos, mais tarde, Monteiro

²⁵⁵ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 2 de junho de 1904. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 60.

Lobato escreveu *Urupês* e criou o Jeca Tatu como uma argumentação contrária ao José de Alencar, Gonçalves Dias e tantos outros adeptos do romantismo indianista.

Nesse sentido, esses elementos que contribuem na construção da narrativa acerca dos bastidores de formação de *O Choque das Raças ou O Presidente negro* permitem compreender que houve uma continuidade lógica de escrita e que tanto *Urupês* quanto o livro citado acima advêm das mesmas reflexões de romper com a tradição, embora em *tal obra* tenha sido o resultado final do caráter antirromântico de Monteiro Lobato ao falar do homem comum. No entanto, se a ideia original era a crítica ao indianismo porque, então, Monteiro Lobato ter utilizado os negros como discussão central do romance em 1926? Em primeiro lugar, Monteiro Lobato por diversas vezes comentou a Rangel o sonho e a sua vontade em escrever um “romance admirável de simplicidade e emoção”.²⁵⁶ Em maio de 1913, por exemplo, disse:

O meu grande sonho literário, jamais confessado a ninguém, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca – porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum átomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com ideias de um não homem (que maravilhoso absurdo!). Uma pintura objetiva apenas, nada de julgamento de juiz. Toda literatura, todo romance, todo poema, por mais impessoal que procure ser, não passa de um julgamento. A ideia moral, que domina mesmo o autor mais liberto de tudo, não permite a simples pintura objetiva. E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguém o desnuda. Livro de um louco. Livro para o Marquês de Sade, se não fosse a sua obsessão sexual – ele tinha gênio para tanto. Sinto que se apenas esboçar esse livro, metem-me no Juqueri. Encostemos por enquanto o pesadelo.²⁵⁷

Já em novembro de 1914,

A obra capital da minha literatura, Rangel, o porco macho da ninhada, é ideia muito velha em minha cabeça: o homem visto por um não homem – e para comodidade este não homem pode ser a alma duma montanha. Livro fragmentário. Impressões. Jatós. Manchas. Notas dum não homem. Tenho algumas e mandarei para que ajuízes.²⁵⁸

²⁵⁶ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 9 de agosto de 1907. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 161.

²⁵⁷ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 9 de maio de 1913. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 274

²⁵⁸ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 22 de novembro de 1914. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 293.

A ideia em escrever um livro no qual fale do homem visto por um não homem me parece ter sido uma inspiração dos escritos de H. G. Wells, já que naquela carta de 1905 havia dito que a sua vontade era escrever um livro com ideias à Wells mesclando imaginação, fantasia e imagens do futuro. Nessa mesma carta, inclusive, Monteiro Lobato comentou que caso conseguisse escrever e publicar o livro como assim desejava, se tornaria o Herbert George Wells, mas de Taubaté. Nesse sentido, penso que a obra de H. G. Wells que mais se aproxima de *O Choque das Raças ou O Presidente negro* é a *Máquina do Tempo*, de 1895. Trata-se de uma ficção científica que narra o futuro da humanidade por meio de uma máquina do tempo com a qual um cientista comprova e viaja em um futuro completamente desconhecido. Assim como Wells, Monteiro Lobato criou uma máquina do tempo em seu romance para ver o futuro, que é o porviroscópio.

No entanto, o que mais chama a atenção sobre a relação de Monteiro Lobato com H. G. Wells é o sexto volume da obra *História Universal*, intitulado *A Construção do Mundo*.²⁵⁹ Nele, há um tópico denominado *Choque de raças e culturas*, que me parece ter sido uma das inspirações de título para *O Choque*, já que Monteiro Lobato estava em dúvida em colocar esse ou Raio Louro como título do romance. Em tal volume, Wells escreveu que o que estava ocorrendo no mundo na década de 1920 em relação ao *choque das raças e culturas*, era um claro sinal de canibalismo cultural em que uma cultura sobrepunha a outra. Para ele, as principais raças estavam se misturando ou ocupando um mesmo território, porém, vivendo separadamente para impedir misturas, isto é, miscigenação. Por fim, Wells fez os seguintes questionamentos: entre as raças humanas existem superiores e inferiores ou elas se equivalem? A miscigenação racial, por sua vez, é algo desejável?²⁶⁰ Como resposta, vimos que até o presente momento a miscigenação, em sua análise, era um mal a ser evitado e, portanto, combatido.

Em 2021, Bruno Franco Medeiros publicou um artigo em inglês na *História da Historiografia* intitulado *O que os olhos não podem ver: o futuro segundo Monteiro Lobato*, que discute como o ideal de prosperidade tecnológica americana nos anos 1920, inspirou o romance de Monteiro Lobato em 1926. Nesse artigo, Bruno Franco Medeiros comenta em sua fase inicial de carreira literária, Monteiro Lobato já era

²⁵⁹ Foi traduzido por Anísio Teixeira e editado pela Companhia Editora Nacional.

²⁶⁰ WELLS, H G. **História Universal**. v. 6. São Paulo: Editora Egéria S.A, 1996, p. 200 *et. seq.*

conhecido nos Estados Unidos graças a Isaac Goldberg, propagandista da literatura portuguesa e espanhola e que era um dos editores no contexto de não publicação da sua obra, em 1927. Bruno Medeiros comenta que depois de rever uma obra de Monteiro Lobato em 1922, então com quarenta anos, Isaac Goldberg o considerou uma promessa, um jovem escritor não muito bem definido ainda.²⁶¹ Monteiro Lobato, portanto, enviou uma carta a Isaac Goldberg respondendo o seguinte:

Nasci a 18 de Abril de 1883, em Taubaté, Estado de São Paulo, filho de pais que eram proprietários de uma propriedade de café. Iniciei os meus estudos nessa cidade e prossegui mais tarde para São Paulo, onde entrei para o Departamento de Direito. Amante da literatura, li muito na minha juventude, [mas] nunca me deixei dominar por ninguém. Gosto de ver com os meus próprios olhos, cheiro com o meu próprio nariz. Todo o meu trabalho revela esta impressão pessoal, quase sempre cruel, pois, na minha opinião, somos o resquício de uma raça que se aproxima da eliminação. *O Brasil será algo no futuro, mas o homem de hoje, o Índio Luso-Africano, desmaiará, absorvido e eliminado por outras raças mais fortes...tal como passou o aborígine primitivo. O Brasil é um país doente.*²⁶²

Se, no início deste tópico, indaguei qual teria sido a pretensão ideológica de Monteiro Lobato com a publicação do livro para além de uma motivação financeira, eis aqui uma tentativa de resposta: muito mais do que querer estudar o material linguístico presente em seu romance ou entendê-lo somente como um projeto para o mercado, as relações entre o texto, o contexto e o autor no momento de produção do livro me fazem pensar que o autor em questão estava atravessado por sentidos diversos possíveis dentro dele, não apenas um que vai ser o verdadeiro e único e, principalmente, por um discurso racial devido ao debate envolvendo miscigenação, eugenia e povo brasileiro. Levando em consideração a postura contrária a miscigenação e o que está escrito em seu romance, Monteiro Lobato pretendia de fato argumentar e divulgar a eugenia como um contraponto aos adeptos da miscigenação racial.

²⁶¹ MEDEIROS, Bruno Franco. What the eyes can't see: the future according to Monteiro Lobato. **História da Historiografia**. Ouro Preto, v. 14, n. 35, p. 171-198, jan.-abr. 2021.

²⁶² I was born on April 18, 1883, in Taubate, State of São Paulo, the son of parents who owned a coffee estate. I initiated my studies in that city and proceeded later to São Paulo, where I entered the Department of Law. Fond of literature, I read a great deal in my youth, [but] I never let myself be dominated by anyone. I like to see with my own eyes, smell with my own nose. All my work reveals this personal impression, almost always cruel, for, in my opinion, we are the remnant of a race approaching elimination. Brazil will be something in the future, but the man of today, the Luso-Africano-Indio, will pass out of existence, absorbed and eliminated by other, stronger races...just as the primitive aborigine passed. Brazil is an ailing country. GOLDBERG, Isaac. 1922, p. 290).

Ao evitar os perigos em atribuir a um escritor um significado ao qual este não teve intenção de transmitir e de que, também, o perigo em considerar que os textos são objetos de investigação autossuficientes, Quentin Skinner, historiador das ideias, argumenta que entender um texto é compreender aquilo que o autor em questão pode ter pretendido com o que disse.²⁶³ Ou seja,

Ainda mais importante, entretanto, do que qualquer uma dessas considerações, está o fato de que, no caso de qualquer afirmação séria, o estudo do que alguém diz não pode nunca ser um guia suficiente para compreender o que se pretendia dizer. Para compreender qualquer afirmação séria, devemos atentar-nos não somente ao significado do que é dito, mas ao mesmo tempo na força da intenção com a qual a afirmação é exposta. Precisamos, assim, concentrar-nos não só naquilo que as pessoas estão dizendo, mas também naquilo que estão fazendo ao dizê-la. Estudar o que os pensadores disseram sobre tópicos canônicos da história das ideias é, em resumo, realizar somente a primeira de duas tarefas hermenêuticas, cada uma delas indispensável se nosso objetivo é atingir um entendimento histórico sobre o que escreveram. Para além de nos atermos àquilo que disseram, devemos, ao mesmo tempo, compreender o que pretendiam dizer ao dizê-lo.²⁶⁴

Nesse sentido, o romance de Monteiro Lobato é somente uma fagulha de um complexo discursivo e ideológico selecionado pelo próprio escritor e intelectual. Durante a escrita desta dissertação, por exemplo, percorri em outros elementos fundamentais como cartas, artigos de jornal, conferências, prefácios e tantos outros que me permite fugir de caricaturas e mitos e, assim sendo, me permite compreender que Monteiro Lobato ao escrever e publicar *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, estava interpretando as possibilidades em constituir uma nação racialmente branca, produtiva e ancorada no modelo estadunidense de progresso e de desenvolvimento.

Dentre as possibilidades em compreender o que pretendia dizer ao dizê-lo, as cartas de Monteiro Lobato endereçadas a Godofredo Rangel proporcionam espiar uma fresta da vida privada de Monteiro Lobato, pois, a natureza privada e íntima de correspondências trocadas por décadas a fio com Rangel, sem qualquer intenção de divulgação, atuavam como elementos legitimadores de sinceridade e de veracidade do que escreviam, constituindo-se na mais sincera autobiografia que se

²⁶³ SKINNER, Quentin. **Visões da Política**: sobre os métodos históricos. Miraflores: DIFEL, 2005. p. 386.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 390.

poderia exigir,²⁶⁵ sendo, portanto, inegável que Monteiro Lobato selecionou, ordenou, cortou, colocou notas e depurou o material antes de sua publicação em forma de livro, como ele mesmo afirmou em carta a Rangel no dia 15 de setembro de 1943.²⁶⁶ De acordo com Tania Regina de Luca, havia um sentido estratégico de Monteiro Lobato com a publicação do seu diário intelectual e pessoal, pois,

Com a publicação da correspondência trocada com Rangel, enfeixada nos dois volumes d'*A barca de Gleyre*, Lobato respondia aos críticos com a exemplaridade da sua própria história, consubstanciada num testemunho involuntário e, segundo julgava, fidedigno. Muito mais do que curiosidade literária, a *Barca* constituía-se, de fato, num instrumento de combate — era a arma com que se credenciava para a luta derradeira: a disputa pela representação de si. É certo que se trata de uma imagem dilacerada e não foi por acaso que Lobato escolheu o quadro de Gleyre, originariamente intitulado *Ilusões perdidas* para nomear sua autobiografia.²⁶⁷

Assim, as cartas são vestígios de que o romance pode ter sido construído, sedimentado e escrito por vários anos em conversas com Rangel. Além disso, no livro, a última carta enviada a Rangel em 1926 é justamente a que ele conta ao amigo sua ideia em escrever *O Choque das Raças ou Presidente negro*, isso em 8 de julho de 1926. Depois dela, a próxima carta presente no livro é a de 7 de fevereiro de 1927. Ou seja, Monteiro Lobato ficou mais de seis meses sem enviar uma carta a Rangel em um contexto em que buscava alavancar a sua vida financeiramente? Ou, sendo cartas em que revelava as reais intenções ideológicas com o livro, Monteiro Lobato preferiu ignorá-las e não as inserir em sua publicação para se blindar biograficamente? Penso que sim.

Além disso, muitos dos artigos escritos por Monteiro Lobato em 1926 são elementos chaves de compreensão ao escrever *O Choque das Raças ou Presidente negro*, pois, houve a transposição de diversas passagens dos seus artigos para o romance, como pode ser confrontado o início do livro com o artigo intitulado *O País de Tavolagem* com o qual Monteiro Lobato falava de pobreza, desonestidade e a mentalidade trapaceira do povo brasileiro.

Para comodidade das transações inventou-se a moeda-papel; em vez de circular o ouro, que é pesado e incomodo, circularia uma cédula de Tesouro,

²⁶⁵ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195.

²⁶⁶ LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita de história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 157.

²⁶⁷ LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita de história...** *Op. cit.*, p. 157.

um vale contra a caixa. O portador, no momento em que desejasse, trocaria esse cheque ou vale por metal. Isto vinha resolver com rara felicidade os problemas determinados pelos inconvenientes da circulação metálica.

Mas há povos trapaceiros, ou melhor, povos guiados por estadistas trapaceiros. Estes piratões imaginaram uma falcatrua que fez época, deu resultados aparentes e por fim arrastou os países à ruína.

Essa falcatrua era fazer em ponto grande o que os moedeiros falsos fazem em ponto pequeno. Era substituir a moeda-papel por papel-moeda. Era mentir no cheque, dizendo: - “No Tesouro Nacional se pagará ao portador desta a quantia de tanto”, e não pagar coisa nenhuma, ou pagar menos que o valor especificado nos lindos algarismos de bela gravação em aço.²⁶⁸

Já na abertura do romance o personagem Ayrton Lobo inicia o romance dizendo:

Achava-me um dia defronte aos guichês do London Bank, à espera de que o pagador gritasse a minha chapa, quando vi, a cochilar num banco ao fundo, certo corretor de negócios, meu conhecido. Fui-me a ele, alegre da oportunidade de iludir o fastio da espera com uns dedos de prosa amiga.

— Esperando sua horinha, hein? Disse-lhe, com um tapa amigável no ombro, enquanto me sentava ao seu lado.

— É verdade. Espero pacientemente que me cantem o número, e enquanto espero filósofo sobre os males que traz à vida a desonestidade dos homens

— ?

— Sim, porque se não fosse a desonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provem ela? Da necessidade de controle em vista dos artifícios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade pela eliminação completa dos desonestos. Que paraíso!²⁶⁹

Ou seja, uma crítica social publicada em forma de artigo, e utilizado como um recurso literário para apresentar aos leitores do romance um cenário do cotidiano marcado onde o instinto trapaceiro da população brasileira inviabiliza o progresso, mas, como vimos, a eugenia poderia ser uma ferramenta eficaz no combate a essa prática. Outro exemplo de transposição de uma crítica de jornal para o romance é a ferrenha crítica de Monteiro Lobato ao utopismo da Revolução Francesa.

O despotismo não virá pela razão clara de não ter-se ido nunca. Sob qualquer que seja o disfarce, é sempre ele que de fato governa. Forma natural, tornou-se odioso desde que o liberalismo acendeu nas chamas da Revolução Francesa o facho da indignação declamatório com que o vem fulminando ingenuamente. Mas apesar da condenação de 89 o despotismo tem sabido tão bem adaptar-se que às mais das vezes é ele quem mais furiosamente condena... “o despotismo”.

[...]. Quando essa toxina utópica de todo eliminada, então a humanidade aceitará sem disfarces, sem refolhos, sem folga de vinha, a

²⁶⁸ LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: Globo, 2008, p. 53-54.

²⁶⁹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 9.

nudez do despotismo. Um pastor à frente e o rebanho atrás, pastando com deleitosa despreocupação, já que o rei-filósofo de Platão vela. A dificuldade para atingirmos essa idade de ouro reside apenas numa coisa: na aparência bem simples, mas na realidade difícilíssima: no nome ao dar ao déspota. Quem achar um que satisfaça plenamente e que nem de maneira remota lembre as denominações anteriores caídas em ódio fará à pobre humanidade um presente, talvez de grego, porém maior que o que lhe fez Gutemberg com a imprensa, Papin com o valor ou o Edison com o gramofone.²⁷⁰

Já no romance, sobretudo no capítulo *Céu e Purgatório*, Miss Jane contrapõe Ayrton Lobato sobre idealismo utópico e idealismo pragmático.

Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Temos nós o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso – e a resultar em que calamidades! Por que? Porque irrealizável, contrário à natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos de sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se afeitam dentro da natureza humana. Leia Emerson e leia Rousseau. Terá os expoentes de duas mentalidades polares. Não acha o senhor Ayrton que é assim?²⁷¹

Em conclusão, é nítido que o romance não foi simplesmente uma proposta imaginativa ou uma simples diversão literária. O romance reuniu críticas sociais e visões de mundo com as quais Monteiro Lobato ensejava divulgar por meio da literatura uma solução para aquilo que considerava prejudicial ao desenvolvimento econômico, político e cultural brasileiro. E o ano de 1926, marcado por uma coletânea de críticas à falta de progresso brasileiro me faz pensar que o romance, para além de uma intenção financeira com a sua publicação, havia uma intenção ideológica de reconstruir a sociedade brasileiro eliminando todos aqueles considerados inaptos a nacionalização brasileira, sobretudo os negros, elementos centrais do seu livro. Sendo assim, se o livro foi uma ode a eugenia, como chegar a essa conclusão para além de cartas e dedicatórias? No próximo capítulo, portanto, você poderá ver a qual eugenia Monteiro Lobato se filiou ao escrever e publicar *O Choque da Raças ou O Presidente negro*.

²⁷⁰ LOBATO, Monteiro. *O Presidente negro...* Op. cit., p. 126.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 108.

Monteiro Lobato: e a eugenia como alternativa para o Brasil

Como vimos no decorrer da escrita, deste estudo, Monteiro Lobato demonstrava profunda simpatia e entusiasmo pela eugenia como concerto e formação de uma população brasileira racialmente e geneticamente superior, produtiva, forte e dotada de saber. Ou seja, que a construção de uma identidade nacional fazia-se pela necessidade de se criar uma identidade biológica, na qual, de acordo com as teorias da genética e da biologia evolutiva tão candentes no início do século 20, a população local vivenciaria um árduo processo de purificação racial e de controle de sua reprodução, restringindo, assim, o nascimento de indivíduos considerados degenerados por meio da supressão de sua hereditariedade, prática essa difundida pelo mundo todo como políticas de esterilização humana.

No entanto, mesmo a eugenia sendo um movimento científico e social de fortalecimento da espécie humana a partir de intervenções médicas e da possibilidade de fazer falecer as raças consideradas inferiores, sua recepção em países americanos e europeus não foi algo singular e totalmente igual. Nos mais diferentes países como a Argentina, Alemanha, México, Estados Unidos, Dinamarca, Suíça e no próprio Brasil, os eugenistas se comportavam de uma maneira bastante diferente ao lidar com demandas também distintas umas da outra. Por esse motivo, compreendo que a pergunta final deste trabalho de pesquisa para alocar o nome de Monteiro Lobato entre os eugenistas deve ser a seguinte: quando falamos em Monteiro Lobato, estamos falando de eugenia, mas qual? Na esteira das reflexões promovidas por Leonardo Dallacqua no que diz respeito às teses eugênicas com o autor em questão, corroboro com a sua afirmação de que Monteiro Lobato se inspirava na experiência da eugenia estadunidense como alternativa para o Brasil, pois, em suas palavras:

O presidente negro ou O choque das raças marcou a crença em um modelo de eugenia que se distanciava do sentimento de reformismo do indivíduo, especialmente para aqueles classificados como “incapazes”. A aplicação da esterilização e o molde eugênico estadunidense reservada à humanidade - e consequentemente aos brasileiros – a opção pela eliminação dos chamados “indesejáveis”.²⁷²

²⁷² CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Podar é preciso: Monteiro Lobato e a experiência da eugenia “negativa” estadunidense como alternativa para o Brasil. In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). **Intelectuais e nação: leituras de Brasil na República**. Curitiba: Appris, 2018, p. 129.

Assim como o Brasil, apesar das particularidades de cada um durante os tempos coloniais e de reorganização diante dos processos de industrialização envolventes no século 19, os Estados Unidos da América foram fundados também sob o marco da escravidão moderna e do comércio transatlântico de africanos. O desenvolvimento do capitalismo industrial estadunidense se deve, e muito, a escravização de negros e negras nas produções algodoeira e açucareira no sul dos Estados Unidos como parte das mudanças na relação entre a escravidão e o trabalho assalariado quando este e o capital industrial se tornaram o centro organizador dos processos de acumulação do século 19, gerando novos espaços produtivos e novos ritmos temporais, além, é claro, da criação de novos espaços econômicos e políticos por meio da expansão e intensificação do trabalho escravo como parte de uma reestruturação histórica da econômica-mundo oitocentista.²⁷³

Nesse sentido, mesmo com o movimento antiescravista britânico em pôr fim ao comércio transatlântico de africanos e africanas, os Estados Unidos, gradualmente, se tornaram a referência central para as demais potências escravistas na construção de uma internacional escravista que visasse unificar as classes senhoriais sulistas, brasileiras e hispano-cubanas a defenderem a escravidão como instituição indispensável à lógica capitalista de produção industrial nas Américas e no mundo como um todo.²⁷⁴ Agora, com a Guerra Civil dos Estados Unidos da América de 1861 a 1865 que resultou na abolição da escravidão estadunidense e, conseqüentemente, no próprio enfraquecimento diplomático da então internacional escravista encabeçada pelos Estados Unidos e

a internacional escravista desenhada a partir do Sul dos Estados Unidos teve conteúdo inegavelmente imperialista, o que gerou fortes resistências na Espanha, em Cuba e no Brasil, onde os atores políticos tiveram de escolher, caminhando no fio da navalha, entre assegurar seus regimes de trabalho ou assegurar seus regimes de governo. Essas reticências foram igualmente estimuladas pela visão negativa que os racistas sulistas tinham dos povos latinos. O internacionalismo antiescravista foi, neste sentido, muito mais eficaz: a militância antitráfico da Grã-Bretanha converteu-se em arma poderosa para a reorganização das relações diplomáticas e dos espaços de

²⁷³ TOMICH, Dale. Apresentação. In: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo H. **A segunda escravidão e o Império do Brasil em perspectiva histórica** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria. 2020, p. 15.

²⁷⁴ MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. **Topoi**, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 100-104.

fluxos globais, de uma forma que o Sul dos Estados Unidos jamais poderia sustentar, subordinado que estava àqueles mesmos fluxos.²⁷⁵

Dito de outra maneira,

O pró-escravismo militante sulista avaliou de modo equivocado a correlação internacional de forças em 1860-1861. A coexistência do cativo nos três espaços americanos criava um jogo de estabilidade reciprocamente auferida, mas não evoluiu a ponto de constituir uma plataforma para uma ação política concertada. Na hora da verdade, os Estados Confederados da América precisaram do reconhecimento de sua independência pela Grã-Bretanha, e não pelo Brasil ou Espanha, que não davam as cartas no sistema de consultas internacionais do século XIX. Indo para a guerra sozinhos, naufragaram, levando consigo as bases do Império do Brasil e do domínio espanhol sobre Cuba – além do sonho de uma escravidão negra perpétua.²⁷⁶

Uma vez findada a escravidão, entrou em debate a questão racial como elemento central para a constituição de um povo estadunidense com a qual os negros continuaram sendo vistos como primitivos, incivilizados e degenerados em um contexto em que o ideal de progresso dependia, também, do aperfeiçoamento humano. Afinal, produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização, a conceituação do termo negro foi uma invenção colonial para significar exclusão, embrutecimento, degradação e, assim, transformada na cripta viva do capital como um momento constitutivo da modernidade, tendo sido o Atlântico o seu lugar de incubação.²⁷⁷

Nesse sentido, abolida a escravidão, qual deveria ser o lugar e o papel a serem desempenhados pelos negros em uma sociedade tradicionalmente racalista e escravocrata nos Estados Unidos? Como sabemos, a hipótese de inseri-los em uma dinâmica de mestiçagem como ocorreu no território brasileiro ou inseri-los como cidadãos estadunidenses deram lugar propositalmente as políticas radicais de segregação racial, encarceramento em massa e, como o racismo nada mais é que o meio de introduzir um corte entre quem deve viver e quem deve morrer, a eugenia, então, surge como uma proposta de gerir cientificamente a vida e os corpos dentro de uma ideal de raça nacional.²⁷⁸ Tal ideal passava pela necessidade de se criar e manter estruturas de poder que evitassem não somente o acesso e a circulação

²⁷⁵ MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. **Topoi**, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 112.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. N-1 edições, 2018, p. 21 e 36.

²⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** - Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 34.

igualitária dos negros em escolas, transportes e em empregos, mas também a sua reprodução humana. Nesse sentido, havia certa preocupação com as futuras gerações nos Estados Unidos, optando, assim, pela proibição de casamento entre brancos e negros e pela esterilização humana utilizadas como políticas de saúde pública defendido por médicos, intelectuais, políticos, juristas e empresários que, inclusive, financiavam essas ações.

Segundo Edwin Black, historiador e autor de um livro muito importante sobre a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior, os Estados Unidos estavam prontos para a eugenia antes que a eugenia estivesse pronta para os Estados Unidos, pois, em suas palavras, a ideia de aprimoramento racial da sociedade nunca esteve longe do pensamento posterior à Guerra Civil Americana onde a classe social era, em grande parte, racial e étnica e, também, prontos para reprodução eugenista justamente porque os escalões mais altos da sociedade americana temiam o caos demográfico que varria a nação.²⁷⁹ Sendo assim,

os estadunidenses preferiram realizar com medidas preventivas draconianas, destinadas a eliminar milhões de cidadãos que consideravam inadequados. Estavam convencidos de que poderiam remodelar coercitivamente a humanidade de acordo com a própria imagem. Essa perspectiva somente era possível por que acreditavam que os incapazes eram essencialmente subumanos, não merecedores de se desenvolver como membros da sociedade. O incapaz era enfermo, algo parecido com uma infecção genética. Essa infecção deveria ser colocada de quarentena e em seguida eliminada. O método escolhido foi a reprodução seletiva – castrar e descartar os indesejáveis e, ao mesmo tempo, unir e zelar cuidadosamente pela matéria-prima valorizada.²⁸⁰

O movimento eugenista brasileiro se difere bastante do movimento eugênico estadunidense. Enquanto nos Estados Unidos o movimento foi iniciado por experimentadores agrícolas que teve, na figura de Charles Davenport (1866-1944), a organização e difusão do movimento eugênico naquele país, no Brasil, o movimento foi iniciado por médicos, liderados por um também médico e farmacêutico, Renato Kehl (1889-1974). Isso porque o aspecto científico na História dos Estados Unidos foi muito importante para compreender a construção de um tipo particular de eugenia naquele país, pois, inspirada na genética mendeliana que provocou uma revolução na biologia de que a hereditariedade só poderia ser explicada pela transmissão de

²⁷⁹ BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 67-68.

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 67.

unidades distintas de informação dos genitores aos descendentes,²⁸¹ a eugenia, ali, se organizou inicialmente em torno da American Breeders' Association como possibilidade de utilizar os estudos da hereditariedade animal e vegetal como premissa para o melhoramento genético humano e o controle do destino evolutivo da população estadunidense.²⁸²

Para tal, a seleção eugênica poderia ser realizada a partir de uma eugenia positiva ou negativa. Ou seja, incentivando pessoas com genes superiores a se casarem e a terem filhos, cuidados com a nutrição e a atividade física, além da assistência pré-natal e ao parto, controle e tratamento de doenças, focando, assim, em pessoas consideradas saudáveis e aptas a reprodução humana.²⁸³ Por outro lado, poderia ser realizada também por meio da diminuição do número dos seres não-eugênicos ou disgênicos que incluía basicamente a limitação ao casamento e procriação daqueles assim considerados a partir de um maior controle governamental sobre os casamentos e sobre a reprodução, através da exigência de exames pré-nupciais e de estudos genéticos, sendo a procriação desaconselhada, por exemplo, em caso de avançada idade materna ou de consanguinidade do casal.²⁸⁴ O movimento eugênico estadunidense preferiu voltar-se para a eugenia negativa, ou seja, impedir as pessoas geneticamente consideradas inferiores de se procriarem para melhorarem a linhagem genética humana daquela sociedade.²⁸⁵

Em um primeiro momento, Davenport tentou promover um programa de eugenia positiva que envolvessem competições públicas a famílias aparentemente livres da mácula dos genes ruins, concursos de bebês mais primorosos e famílias mais aptas e, em 1910, financiado por uma herdeira dos magnatas das ferrovias, Davenport fundou o Eugenics Record Office [Agencia de Registros Eugênicos] em

²⁸¹ MUKHERJEE, Siddhartha. **O gene**: uma história íntima. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 71.

²⁸² Cf. KIMMELMAN, Barbara. "The American Breeders' Association: Genetics and Eugenics in an Agricultural Context, 1903-1913", **Social Studies of Science**, Vol. 13, N. 163, 1983.

²⁸³ MAI, Lilian Denise; Angerami, Emilia Luigia Saporiti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Revista Latinoamericana Enfermagem**, 2006, p. 254.

²⁸⁴ Ibidem.

²⁸⁵ WATSON, James. **DNA**: o segredo da vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. [1.Os primórdios da genética: De Mendel a Hitler, p. 34.

Cold Spring Harbor, cuja missão era coletar informações genéticas básicas sobre diversos traços, desde epilepsia até criminalidade.²⁸⁶ Em suas palavras:

Especificamente, o Record Office procura pedigrees de famílias em que um ou mais dos seguintes traços aparecem: baixa estatura, estatura, corpulência, talentos especiais em música, arte, literatura, mecânica, invenção e matemática, reumatismo, esclerose múltipla, ataxia hereditária, doença de Ménière, coreia de todas as formas, defeitos oculares de todas as formas, otosclerose, peculiaridades do cabelo, pele e unhas (especialmente cabelos ruivos), albinismo, lábio leporino e fenda palatina, peculiaridades dos dentes, câncer, doença de Thomsen, hemofilia, exoftalmia bócio, diabetes, alcaptonúria, gota, peculiaridades das mãos e pés e de outras partes do esqueleto.²⁸⁷

No entanto, do ponto de vista quantitativo e não qualitativo, a eugenia negativa foi mais eficaz que a eugenia positiva ao buscar a eliminação daqueles considerados indesejáveis para o aperfeiçoamento genético e racial da população estadunidense. Assim, defenderam o aborto eugênico e o controle das fontes de degeneração como o alcoolismo e as doenças venéreas e algumas limitações nas políticas imigratórias do país, segregação e a esterilização de doentes mentais e outros degenerados.²⁸⁸

A esterilização poderia ser capaz de prevenir comportamentos degenerados – impedindo, assim, encarceramentos em prisões ou em hospícios – e poderia impedir a transmissão de genes inferiores às gerações subsequentes. A esterilização, assim, ofereceria uma solução perfeita para a crise eugênica. O estado da Indiana promulgou a primeira lei de esterilização compulsória, autorizando o procedimento em criminosos, idiotas, estupradores, imbecis comprovados. Foi a primeira de muitas: com o tempo, trinta estados americanos chegaram a aprovar legislações similares. Em 1941, cerca de 60 mil pessoas haviam sido esterilizadas nos Estados Unidos, metade delas na Califórnia. Essas leis, que, em termos práticos, permitiram que o governo estadual decidisse quem podia e quem não podia

²⁸⁶ WATSON, James. **DNA: o segredo da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. [1.Os primórdios da genética: De Mendel a Hitler, p. 36-39.

²⁸⁷ "The Eugenics Record Office wishes to get in touch with all persons interested in the eugenics movement. It invites every person who is willing to do so to record his heritage and place the record on file at the Record Office. "Drop a postal card" at once to the Eugenics Record Office, Cold Spring Harbor, New York, and ask for the blank schedule they furnish. It is understood that all data deposited in this way will be held as confidential and be used only for scientific purposes. The data received are carefully preserved in a fireproof vault and indexed so as to be available to the student. Specifically, the Record Office seeks pedigrees of families in which one or more of the following traits appear:—short stature, tallness, corpulency, special talents in music, art, literature, mechanics, invention and mathematics, rheumatism, multiple sclerosis, hereditary ataxy, M[^]ni[^]re's disease, chorea of all forms, eye defects of all forms, otosclerosis, peculiarities of hair, skin and nails (especially red hair), albinism, harelip and cleft palate, peculiarities of the teeth, cancer, Thomsen's disease, hemophilia, exophthalmic goiter, diabetes, alkaptonuria, gout, peculiarities of the hands and feet and of other parts of the skeleton". DAVENPORT, Charles. **Heredity in relation to Eugenics**. New York: Henry Holt and Company, 1911, p. 14-15

²⁸⁸ MAI, Lilian Denise; Angerami, Emilia Luigia Saporiti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2006, p. 254.

ter filhos, foram contestadas nos tribunais. Mas, em 1927, a Suprema Corte ratificou a lei do estado da Virginia, no caso clássico de Carie Burk.²⁸⁹

Já no território brasileiro, a eugenia também surge como uma ação alternativa de reforma e ressignificação racial dentro do processo e projeto de construção nacional. O lançamento da eugenia no Brasil deveu-se a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois, enquanto na Europa a guerra intensificara o medo de degeneração nacional, no Brasil ela gerou um novo otimismo sobre a possibilidade de regeneração nacional, um otimismo que contrabalançava os receios mais tradicionais de decadência associada a patriotismo e à reivindicação de um papel mais importante para o Brasil nos assuntos internacionais.²⁹⁰ A eugenia, também, surgiu entre os brasileiros como resposta a prementes questões nacionais como a miséria e a falta de saúde da população trabalhadora, em grande parte negra, pois, uma vez emancipados, as elites, tradicionalmente, receavam a violência e o perigo que representavam os negros, retratados como preguiçosos, doentes, bêbados e em permanente estado de vagabundagem abandonados à própria sorte, sem educação ou recompensa migrando para as cidades, onde, lá, competiam em condições desfavoráveis por empregos com mais de um milhão de imigrantes brancos que entraram no país entre 1890 e 1920.²⁹¹

Um outro fator que contribuiu significativamente para a ascensão da eugenia no território nacional deveu-se ao estágio ainda incipiente em que a ciência brasileira se encontrava – Afinal, embora por muito tempo a eugenia tenha sido abordada como uma pseudociência por terem argumentado de que ela era incompatível com os avanços da genética ou de que tenha tido muito mais envolvimento pessoal do que verdadeiramente análises e estudos científicos,²⁹² a entrada da eugenia nas redes de sociabilidades intelectuais foi tratada com entusiasmo e como um símbolo de modernidade cultural, atingindo, inclusive, capilaridade política entre cientistas, instituições, médicos e intelectuais, se revelando, assim, “um atrativo para uma elite

²⁸⁹ WATSON, James. **DNA: o segredo da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. [1.Os primórdios da genética: De Mendel a Hitler, p. 38.

²⁹⁰ STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 335.

²⁹¹ Ibidem, p. 335-336.

²⁹² ADAMS, Mark B. (Ed.). **The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 219.

convencida do poder da ciência para criar ordem e progresso (lema da República) e perturbada pela composição racial do país”.²⁹³

Se Charles Davenport estava para os Estados Unidos como a principal referência para o desenvolvimento e articulação da eugenia naquele país, no Brasil, a figura destaque de toda organização, articulação e divulgação dos ideais eugênicos em solo brasileiro como prática social foi Renato Kehl, que, intimamente associado a um grupo de médicos, cientistas e intelectuais da geração de 1920, ao lado de Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, representava uma tendência autoritária e racista do pensamento social brasileiro, visto muitas vezes como defensor da tese sobre a inferioridade da população indígena, negra e mestiça.²⁹⁴ Segundo Vanderlei Sebastião de Souza, apesar de sua biografia ser praticamente desconhecida na historiografia brasileira ou no pensamento médico brasileiro,

a Atividade intelectual exercida por Renato Kehl, entre 1917 a 1937, foi exaustivamente dedicada à divulgação da eugenia no cenário nacional. [...]. Ao longo de sua trajetória, Renato Kehl publicou mais de duas dezenas de livros diretamente relacionados ao debate sobre eugenia, além de inúmeros artigos e entrevistas editadas pela imprensa e em revistas científicas e literárias, tanto no Brasil quanto no exterior.²⁹⁵

O encontro, de fato, de Renato Kehl com o programa da eugenia que envolvia a constituição da hereditariedade humana eugenia a partir dos cuidados da raça brasileira para torna-la sã, forte e robusta como o único meio de salvaguardar a descendência da degeneração se deu a partir de um artigo como resultado de uma conferência realizada em São Paulo em 1917, na sede da Associação Cristã dos Moços, intitulada *Eugenia*.²⁹⁶ Uma vez desconhecida pela população brasileira, a proposta de Renato Kehl era apregoar em vários cantos do território nacional os fins da eugenia e, do mesmo modo que os eugenistas norte-americanos já faziam em relação à sua população, seria preciso fazer também no Brasil.²⁹⁷ Assim sendo,

Sirva-nos de incentivo a propaganda eugênica dos Estados Unidos, façamos conhecidos os trabalhos ilustres cientistas alemães, Plotz e Gruber; elevemos os méritos da eugenia; pratiquemos as suas regras para o

²⁹³ STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 339.

²⁹⁴ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil**: ciência, raça e nação no período entreguerras. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 113.

²⁹⁵ *Ibidem*, p.114.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 122.

²⁹⁷ *Ibidem*, p.123.

revigoramento da população brasileira. [...] prossigamos, pois, a cruzada encetada, divulgaremos os princípios eugênicos, e os veremos triunfar, p. 124.²⁹⁸

O contato e a rede institucional produzida por Renato Kehl para dar cabo de expandir, articular e convencer cientistas, médicos, educadores, jornalistas, empresários, intelectuais e políticos brasileiros de se movimentarem em favor da eugenia e conseqüentemente a sua vitória, incluiu, também, Monteiro Lobato. À época do primeiro contato com Renato Kehl, as atividades editoriais e literárias de Monteiro Lobato o colocavam como um escritor de muita expressividade intelectual e nacional, tornando-se um importante escritor e editor durante as primeiras décadas da república. Nesse caso, devido ao seu interesse pela eugenia, Monteiro Lobato inseriu no catálogo da *Revista do Brasil* e de suas editoras o nome e os livros de Renato Kehl, visando, assim, lucros e a propaganda eugênica. Se, como editor, Monteiro Lobato contribuiu para a difusão do conhecimento eugênico utilizando as suas editoras para publicarem livros de eugenista como o Renato Kehl, como escritor, sua contribuição foi com *O Choque das Raças ou o presidente negro: um romance americano no anno de 2228*, publicado em um momento de transição do pensamento e do próprio movimento eugênico brasileiro, pois,

a partir do final dos anos 1920, a capacidade de adaptação que constituía o pensamento eugênico brasileiro – receberia por parte de Renato Kehl uma nova configuração científica e política. Distanciando-se dos pressupostos higienistas que até então tinham moldado seus projetos eugênicos, e que o aproximavam da medicina social e da educação, Kehl começou a defender medidas eugênicas mais radicais, restritivas e autoritárias. Ao invés de uma eugenia ao estilo “preventivo” ou “positivo”, passou progressivamente a adotar as concepções da denominada “eugenia negativa”, aproximando-se, inclusive, das discussões que formavam o pensamento eugênico alemão e norte-americano.²⁹⁹

Em um primeiro momento, devido ao contexto médico e político do sanitarismo brasileiro, Renato Kehl buscava certa conciliação do conhecimento médico e social, como a higiene, o saneamento, a psiquiatria e a educação com as concepções de eugenia.³⁰⁰ Assim, o caminho salvacionista passava pelas reformas sociais e do meio ambiente, como a educação, o saneamento e a higiene como possibilidades em

²⁹⁸

²⁹⁹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 185.

³⁰⁰ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 184.

melhorar as qualidades físicas e intelectuais da população brasileira.³⁰¹ Em um segundo momento, Vanderlei Sebastião de Souza argumenta que a sua viagem de cinco meses ao norte da Europa, realizada em 1928, sobretudo à Alemanha, teria influenciado fortemente a sua percepção sobre aquilo que considerava o verdadeiro significado da eugenia: a eugenia como higiene racial e limpeza étnica.³⁰² Para tal, medidas como o controle matrimonial, segregação racial e principalmente a esterilização se tornariam necessárias com o objetivo de impedir a reprodução daqueles considerados pelos eugenistas como degenerados, inviáveis ao processo de aperfeiçoamento racial.

E é neste ponto que entra Monteiro Lobato. Até o presente momento, não tem nenhum documento público ou privado que possam comprovar alguma relação de Monteiro Lobato com Charles Davenport. No entanto, como vimos, existem cartas, prefácios e relações editoriais de Monteiro Lobato com Renato Kehl. Situando-se como intelectuais pertencentes a uma rede que pensava a nacionalização brasileira por meio do debate racial, é improvável pensar a eugenia lobatiana sem a orientação de Renato Kehl. Sendo assim, ao escrever *O Presidente negro*, Monteiro Lobato estava refletindo sobre a viabilidade da aplicação desse modelo de eugenia também para o Brasil com vistas a impedir a reprodução da população negra no território brasileiro por meio da esterilização com vistas a criar um ambiente eugenisticamente limpa, expurgada, tal como nos Estados Unidos.

Entre o Real e o Ficcional: Monteiro Lobato eugenista

Não é nenhuma novidade dizer isso, mas um texto literário pode também ser analisado como um documento histórico. Historiadores como Sidney Chalhoub, Nicolau Sevcenko, Ivan Jablonka e Robert Darnton, por exemplo, produziram diversos trabalhos que aproximam a história com a literatura a partir de uma base em comum que é a vocação narrativa e o fato de a literatura ser também um momento de denúncia, crítica social e até mesmo análise histórica. Afinal, a produção literária não

³⁰¹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras...** Op. cit., p. 175.

³⁰² Ibidem, p. 191.

se trata unicamente de uma forma de entretenimento, mas a uma forma de conhecer o mundo. No entanto, diferente de um crítico literário

que se vale da análise textual para alicerçar seus juízos, o historiador literário a utiliza para fazer História, ou seja, descrever as obras, os fatos, os autores, e procurar estabelecer-lhes conexões, profundas ou superficiais, tão-somente elaborando valorações quando interpreta, não os textos em si, mas os vínculos que os estreitam no curso do tempo.³⁰³

O livro de Monteiro Lobato é um romance, um gênero literário que dialoga com outras áreas do conhecimento humano imprimindo o real em prosa e em folhas de papel. O romance costuma ser dividido em capítulos contendo ambientação espacial e temporal, personagens, encadeamento de eventos, pluralidade geográfica e uma série de dramas, conflitos ou células dramáticas.³⁰⁴ Em um romance, a arte literária pode entrelaçar com a vida e o contexto histórico do seu criador e pode, também, servir como um dos caminhos de acesso ao passado. Afinal,

O romance pode, mais do que o conto, a novela e a poesia (mesmo a de caráter épico, segundo o nosso entendimento da matéria), apresentar uma visão global do mundo. Sua faculdade essencial consiste em recriar a realidade: não a fotografia, recompõe-a; não demonstra ou reduplica, reconstrói o fluxo da existência com meios próprios, de acordo com uma concepção peculiar, única, original. Por ser o romance a recriação da realidade é que os ficcionistas se tem mostrado sensíveis ao tema da sociedade em decadência: quando tudo parece desmoronar é que mais se faz necessária a tarefa do romancista. Coletando os escombros numa sociedade imaginária ou dando forma à procura de solução para a crise, o romance cumpre a missão de restaurar o conhecimento e a fé. Em tempos amenos, aliena-se, tornando-se passamento, ou atribui-se o papel de subversor da ordem, transformando-se em arma de combate e de ação social.³⁰⁵

A partir de uma abordagem filosófica e sociológica do estudo do discurso literário, o romance, muito mais que um monólogo do autor independente e fechado que pressupõe além dos seus limites apenas o ouvinte passivo, reúne uma diversidade social de linguagens, visões de mundo e de vozes de uma sociedade quando organizadas artisticamente.³⁰⁶ Em outras palavras, caracterizado por uma interação dialógica da vida do autor, do seu contexto e da pluralidade de vozes, o romance é a mais completa e profunda expressão da orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem como novas e substanciais possibilidades literárias

³⁰³ MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 15-16.

³⁰⁴ MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 172.

³⁰⁵ Ibidem, p. 165.

³⁰⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. São Paulo: Hucitec Editora, 2010, p. 74.

quando se trata de *artcidade em prosa*.³⁰⁷ Monteiro Lobato, versado em diversas literaturas como a francesa e russa e com um vasto repertório linguístico, soube, artisticamente, estilizar o debate racial daquele período em seu romance. Afinal, o principal objeto do gênero romanesco, aquele que o caracteriza, que cria sua originalidade estilística é *o homem que fala e sua palavra*.³⁰⁸ Segundo Bakhtin, o sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, um ideólogo com o qual representa um ponto de vista particular sobre o mundo e que aspira uma significação social, agindo, assim, ideologicamente por meio das ações e do comportamento dos personagens no romance.³⁰⁹

Monteiro Lobato, portanto, buscou responder, manifestar e até mesmo abafar a sua visão de mundo no tocante a questão racial por meio da literatura, e de um cálculo artístico. O seu livro não foi simplesmente uma diagramação textual com tendência ao retratismo de sua época, até porque reúne metáforas, marcas, rugas e possibilidades de progresso que estão entrelaçadas com a sua vida social e o discurso racial, foi um ato de fala impresso interagindo e dialogando consciente ou não com o debate racial de sua época.

A narrativa presente no livro de Monteiro Lobato fornece elementos que evidencia ser uma impressão de uma vida que ele preferiu viver utilizando elementos da ficção científica de Julio Verne e de H. G. Wells e o conhecimento eugênico de Renato Kehl para produzir o seu romance, que desde os tempos de estudante na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo sonhava em escrever. É um romance com duas modalidades temporais dentro de uma mesmo eixo de raciocínio: o racial. A primeira dimensão temporal se situa com a do historiador alemão Reinhart Koselleck, precisamente incerto e imprevisível, que corresponde aos danos causados pelo ideal republicano em projetar cidades mais modernas e urbanizadas, culminando em um tempo cada vez mais acelerado. Ou seja, Monteiro Lobato transporta para a ficção a sua experiência em ter vivido nas duas principais cidades do país, São Paulo e o Rio de Janeiro, produtos de um grande processo de

³⁰⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)...** Op. cit., p. 85.

³⁰⁸ Ibidem, p. 135.

³⁰⁹ Ibidem, p. 135-136.

urbanização cujo objetivo foi o de apagar qualquer vestígio e traços coloniais em prol do futuro mais modernizado, limpo e europeu.

À época da publicação do romance, Monteiro Lobato residia na capital do estado do Rio de Janeiro escrevendo para alguns periódicos e cuidando da vida editorial da sua mais recente empresa, Companhia Editora Nacional, depois dos endividamentos e da misteriosa autofalência da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato em 1925. Seja pela falsa compreensão paulistana de que São Paulo agia como palco do progresso econômico e cultural na transição do século 19 para o 20, seja pela interpretação conservadora do processo de modernização carioca, mesmo morando no Rio de Janeiro, Monteiro Lobato demonstrou não ter sido um entusiasta pela vida na capital, como relatou em carta enviada a Godofredo Rangel no dia 08 de novembro de 1925.

Gosto do Rio e sempre quis morar aqui. Há umas coisas velhas. O Cosme Velho do Machado de Assis. A Ascurra. Mas a paisagem tropical me cansa. Sinto que vou logo me enjoar destes verdes eternos, destas palmeiras de presepe e do eterno Pão de Açúcar. Meu sonho é a paisagem dos países frios, com invernos, árvores desfolhadas, outonos vermelhos, neve – e depois a maravilha que há de ser a “ressurreição da cor” na primavera. Não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me aparece coisa de índio e de negro da África.³¹⁰

Na mesma carta, Monteiro Lobato reafirma:

O Rio me dá ideia dum tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil. Ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil. O Arthur Bernardes me disse isto em Belo Horizonte, antes de ocupar a Presidência: “Só não mudarei a Capital Federal se me for impossível. Nunca haverá governo decente nesta terra, enquanto a sede do governo for no Rio – naquele antro”. Eu hoje compreendo o que há de certo em tais palavras.³¹¹

Monteiro Lobato utilizou a cidade do Rio de Janeiro como um dos cenários na construção da narrativa e para o início do romance, transportando, sempre que possível, uma cidade calcada em burocracias, alienações, exploração, individualismos e, racialmente falando, inferior. Para dar cabo de manter-se fiel ao cenário e a imagem de um Rio de Janeiro tal como evidenciou a Godofredo Rangel,

³¹⁰ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 08 de novembro de 1925. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 505.

³¹¹ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 08 de novembro de 1925. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 506.

Monteiro Lobato inventa Ayrton Lobo, que age como narrador-personagem e que explicita ser um brasileiro de poucos estudos, alienado a possibilidade de novas ideias e ao mundo que o cerca, menos a exploração que os seus patrões lhe causam. O primeiro capítulo do romance, *O Desastre*, traz à tona o cenário carioca, a apresentação de Ayrton Lobo e o seu acidente automobilístico, que, como resultado, o coloca em contato com os eugenistas Miss Jane e o seu pai, professor Benson.

Abaixo, cito o trecho no qual Ayrton Lobo se apresenta ao leitor falando de sua vida e o seu sonho em adquirir um automóvel como forma de ascensão social e um novo estilo de vida, como pode ser lido no trecho a seguir:

Eu vivia do meu trabalho, recebendo dele, não o produto, mas uma pequena quota, o necessário para pagar o quarto onde morava, a pensão onde comia e a roupa que vestia. Quem propriamente se gozava do meu trabalho era a dupla Sá, Pato & Cia., gordos sólidos negociantes que me enterneciam a alma nas épocas de balanço ao concederem-me a pequena gratificação constituidora do meu lucro. Com eles trabalhei vários anos, conseguindo reunir o modesto pecúlio que transformei em marcos e, com grande dor d'alma, vi reduzirem a zero absoluto, apesar da teoria de que tudo é relativo....

Continuei no trabalho por mais quatro anos, daí por diante já curado de jogatinas e megalomanias.

Mas todos nós possuímos um ideal na vida. Meu amigo corretor sonha dirigir a carteira cambial de um banco. Aquele pobre que ali passa, tocando o realejo que herdou do pai e ao qual faltam três notas, sonha com um realejo novo em que não falte nota nenhuma. Eu sonhava... com um automóvel. Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me no volante, de olhar firme para a frente, fazendo, a berros de Klaxon, disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação!³¹²

A posse de um automóvel, no entanto, o fez imaginar ser superior a quem não adquiriu tal objeto material culminando em uma forma violenta de análise social, e o fez também custar a vida em um acidente. É claro que o uso do automóvel na narrativa foi um recurso literário tanto para apontar os progressos e as deficiências do capitalismo industrial quanto para poder aproximar Ayrton Lobo aos dois eugenistas citados anteriormente, Benson e Miss Jane. O que também é importante destacar é que, em vida, Monteiro Lobato também comprou um automóvel, revelando por meio de uma carta a Godofredo Rangel no dia 10 de setembro de 1923, três anos antes da publicação do romance, Monteiro Lobato fez o seguinte comentário:

³¹² LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 26.

Depois da mudança meti-me em automobilismo. Comprei um Ford e já ando a perturbar o trânsito da cidade. Ontem dei o primeiro tranco numa carroça, mas ainda não esmaguei nenhum pedestre. Curiosa a mudança de mentalidade que o automóvel ocasiona. O pedestre passa a ser uma raça vil e desprezível, cuja única função é atravessar as ruas. Quem adquire auto promove-se de “pedestre” a “rodante” – e passa a desprezar os miseráveis pedestres que se arrastam pelas superfícies, como lagartas. Quando estrofia um pedestre, a sensação do rodante é de que libertou o mundo de um embaraço. E diz o Filinto Lopes que quando um *chauffeur* de praça vê vários pedestres formando um grupo na rua, infalivelmente lança o auto em cima, “porque mata dois ou três com a mesma gasolina”.³¹³

Já Ayrton Lobo, no romance, comenta o seguinte:

Ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, pedestres e rodantes, como batizei aos homens comuns e aos que circulavam sobre quatro pneus. O pedestre, casta em que nasci e em que vivi até os 26 anos, era um ser inquieto, de pouco rendimento, forçado a gastar a sola das botinas, a suar em bicas nos dias quentes, a molhar-se nos dias de chuva e a operar prodígios para não ser amarrotado pelo orgulho e impassível rodante, o homem superior que não anda, mas desliza veloz.³¹⁴

Tais citações exemplificam o entrelaçamento da vida do autor com a escrita do seu romance literário. Demonstram, como boa parte das experiências ficcionais, linguagens do tempo, marcas da vida, posição social, metáforas e o próprio uso da ficção por parte do artista como expressão social de sua vida e de seu sentimento. Nesse sentido, a literatura pode ser lida como uma maneira de interpretar a história, o tempo e a sociedade quando relacionamos o texto com o contexto, o biográfico com o social, como fez o crítico literário brasileiro Antonio Candido em *O Discurso e a Cidade*, partindo de um fio condutor de que a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária que mostra de que maneira os fatores sociais atuam concretamente na organização estética da literatura.³¹⁵ Do contexto para o texto, a função social de Monteiro Lobato enquanto artista e escritor em relação ao seu público, “comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”.³¹⁶ Afinal,

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer

³¹³ LOBATO, Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Godofredo Rangel. São Paulo, 10 de setembro de 1923. In: LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre...** *Op. cit.*, p. 485.

³¹⁴ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** *Op. cit.*, p. 26.

³¹⁵ CÂNDIDO, Antônio. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 9.

³¹⁶ CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 41.

público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.³¹⁷

Por meio do romance, Monteiro Lobato manifestou o seu interesse pelos problemas sociais unindo a literatura à política ao explicitar as tensões sociais daquele período ao mesmo tempo em que faz um exercício intelectual como atitude política em pretender a modernização das estruturas da nação e o nível cultural e material da população brasileira, fabulando, assim, um projeto de nação.³¹⁸ A eugenia, portanto, era o projeto de nação de Monteiro Lobato. Uma possibilidade de atualização da sociedade brasileira ao modo de vida promanado nos Estados Unidos da América com vistas a produzir um novo retrato antropológico brasileiro moral e racialmente eugenizado. Isso significa que Monteiro Lobato acreditou que a eugenia poderia dar cabo de normalizar a vida humana a partir de um ideário antiurbano, dos preceitos da higiene mental e da condenação da miscigenação.

O ideário antiurbano de Monteiro Lobato como causa de uma provável degenerescência humana o acompanhou durante toda a sua vida e sua trajetória intelectual. São diversas as cartas, artigos e livros que elucidam a dicotomia urbano *versus* rural em sua biografia como vimos, por exemplo, a aversão a cidade do Rio de Janeiro. Havia, entre médicos e adeptos à eugenia, certa preocupação com os centros urbanos, pois, com o crescimento das cidades, a reordenação dos espaços urbanos se fez uma necessidade para as elites, e o eugenismo tomou para si a tarefa de regular a vida social dessas populações, consistindo, inclusive, na atuação dos psiquiatras em relação ao ordenamento das cidades como disciplinarização das populações pobres da cidade, inserindo-as no exercício da cidadania ou excluindo-os em manicômios ou em prisões.³¹⁹ Nesse sentido,

Ao colocar lado a lado o higienismo e o eugenismo, a questão pode ser encarada por outra perspectiva: uma parcela da elite brasileira, que via no higienismo sanitaria uma via de controle social, passou a defender

³¹⁷ CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade...** Op. cit., 68.

³¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 78.

³¹⁹ SILVA, Marcos Virgílio da Silva. A Eugenia e o Ideário Antiurbano no Brasil. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Org.). **Eugenia e História: ciência, educação e regionalidades.** São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 123.

intervenção ainda mais autoritárias e radicais – e a adotar um discurso eugenista cada vez mais explícito.³²⁰

Logo no início do romance, Monteiro Lobato utilizou o antigo Banco London & River Plate Bank para dar sensibilidade ao leitor como uma cena comum de uma vida na cidade. Aproveitando-se disso, expressa a eugenia como possibilidade de intervenção política e social nas cidades, como pode ser lido abaixo em diálogo de Ayrton Lobo com um personagem sem nome esperando a sua vez para ir ao caixa do banco:

Achava-me um dia diante dos guichês do London Bank à espera de que o pagador gritasse a minha chapa, quando vi a cochilar num banco ao fundo certo corretor de negócios meu conhecido. Fui-me a ele, alegre da oportunidade de iludir o fastio da espera com uns dedos de prosa amiga.

— Esperando sua horinha, hein? – disse-lhe com um tapa amigável no ombro, enquanto me sentava ao seu lado.

— É verdade. Espero pacientemente que me cantem o número, e enquanto espero filosofo sobre os males que traz à vida a desonestidade dos homens.

—?

— Sim, porque se não fosse a desonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provém? Da necessidade de controle em vista dos artifícios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos, e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. **Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos (grifo nosso).** Que paraíso!

— Tem razão – concordei eu, com os olhos parados de quem pela primeira vez reflete numa ideia. — A vida é complicada, existem leis, polícia, embaraços de toda espécie, burocracia e mil peias, tudo porque a desonestidade nas relações humanas constitui, como dizes, um elemento constante. Mas é mal sem remédio...³²¹

Apesar de concordar com o seu amigo, Ayrton Lobo sequer demonstra saber o que é eugenia, como provavelmente boa parte da população sem acesso à educação daquele período. Se a literatura, como vimos, adquiriu como uma de suas características a missão em poder fornecer elementos de construção da nacionalidade, Monteiro Lobato utiliza Ayrton Lobo propositalmente como um

³²⁰ SILVA, Marcos Virgílio da Silva. A Eugenia e o Ideário Antiurbano no Brasil. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Org.). **Eugenia e História: ciência, educação e regionalidades.** São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 126.

³²¹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 23.

personagem passivo, ingênuo e ignorante de sua realidade como uma propaganda da educação eugênica, pois, no decorrer do romance, Ayrton Lobo torna-se um personagem desconstruído das falsas ilusões e adepto aos princípios eugenistas. A exemplo disso, o espaço de ressignificação de Ayrton Lobo é na zona rural do Rio de Janeiro, mais especificamente a região de Nova Friburgo. No livro, Ayrton Lobo, depois de adquirir o automóvel e receber uma remuneração maior por isso, tem a missão de ir a região de Friburgo, no Rio de Janeiro. Ao se distrair com a beleza da natureza local, Ayrton Lobo sofre um terrível acidente e, quando acorda, está na casa do professor Benson, um cientista que ensina a Ayrton Lobo o funcionamento da Ciência Eugênica. Como o professor Benson reside longe do centro urbano, sua primeira sugestão é pedir a Ayrton Lobo que faça uma visita em torno de sua casa. E faz. Ao conhecer as proximidades de onde o cientista reside, Ayrton narra:

A impressão geral que tive diante da natureza liberta da presença e ação do homem, coisa que via pela primeira vez, foi da minha absoluta niilidade – da niilidade absoluta dos meus patrões, naquele momento a se esbofarem no escritório e a maldizerem do empregado desaparecido sem licença. Para eles era eu o empregado – e também vinte dias antes eu me considerava apenas um empregado, isto é, humildade peça de máquina de ganhar dinheiro que os senhores Sá, Pato & Cia. Houveram por bem montar dentro de uma certa aglomeração humana. Mas ali não me via empregado de ninguém, era um ser igual às ervas que esverdeiam as colinas, as árvores que frondejavam nas grotas e às vezes que piavam nas moitas. Sentia-me deliciosamente integrado na natureza.

Minha loquela desaparecera. A necessidade de falar a todo o transe, tamanha que me fazia às vezes falar sozinho, se substituíra pela necessidade do silêncio. Cheguei a agradecer a finura do velho sábio em dar-me um companheiro mudo, compreendendo que, se em vez dele ali estivesse o meu barbeiro, terrível alto-falante de futebol e jogo do bicho, bem certo que eu chegaria ao extremo de amordaça-lo. Talvez até nem fosse mudo de nascença o criado, mas apenas emudecido por influência local. Comigo vi que também emudeceria se permanecesse algum tempo naquele deserto.

Há, por parte de Monteiro Lobato, uma concepção de crescimento embutida em seu romance muito próxima da filosofia de John Dewey que leva em consideração o aspecto ambiental da vida como condição essencial para o exercício da reflexão e da capacidade de aprender. Em outros termos, de um ambiente e um conjunto de objetivos limitados e avessos ao crescimento, Ayrton Lobo, caracterizado por Monteiro Lobato como um homem com objetivos estreitos e tinha de si mesmo uma imagem profundamente marcada por suas relações de trabalho na empresa Sá, Pato & Cia., passa a um ambiente e um conjunto de objetivos mais amplos e estimulantes de seu crescimento, pois, dispondo das condições e possibilidades de crescimento,

houve um alargamento no campo da experiência possível, uma reconstrução nos próprios hábitos de pensamentos da personagem nos quais Benson e Miss Jane,³²² fornecem um outro ângulo de análise para poder compreender os encaixos brasileiros permitindo-o se despir de sua tradicional forma de pensar a sociedade em favor, como vemos, da eugenia.

Os primeiros diálogos do romance, portanto, ratificam uma crítica à vida urbana. Uma perspectiva de que a cidade serve muito mais à degeneração social que a civilização ou o bem-estar da população brasileira devido a massiva presença de negros, alcoólatras, mendigos, indivíduos com transtornos mentais, criminosos prostituição, tratados por boa parte da administração pública como perturbadores da ordem pública e da organização social. Por uma nação eugênica, uma das soluções seria uma limpeza étnica e social nas cidades, excluindo aqueles que são vistos como inaptos a constituição física e racial de uma população forte em hospitais psiquiátricos, penitenciárias, orfanatos, asilos ou, até mesmo, excluindo compulsoriamente por meio de um processo de esterilização social. Por uma nação eugênica, Renato Kehl afirmou que

Os esforços para alcançar uma organização social de caráter eugênico não devem visar o ideal de um *tudo*, mas o de um *ótimo*, bem como, nestes termos, não se preocupar em constituir *ex-abrupto* uma *grande massa de aptos*, mas de *reduzir ao mínimo* os resíduos humanos, composto de inaptos, degenerados e criminosos.³²³

Assim sendo, reafirma que

A esterilização, medida eminentemente eugênica, deve ser instituída no nosso país, como já é nos Estados Unidos da América do Norte. Suas vantagens são indiscutíveis à luz de razões positivas e práticas. [...]. A esterilização eugênica, evitando a procriação dos manifestantes incapazes de dar nascimento a crianças sadias ou de lhes facultar ambiente adequado para o seu desenvolvimento, concorre, necessariamente, para a redução da miséria social e, como consequência, para melhorar a situação dos indivíduos e do Estado. Em muitos casos, conforme numerosas observações colhidas, essa medida permite a estabilidade da família e a permanência dos

³²² MATOS, José Claudio Morelli; SILVA, Camila Oliveira da. John Dewey e Monteiro Lobato: ambiente social e condições de crescimento no romance O Presidente Negro. **SABERES**, Natal – RN, v. 1, n.8, ago. 2013, p. 13.

³²³ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 183.

pacientes na sociedade; caso contrário a família seria dividida e os pacientes obrigados a se conservarem em asilos ou hospitais oficiais.³²⁴

A propaganda de tais conceitos e preceitos eugênicos como a esterilização estão presentes no romance de Monteiro Lobato, quando, por exemplo, em um diálogo de Ayrton Lobo com a filha do cientista Benson em relação as questões envolvendo os caminhos para a constituição de um povo eugenizado nos Estados Unidos da América, Miss Jane relata que no ano de 2228 com a criação de um Ministério de Seleção Artificial, houve a redução dos ditos degenerados e o ressurgimento da lei espartana, como pode ser lido a seguir.

— Ministério da Seleção Artificial?

— Sim. O grande ministério, o verdadeiro fator da espantosa transformação sofrida pelo povo americano. O seu espírito criador, a coragem de enveredar por sendas novas sem esperar que outros o fizessem primeiro, deu àquele povo um enorme avanço sobre os demais.

Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos malformados no físico desceu a proporções mínimas sobretudo depois do ressurgimento da sábia lei espartana.

— A que matava ao nascedouro as crianças defeituosas? — Exclamei arrepiado. — Tiveram eles a coragem de fazer isso?

— Se o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas. Entre cortar no início o fio da vida a uma posta de carne sem sobra de consciência e deixar que dela saia o ser consciente que vai vegetar anos e anos na horrível categoria dos “desgraçados”, a crueldade está no segundo processo. A lei espartana reduziu praticamente a zero o número dos desgraçados por defeito físico. Restavam os desgraçados por defeito mental.

Em várias obras de Monteiro Lobato, sobretudo para o público infantil, existem interlocuções com a Grécia Antiga. No entanto, existe aqui uma possibilidade de a conversa entre Ayrton Lobo e Miss Jane ser também um diálogo com o artigo de Renato Kehl publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro em 1923, intitulado em *O homem Puro-Sangue: a possibilidade de sua criação*. Neste artigo, Renato Kehl faz o seguinte comentário:

³²⁴ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 185-190.

Foi o povo grego, particularmente o da Lacônia, assim inspirado, que mais se esforçou para o aperfeiçoamento humano; e nos fastos da gloriosa esparta houve uma época em que, dentre os elevados intuítos nacionalistas, sobressaía esse da melhoria progressiva da raça no sentido de transformá-la em uma elite homogênea de homens robustos, belos e inteligentes. Para alcançar tão *desideratum*, quase utópico naquelas eras, em que a ciência iniciava os primeiros passos, houve espíritos vigorosos e clarividentes que não hesitaram em estabelecer leis severas, mesmo cruéis, para garantir o futuro do povo ímpar como o grego, cujas gloriosas tradições se acham impressas, indelevelmente, no seu belo passado milenário. Licurgo, legislador de Esparta, foi o campeão da obra selecionadora, a avaliar pelo seu capricho obstinado e selvagem, por que determinava fossem lançadas ao Eurotas as pobres e infelizes crianças cuja desdita lhes ditara a sina de virem ao mundo raquíticas e degeneradas. Esse tirano, que viveu no 9º século antes da era cristã, não concebia a hipótese de entes cacogenitos perpetuarem sua monstruosidade, sua fealdade ou doença. O eurotas era para ele o remédio radical contra a degeneração, o tûmulo da anormalidade.³²⁵

Para Renato Kehl, os casos para as futuras esterilizações mediante as leis e o senso público dos estados brasileiros deveriam recair quando se verifica a hereditariedade de defeito, anomalia ou doença de um filho, quando se comprova defeito hereditário no germe-plasma materno, quando evidencia o aparecimento de defeitos hereditários na ascendência paterna, em casos doenças graves e de miséria, esterilização econômica no caso de casais incapazes de fornecer, pelo próprio esforço, os meios necessários para garantir a subsistência e a educação dos filhos, esterilização social como forma de reduzir as despesas de internados em espaços de privação de liberdade e a esterilização voluntária em aqueles que podem ser perigosos no processo de gestação e do parto, eliminando, assim, os caracteres degenerativos hereditários de se reproduzirem.³²⁶ Por fim, Renato Kehl declara:

Somos partidários do birth-control como medida de ultra-profilaxia contra a pletora de débeis mentais, de resíduos humanos e, também, como defesa para os casais eugenizados, mas que não podem, por motivos econômicos, arcar com o sustento e a educação de muitos filhos. O nosso ponto de vista é, pois, da qualidade, antes da quantidade. Pouco é bom, é a divisa, no tocante à procriação, dos que visam o ideal galtoniano.³²⁷

Com os pés no Brasil e os olhos para a Europa, o pensamento eugênico mais radical que começava a ser gestado na Europa e nos Estados Unidos estava no radar de Renato Kehl. Afinal, havia feito uma série de viagens com as quais visitou várias

³²⁵ KEHL, Renato. O homem Puro-Sangue: a possibilidade de sua criação. O Choque das raças: por Monteiro Lobato. **Gazeta de Notícias (RJ)**, Rio de Janeiro, ed. A00087, 13 de abril de 1923, p. 2.

³²⁶ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 193-194.

³²⁷ *Ibidem*, p. 199.

universidades e institutos de antropologia e eugenia, tanto na Alemanha quanto em outros países do norte da Europa. Por esse motivo, quando retornou ao Brasil, procurou manter estreita correspondência com esses eugenistas e com as instituições a que pertenciam, conduzindo, portanto, suas atenções em direção às ideias eugênicas que vinham sendo discutidas amplamente nos Estados Unidos, em especial com as concepções de Charles Davenport.³²⁸ Assim sendo, Monteiro Lobato utilizou os Estados Unidos da América como um dos cenários em seu romance e na construção da narrativa para ilustrar a emergência da eugenia naquele país como solução aos conflitos envolvendo raça, território e miscigenação antes mesmo do que viria acontecer mais tarde na Alemanha nazista, pois, de acordo com o historiador Edwin Black,

Quando o século XX surgiu, o holofote eugenista cruzou o oceano, da Inglaterra para os Estados Unidos. Nos Estados Unidos, a eugenia se tornaria mais que uma filosofia abstrata; seria uma obsessão para os legisladores. Galton jamais teria previsto que seu idealismo social se degeneraria numa campanha cruel e implacável para destruir todos os considerados incapazes. Esse idealismo social se transformaria em nada menos que uma cruzada eugenista para abolir, no mundo interior, a inferioridade humana.³²⁹

Sendo assim, Edwin Black afirma que

Os Estados Unidos haviam mostrado o caminho para a Alemanha nas primeiras duas décadas do século XX, tratando a luta do movimento alemão com fascínio paternal e nórdica admiração. Mas quando Hitler emergiu, em 1924, a relação mudou rapidamente para uma parceria equilibrada. O nacional-socialismo prometera uma radical revolução hereditária, estabelecendo procedimentos raciais ditatoriais com que os ativistas americanos somente poderiam sonhar. No período entre as duas guerras, o movimento americano considerava o nacional-socialismo uma força emergente que poderia, se chegasse ao poder, impor uma nova ordem biológica ao mundo. Os eugenistas nazistas prometeram dispensar as sutilezas da regra democrática. Assim, ainda que a legislação, a pesquisa bem financiada e os programas arraigados na burocracia dos Estados Unidos ainda mobilizassem o mundo da eugenia aplicada nos anos 1920. Os eugenistas americanos acolheram prazerosamente a ideia.³³⁰

Para apresentar ao leitor ou a leitora de que os brasileiros pouco conheciam da real importância dos Estados Unidos da América e dos seus avanços no mundo, Monteiro Lobato caracteriza Ayrton Lobo como um indivíduo em pleno processo de

³²⁸ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 197.

³²⁹ BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante...** Op. cit., p. 65.

³³⁰ Ibidem, p. 451.

reeducação para, assim, poder concordar de que os estadunidenses poderiam servir de modelo e inspiração aos brasileiros e brasileiras com o seu idealismo pragmático na produção de um novo povo. Por essa razão, Monteiro Lobato coloca em uma perspectiva dialética os conhecimentos prévios de Ayrton Lobo em confronto com o conhecimento de Miss Jane, personagem construída como uma espécie de Alter ego do próprio Monteiro Lobato.

— Povo sem ideais, o mais materialão da terra, a gente do *the biggest...* murmurei com ênfase.

O efeito, porém, falhou. Pela primeira vez não vi na cara de um interlocutor a expressão aprovativa a que eu já me afizera. Miss Jane, ao contrário, sorriu com o inesquecível sorriso do professor Benson e disse:

— Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a frase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideias? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso — e a resultar em que calamidades! Por que? Porque irrealizável, contrário a natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos da sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana. Leia Emerson e leia Rousseau. Terá os expoentes de duas mentalidades polares. Não acha o senhor Ayrton que é assim?³³¹

Após o comentário de Miss Jane, Ayrton Lobo tece os seguintes comentários ao leitor:

Apressei-me em achar, se não de todo convencido ao menos vencido por tão ardorosos argumentos. Espantaram-me a fluidez, a clareza, o ímpeto com que Miss Jane discordara. Vi bem clara a diferença que existe entre ter ideias próprias, frutos fáceis e lógicos de uma árvore nascida de boa semente e desenvolvida sem peias ou imposições externas – e ser “árvore de Natal”, museu de ideias alheias pegadas daqui e dali, sem ligação orgânica com os galhos, de onde não pendem de pedúnculos naturais e sim de ganchinhos de arame. E comecei a aprender também ser árvore como as que crescem no campo, e a deixar-me engalhar, enfolhar e frutificar livremente por mim próprio. Sinto hoje que a minha árvore mental cresce desafogada no sítio tanto tempo ocupado por uma árvore-cabide, onde Sás, Patos *et caterva* penduravam papel-ideias, coisa pior que o papel-moeda. Foi com Miss Jane que aprendi a pensar.³³²

³³¹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 87.

³³² LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 89.

Miss Jane, durante sua resposta ao personagem Ayrton, aborda o uso do álcool como um dos fatores de degeneração racial e, naquele momento, os Estados Unidos como uma nação empenhada em combater tal vício. De fato, o álcool era uma preocupação dos eugenistas. A própria Lei Seca que vigorou nos anos 1920 nos Estados Unidos com objetivo de impedir a produção e a circulação de bebidas com álcool em sua fabricação era uma forma também de impedir potencialização do vício, visto pelos eugenistas como um fator disgênico e hereditário que provoca fraqueza mental e atos criminais.

No Brasil, por exemplo, com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923, o alcoolismo, além de causar danos à saúde da população mais pobre e, segundo os psiquiatras da época, ser também um dos responsáveis por uma série de perturbações mentais e sociais, o álcool transformava-se numa preocupação ainda maior por atingir também a saúde física e mental das elites brasileiras, de onde saíam, conforme afirmavam os intelectuais da época, os homens responsáveis por administrar o futuro do país.³³³ Quem se aproximou da Liga foi Renato Kehl, que compreendia que, por meio de colunas que mantinha semanalmente, frequentemente chamava a atenção dos leitores sobre os prejuízos que o álcool e a sífilis poderiam causar as famílias e a sua descendência.³³⁴ Nesse sentido, o papel da eugenia se constituía como um importante mecanismo civilizador, capaz de reeducar os hábitos sociais e os comportamentos morais investindo sobre as regras de higiene individual e familiar, a educação sexual, a regulamentação sobre o uso do álcool e do tabaco, além do controle da prostituição e da criminalidade.³³⁵

O álcool e o alcoolismo, portanto, se fazem presentes no romance de Monteiro Lobato como não como uma abstração literária, mas fruto de um entendimento de que para criar uma raça superior e dominante no Brasil, era preciso se livrar dos vícios sociais como o uso do álcool. Para isso, nada melhor que os Estados Unidos da América como um modelo a ser seguido. E o tema do álcool e do alcoolismo se fez

³³³ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 157.

³³⁴ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019, p. 170.

³³⁵ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 155.

presente também em outros livros, como *Urupês* e *O Problema Vital*. Nesses livros, o uso da cachaça vem sempre carregado de uma conotação de fuga da realidade e responsável pelas deturpações físicas e mentais decorrentes da péssima qualidade de vida do homem do campo e do modelo urbano como deturpador da qualidade que seria possível, no campo, pela proximidade com natureza.³³⁶ A saída para tal problema poderia ser a reeducação por meio de processos de reabilitação social ou, por se preocuparem tanto com a geração futura, uma outra saída seria a aplicabilidade da esterilização para os “grosseiramente degenerados” como uma medida de “profilaxia racial”, devendo ser indicadas aos indivíduos criminosos, “anormais”, “inaptos” que apresentassem qualquer “estigma de degeneração”, como defendeu Renato Kehl.³³⁷

Apesar das leis de esterilização não terem tido muito espaço no território brasileiro para a sua aplicabilidade, tampouco acolhimento entre os católicos tradicionais que a compreendiam como um claro sintoma de uma invasão da ciência nos costumes e no direito e, também, das tentativas de Renato Kehl em contar com a Igreja Católica estabelecendo um diálogo entre os princípios humanitários da eugenia e do cristianismo,³³⁸ Monteiro Lobato preferiu revelar em seu romance os sucessos da esterilização nos Estados Unidos da América. Afinal, sua missão como literato era, por meio da literatura, divulgar a eugenia como uma alternativa para a resolução dos distúrbios sociais e um caminho eficaz para o aprimoramento racial do povo brasileiro. Nos Estados Unidos, diferente do Brasil que não viu a eugenia ser institucionalizada, a esterilização conquistou validade social entre os mais renomados médicos e professores mais respeitados das universidades, além da adesão de ricos e influentes empresas como a Fundação Rockefeller que doou 100 milhões de dólares para a Associação de Pesquisa Eugenista.³³⁹

³³⁶ ASINELLI-LUZ, Araci. O álcool e o alcoolismo na obra de Monteiro Lobato de 1918. *Urupês e Problema Vital: uma análise à luz do movimento eugênico da época*. **Educar em Revista**. v. 12, 1996, p. 121.

³³⁷ WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, 2012, p. 6.

³³⁸ WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, 2012, p. 11.

³³⁹ BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 172.

Lá, depois do julgamento do caso Carrie Elizabeth Buck, uma estudante de 17 anos acusada de promiscuidade por estar grávida [a jovem alegou a gravidez como resultado de um estupro], que foi condenada a esterilização mesmo, ainda, as esterilizações eugenistas não sendo legais no território da Virgínia, a esterilização eugenista tornou-se a lei da terra e novas leis foram promulgadas, aumentando para vinte e nove o número de estados que sancionaram leis de esterilização porque muitos dos governos estaduais estavam simplesmente esperando o resultado do caso Carrie Buck, como assinala Edwin Black. Assim sendo,

A maioria das vítimas tinha sido adjudicada como débil mental, insana ou criminosa; outros eram culpados do crime de ser pobres. Muitos foram considerados “degenerados morais”. Setecentos, do total, foram classificados como “outros”. Alguns foram adjudicados como medicamente inaceitáveis. Computadas as ações, no final de 1940 não menos de 35.878 homens e mulheres tinham sido esterilizados ou castrados – quase 30 mil deles depois de *Buck v. Bell*.³⁴⁰

Monteiro Lobato, por sua vez, ilustra em seu romance a aplicabilidade da esterilização nos Estados Unidos por meio da já mencionada lei espartana que, com ela, reduziu, “praticamente a zero o número dos desgraçados por defeito físico” e, com as ideias difundidas por Walter Owen com o seu famoso livro *O direito de procriar* (que me parece ter sido uma alusão ao próprio Charles Davenport) que “promoveu a esterilização dos tarados, dos malformados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie”, o programa de seleção foi emplacado. E assim,

Exatissimamente... Desapareceram os peludos – os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de malformados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana. Essas leis está claro que eram fortemente restritivas da natalidade, sobretudo no começo, quando havia quase tanto joio quanto trigo. Crescer para a América não equivalia mais a avultar às tontas em número, como hoje, e sim a elevar o índice mental e físico dos seus habitantes. Os Estados Unidos (e o Canadá, que já se fundira neles) cresciam dessa maneira admirável, se bem que incompreensível para nos hoje, que vivemos em plena licenciada anarquia procriadora.³⁴¹

Um outro ponto bastante significativo naquela resposta de Miss Jane ao Ayrton Lobo sobre os Estados Unidos, é a fala dela de que os estadunidenses tratavam os

³⁴⁰ BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos**: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 217.

³⁴¹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 98.

preceitos eugênicos como um benefício que só as gerações futuras poderão aproveitar. De fato, a preocupação dos eugenistas era poder dar cabo de produzir uma boa geração de indivíduo livre de quaisquer empecilhos que possam provocar o nascimento de crianças com deficiências físicas ou mentais. Havia, portanto, uma série de medidas com vistas a permitir uma procriação racional de uma geração de indivíduos por meio, por exemplo, de um rigoroso controle matrimonial, de exames pré-nupciais, da comprovação de saúde física e mental e da proibição de casamentos consanguíneos.

Tudo isso pelo motivo de que os eugenistas compreendiam a vida humana como uma árvore, que serviu de metáfora para os eugenistas no Segundo Congresso Internacional de Eugenia, realizado no ano de 1921, em Nova York. De acordo com a historiadora Pietra Diwan, a árvore foi usada como um símbolo pelos eugenistas como uma árvore frondosa, repleta de galhos e folhas, tronco firme e grande com raízes compostas pelas disciplinas que contribuem para dar embasamento e estrutura à eugenia, como, por exemplo, a genética, antropologia, estatística, genealogia, biografia, medicina, psiquiatria, cirurgia, história e economia.³⁴² Ao fazer a transposição da vida para a árvore, somos uma semente que brota, nasce, cresce, morre e o ciclo recomeça quando deixamos novas sementes que se tornarão nossos descendentes. Assim, Pietra Diwan comenta

Essa árvore contém em si a própria concepção de eugenia. O conhecimento científico se sobrepõe à experiência humana, as relações sociais determinadas pela história cumprem um papel secundário. É através das várias disciplinas dessa grande árvore que se pode conhecer e conduzir a vida, a experiência e a história. As folhas, que na árvore são o rosto, podem ser também, nesse caso, o corpo, o indivíduo. Folhas verdes, corpos saudáveis e eugênicos.³⁴³

A árvore da eugenia também é ilustrada por Monteiro Lobato entre um longo diálogo de Ayrton Lobo com o professor Benson no capítulo intitulado *O Tempo Artificial*. O uso do adjetivo artificial não foi por acaso. Na verdade, a intenção de Monteiro Lobato foi mostrar ao leitor como o conhecimento científico pode ser uma possibilidade de interferir no curso da vida e criar um futuro possível. Ou seja, caberia

³⁴² DIWAN, Pietra. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2015, p. 14.

³⁴³ *Ibidem*, p. 15.

a ciência eugênica o nascimento de uma geração de indivíduos qualitativamente superior e melhor, e não ao curso natural da vida como pode ser lido a seguir.

— Uma semente – respondi.

— E que é uma semente? Uma predeterminação. Aqui dentro está predeterminada uma árvore de colossais dimensões que se chama jequitibá. Se o amigo admite que desta semente, que analisada só revela a presença de um bocado de amido, sais, graxa etc., surja sempre, e de um modo fatal, um majestoso jequitibá, por que vacila em admitir um fenômeno semelhante, qual a polarização do momento universal numa semente, que no caso é o fluido que circula no meu aparelho?

O símile matou-me de vez todas as veleidades do ceticismo e foi como quem ouve a voz de Deus que dali diante me entreguei sem reservas às palavras do sábio.

— Prossiga, doutor – murmurei

O professor Benson prosseguiu.

— Obtenho, pois, neste aparelho, uma corrente continua, que é o presente. Tudo se acha impresso em tal corrente. Os cardumes de peixes que neste momento agonizam no seio do oceano ao serem apanhados pela água tépida da Corrente do Golfo; o juiz bolchevista que neste momento assina a condenação de um mujique relapso num Tribunal de Arkangel; a palavra que, em Zorn, neste momento, o kronprinz dirige ao ex-imperador da Alemanha; a flor do pessego que no sopé do Fushiana recebe a visita de uma abelha; o leucócito a envolver um micróbio malévolos que penetrou no sangue dum fakir da Índia; a gota d'água que espirra do Niagara e cai num liquen de certa pedra marginal; a matriz de linotipo que em certa tipografia de Calcutá acaba de cair no molde; a formiguinha que no pampa argentino foi esmagada pelo casco do potro que passou a galope; o beijo que num estúdio de Los Angeles Gloria Swanson começa a receber de Valentino...

— A fatura que neste momento o senhor Sá está acabando de somar... Compreendo, professor. Toda a vida, todas as manifestações poliformes da vida, tudo está ali, como o jequitibá, com todos os seus galhos e folhas e passarinhos que pousam nele e cigarras que o elegem para palco de suas cantorias, está dentro da sementinha. Não é isso? conclui radiante.

O professor Benson riu-se do meu entusiasmo e pareceu-me na realidade satisfeito com o discípulo.

— Perfeitamente, amigo Ayrton. Tudo está ali. Pela primeira vez desde que o mundo é mundo consegue o homem esse espantoso milagre — mas só eu sei o que isso me custou de experiências e tentativas falhas!... Fui feliz. O Acaso, que é um Deus, ajudou-me e hoje me sinto na estranha posição de um homem que é mais do que todos os homens...

[...]

Mas voltemos atrás. Ao ouvir dizer ao professor Benson que todo o momento universal estava ali, olhei para a maranha de fios e bobinas com um sentimento misto de orgulho e piedade. Orgulho de ver o Tudo escravizado diante de mim. Piedade, porque havia nisso uma certa humilhação para o Tudo...

A voz pausada do velho sábio tirou-me de tais cogitações.

— Até aqui permanecemos no presente. A onda Z ali captada só diz respeito ao presente, e se eu ficasse nessa etapa de pouco valeria a minha descoberta. Mas fui além. Descobri o meio de *envelhecer* essa corrente à minha vontade.

— Envelhecer?... murmurei refranzindo a um tempo todos os músculos da cara.

— Sim. Faça-a passar pelo aparelho que tenho no pavilhão imediato e ao qual denominei *cronizador*. Vamos para lá.

O professor tomou a dianteira e eu o segui, ainda repuxado de músculos faciais. O pavilhão imediato possuía ao centro um novo aparelho tão incompreensível para a minha inteligência como os anteriores.

— Aqui temos o cronizador, disse o meu cicerone apontando para o esquisito conjunto. Este mostrador, que lembra o dos relógios, me permite marcar no futuro a época que desejo estudar.

— ? !

— Perca o habito de assustar-se, porque senão acabará cardíaco. A corrente penetra por este fio, sofre um turbilhonamento e envelhece na medida que eu determino com o movimento deste ponteiro. É como se eu tomasse a semente e por um golpe de mágica dela fizesse brotar a arvore aos dez anos de idade, ou aos cinquenta, ou aos cem — ao arbítrio do experimentador. Compreende?

— Compreendo...

— E destarte a evolução, que com o decorrer do tempo *necessariamente vai ter a vida atual do universo*, eu a apresso e a detenho no momento escolhido. Este meu cronizador, em suma, é um aparelho de produzir o *tempo artificial* com muito mais rapidez do que pelo sistema antigo, que é esperar que o tempo transcorra. Obtenho um ano num minuto de turbilhonamento; penetro no futuro, no ano 2.000, por exemplo, em 74 minutos. Opera-se durante a cronização uma zoadada, que é o som dos anos a se sucederem, som muito semelhante a um eco distante...

Mesmo com a riqueza de detalhes e uma inspiração em *Vinte Mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne e *A Máquina do Tempo* em H. G. Wells, Monteiro Lobato não deixou escapar o compromisso em divulgar a eugenia em seu romance, que era esse o objetivo. No decorrer do livro, outras menções a ideia de semente para o processo germinativo das populações como

— E o mundo americano não podia deixar de ser assim, senhor Ayrton, continuou ela. Note apenas: que é a América, senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias? Onde a força vital da raça branca, se não lá? Já a origem do americano entusiasmo. Os primeiros colonos, quais foram eles? A gente do *Mayflower*, quem era ela? Homens de tal tempera, caracteres tão shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo. Emigrar ainda hoje vale por alto expoente de audácia, de elevação do *tonus* vital. Deixar sua terra, seu lar, seus amigos, sua língua, cortar as raízes todas que desde a infância nos prendem ao solo pátrio, haverá maior heroísmo? Quem o faz é um forte, e só com esse fato já revela um belo índice de energia. Mas emigrar para o deserto, deixar a pátria pelo desconhecido, isto é, formidável!

— Realmente, realmente...

— Pois bem, continuou Miss Jane, o processo inicial da América tornou-se o processo normal do seu acrescentamento no decorrer da história. Ondas sucessivas dos melhores elementos europeus para lá se transportaram. Depois vieram as leis seletivas da emigração, e as massas que a procuravam, já de si boas, viram--se peneiradas ao chegar. Ficava a flor. O restolho voltava... Note o enriquecimento de valores humanos que isso representou para aquela nação. Miss Jane falava com tanta alma, havia em suas palavras tal força persuasiva, que senti um ímpeto de revolta contra o senhor Sá. Se esse homem me aparece naquele momento, eu era capaz de guer contra ele a minha outrora tão humilde mão!

— E hoje, prosseguiu miss Jane, hoje que se deslocou para lá o centro econômico do mundo? Reflita um bocado na significação, não digo do povo americano, mas do fenômeno americano — o fenômeno eugênico americano. Estados Unidos querem hoje dizer um imenso foco luminoso num mundo de candeieiros de azeite e velas de sebo. Todas as mariposas da terra

têm os olhos fixos no deslumbrante foco — todos os artistas, todos os sábios, todos os espíritos animados da centelha criadora, que na sua pátria não encontram condições propícias de desenvolvimento. Lá, a manhã radiosa de sol. No resto do mundo, várias espécies de crepúsculos... Cada vez mais vai sendo a Europa drenada de seus melhores elementos — as suas mariposas, e a Europa acabará amarelada pela pigmentação mongólica. Isso vi eu já bem denunciado nos cortes feitos no século 25.

— Mas, Miss Jane, atrevi-me a dizer, não é logico que também invada a América esse asiatismo entrevisto?

— Logico por que? O logico é que da semente da couve nasce o pé de couve e da do jequitibá nasce o jequitibá. A semente americana lançada em Plymouth era sã e era de jequitibá. O espirito de casta matou a Ásia — do espirito de classe morrerá a Europa. A semente de que nasceu a América não continha em seus cotilédones essas venenosas toxinas.³⁴⁴

Até aqui, penso que a inquietação de Monteiro Lobato com o Brasil e o seu louvor as políticas raciais nos Estados Unidos são evidentes. E esse, portanto, é o ponto central do romance. Como indica o título do livro, *O Choque das Raças ou O Presidente negro: um romance americano no anno de 2228*, que faz jus a um futuro no qual os Estados Unidos vai ser palco de uma disputa eleitoral pela cadeira presidencial entre Kerlog, candidato que representa a população branca e Jim Roy (nome esse que faz alusão as leis de segregação racial nos Estados Unidos conhecidas como Jim Crow), que representa a população negra daquele país, mesmo com a vitória de um presidente negro, os brancos conseguem a vitória por meio da eugenia ao conseguir esterilizar toda a população negra daquele país, resolvendo, assim, o que Monteiro Lobato chamou de uma dor de cabeça histórica: que era o conflito étnico-racial. O fim do conflito racial ocorreu com o uso por parte da população negra de um produto denominado “Raios Omega”, que servia tanto como um alisador de cabelo quanto como um produto esterilizante. Assim,

mediante ao suposto “desejo da raça negra” em alisar os cabelos, tornando-se semelhante aos brancos, o produto poderia contribuir para extinção de todos os negros. Acometido da vontade em tornar-se branco, o presidente negro Jim Roy e quase a totalidade da população negra experimentaram o produto, resolvendo, de uma vez por todas, a questão racial nos Estados Unidos. A mensagem era objetiva, a esterilização era a saída no combate para “o problema negro”.³⁴⁵

A mensagem, de fato, era objetiva. E a esterilização, nesse caso, era a solução para os debates envolvendo miscigenação racial, sanitarismo, eugenia e políticas de

³⁴⁴ LOBATO, Monteiro. *O Presidente negro...* Op. cit., p. 90.

³⁴⁵ CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Podar é preciso: Monteiro Lobato e a experiência da eugenia “negativa” estadunidense como alternativa para o Brasil. In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). *Intelectuais e nação: leituras de Brasil na República*. Curitiba: Appris, 2018, p. 121.

branqueamento que sacudiram a comunidade médico-intelectual brasileira. Ou seja, Monteiro Lobato transportou para a literatura uma solução ao espetáculo das raças que intelectuais como Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Paulo Prado, Edgar Roquette-Pinto, Gilberto Freyre, Renato Kehl e Manoel Bonfim tanto discutiam. Afinal, pensavam, o futuro brasileiro vai ser com uma nação composta por uma população miscigenada, branca ou territorialmente dividida entre brancos e negros?

A abordagem de Monteiro Lobato foi de confronto aos médicos e intelectuais que defendiam a miscigenação na esteira do pensamento de João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro que participou do I Congresso Internacional das Raças em 1911. No Congresso, Lacerda afirmou com contundência de que o processo acelerado de cruzamentos entre brancos e negros levariam o Brasil a ser, no futuro, uma nação branca. Ou seja, o cruzamento de raças era entendido como uma questão central para a compreensão dos destinos da nação,³⁴⁶ conquistando, inclusive, capilaridade em diversos setores da sociedade. Roquette-Pinto, ancorado nas observações empíricas quanto na comprovação por meio das leis da genética mendeliana, segundo a qual era possível explicar como uma negra retinta poderia trazer em seus braços uma criança loira e clara, acreditava que a miscigenação entre brancos e negros, ou brancos e mestiços, tenderia a um acentuado retorno às características dos próprios brancos.³⁴⁷ Segundo Vanderlei Sebastião de Souza,

A visão otimista de Roquette-Pinto sobre o futuro do país não escapou do pressuposto segundo o qual a população branca tenderia a crescer continuamente, seja pelo fim da escravidão e pela entrada de novos imigrantes, seja pela predominância das características antropológicas europeias sobre a média da população racial.³⁴⁸

Já Renato Kehl, que compreendeu o território brasileiro como um grande e complexo laboratório no qual fundem várias raças produzindo uma miscelânea racial e confusa, discorda de quem enxerga na miscigenação uma solução ou um resultado positivo na constituição de um povo forte, sábio e eficiente. Para ele,

³⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 18.

³⁴⁷ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)**. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017, p. 265.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 266.

Os eugenistas não podem, pois, ser favoráveis aos cruzamentos de raças diferenciadas como seja entre a branca e a preta, a branca e a amarela, a indígena e a preta. Razões biológicas saltam à evidência e razões sociais aí estão à vista. A *vox populi*, na sua máxima sabedoria, sempre a condenou. Só aberrações individuais ou traições de momento, fazem com que um branco procure uma preta ou uma branca aceite um preto. No nosso país, entretanto, levantam-se algumas vozes suspeitas, advogando tais cruzamentos ou as admitindo inócuos para o futuro da nacionalidade.³⁴⁹

Antes de elucidar a sua defesa aos preceitos da eugenia negativa como uma forma de eliminar a capacidade de reprodução da população negra por meio da esterilização, tal debate se faz presente no romance de Monteiro Lobato. Diferente dos Estados Unidos da América que optou, segundo o romance de Monteiro Lobato, pela divisão territorial entre brancos e negros, no Brasil, porém, a miscigenação ganhou terreno e constituiu o perfil racial do povo brasileiro. Assim, Monteiro Lobato utiliza a Miss Jane para transportar o pensamento de Renato Kehl e de todos aqueles como Oliveira Vianna que afirmavam que “o negro nunca foi um criador de civilizações”³⁵⁰ e os mestiços, por seu turno, herdaram “com mais frequência os vícios que as qualidades dos ancestrais, sendo espantosos na sua desordem moral, na impulsividade de seus instintos e na instabilidade de seu caráter”.³⁵¹ No romance, portanto, há o seguinte diálogo de Ayrton Lobo e Miss Jane:

— Está tudo muito bem, adverti eu, mas nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontâneos que Miss Jane aponta. Entrou ainda, à força, arrancado da África, o negro.

— Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição.

— Erro impossível de ser corrigido, aventurei. Também aqui [Brasil] arrostamos com igual problema, mas a tempo acudimos com a solução prática — e por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. **Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco.** Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução?

Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmático sorriso do professor Benson.

— Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispareas. **Caráter racial é uma cristalização que ás lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado.**

³⁴⁹ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 201.

³⁵⁰ VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 284.

³⁵¹ VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 173.

—Quer dizer que prefere a solução americana, que não foi solução de coisa nenhuma, já que deixou as duas raças a se desenvolverem paralelas dentro do mesmo território separadas por uma barreira de ódio? Aprova então o horror desse ódio e todas as suas tristes consequências?

— Esse ódio, ou melhor, esse orgulho, respondeu miss Jane, serena como se a própria Minerva falasse pela sua boca, foi a mais fecunda das profilaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou a ambas em estado de relativa pureza. Esse orgulho foi o criador do mais belo fenômeno da eclosão étnica que vi em meus cortes do futuro.

— Mas é horrível isso! Exclamei revoltado, Miss Jane, um anjo de bondade, defende o mal...

Pela terceira vez a moça sorriu com o sorriso do professor Benson.

— Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas. O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano...

As reticências utilizadas por Monteiro Lobato no final da conversa de Miss Jane com Ayrton Lobo podem transmitir algum suspense ou até mesmo uma reflexão de que lá, nos Estados Unidos, o resultado final da divisão territorial entre brancos e negros possibilitou que a eugenia resolvesse o drama racial que atravessou séculos naquele país por meio da supressão de sua reprodução humana. Nesse caso, as reticências podem indicar também a seguinte pergunta: Por que não a aplicabilidade da eugenia no Brasil? É claro que ele parte do princípio de que, no Brasil, a miscigenação impossibilitou a constituição de um povo racialmente puro, como pode ser relido no segundo grifo do diálogo citado acima e na citação a seguir, também citado na introdução deste trabalho:

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má - formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E vão apinhados como sardinhas e há um desastre por dia, metade não tem braço ou não tem perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara. “Que foi?” “Desastre na Central” **Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!**³⁵²

Renato Kehl, por sua vez, afirmava que os mestiços brasileiros entre brancos e pretos eram, na maioria, elementos feios e fracos que apresentavam os vícios dos seus ancestrais e que constituíam elementos perturbadores do progresso nacional,

³⁵² LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Globo, 2010, p. 133.

sob o ponto de vista étnico e social.³⁵³ Por outro lado, a pergunta que Monteiro Lobato faz acima de como consertar a população brasileira depois de um histórico processo de cruzamento entre as raças, ele mesmo, no romance, indicou algumas alternativas. A intervenção eugênica foi uma delas e a cisão do território brasileiro em um Sul formado por Paraguai, Uruguai e o Brasil conectados por interesses econômicos e o Rio Paraná sendo a espinha dorsal para o desenvolvimento a região,³⁵⁴ e um Norte, assentado em uma república tropical com antigos problemas políticos e raciais, foram também indicações sugestivas ao debate racial brasileiro. Na verdade, a sugestão envolvendo certo determinismo geográfico a optar pela divisão territorial brasileira por uma ótica racial, condiz muito com as interpretações de Renato Kehl e Oliveira Vianna, como pode ver na citação a seguir:

Tomando por base as fichas antropológicas organizadas por médicos militares, dos indivíduos examinados para o serviço militar, calcula-se que existem 39% de brancos, 50% de mestiços, 10% de pretos e 1% de caboclos (índios) constituindo a massa de nossa população. Os brancos predominam nos Estados do Sul, os mestiços nos do Norte, certo número de caboclos no Amazonas, Sergipe, Alagoas e grande número de pretos nos Estados da Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Piauí. Em consequência do desaparecimento gradual, pela morte, de grande número de mulatos e caboclos, sobretudo de mulatos que são muito sacrificados pela tuberculose, e pelo cruzamento com indivíduos brancos, - a população brasileira sulista modifica-se rapidamente, tomando um aspecto acentuadamente europeu.³⁵⁵

Oliveira Vianna, por sua vez, comentou que

É possível que ao norte e ao centro do país, em virtude da preponderância quase absoluta de uma etnia apenas – a portuguesa, de morfologia mais ou menos uniforme, o branco possa ser considerado um tipo único, em torno do qual gravitem as variações individuais; mas o mesmo não se poderá dizer do sul do país, de São Paulo para baixo, onde elementos arianos ali fixados pertencem a todas as etnias europeias. Possível de aplicação ao norte do país, esta classificação dos nossos demografistas não o poderá ser, com o mesmo êxito, ao Sul do Brasil. Ora, esta região do Sul é justamente a zona etnicamente mais viva do país, a mais rica para explorações antropológicas e etnográficas, onde os grandes problemas da biologia da raça e da sociologia da raça estão revelando com uma nitidez impressionante.³⁵⁶

Por meio de cartas a Godofredo Rangel e também a Arthur Neiva, vimos que Monteiro Lobato tinha certa aversão as zonas tropicais por entender que elas atuam

³⁵³ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 200.

³⁵⁴ LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro...** *Op. cit.*, p. 100.

³⁵⁵ KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, p. 199.

³⁵⁶ VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 63.

como fatores de degeneração racial, por isso os comentários depreciativos sobre a população carioca³⁵⁷. Isso, somado a empreitada em querer “expandir seus negócios e lançar-se no mercado editorial hispano-americano”³⁵⁸ e a concordância com o pensamento e as estatísticas de Renato Kehl e, talvez, com o de Oliveira Vianna, Monteiro Lobato por meio de Miss Jane revela um território brasileiro cindido sobretudo por motivos de cunho racial, como pode ver a seguir:

— Dos muitos alvitreos propostos para de uma vez por todas arrancar a América do seu beco sem saída, predominavam duas correntes de ideias contrárias, conhecidas por solução branca e solução negra. A solução branca...

— Já sei, disse eu, aflito por acertar uma só vez que fosse. A solução branca era expatriar o negro!...

— Muito bem, confirmou miss Jane, alegre de ter-me proporcionado um inocente prazer mental. Queriam os brancos a expatriação dos negros para o...

— Vale do Amazonas! Exclamei, radiante do meu sucesso anterior e esperançoso de segunda vitória. Dia antes eu lera não sei onde uma qualquer coisa que me deixara entrever isso.

— Bravos! Nesse andar vai o senhor Ayrton substituir com vantagem o nosso porviroscópio perdido. Para esse vale, sim [Vale do Amazonas]. O antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do rio Paraná. Com as cataratas gigantescas ao longo seu curso, acabou esse fecundo Nilo da América transformando na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma república tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e fisiológicas. Discutiam-se sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semimorta língua portuguesa. Os sociólogos viam o reflexo do desequilíbrio sanguíneo consequente à fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este último predominante no vale do Amazonas.

Não pude deixar de estremecer diante das revelações de Miss Jane sobre o futuro do meu país.

— Que tristeza, Miss Jane! Exclamei compungido. Pois vai dar-se isso então?

— Não vejo motivos para a sua tristeza, respondeu ela. Acho até que a divisão do país constitui uma solução ótima, a melhor possível, dado o erro inicial da mistura das raças. A parte quente ficou a sofrer o erro e suas consequências; mas a parte temperada salvou-se e pode seguir o caminho certo. A sua tristeza vem da ilusão territorial. Mas reflita que a muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade dos seus habitantes. O Brasil temperado, além disso, continuou a ser um dos grandes países do mundo em território, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguai e o Paraguai.

Enchi-me de orgulho patriótico e sem querer levantei-me da cadeira com um hurrah entalado na garganta.

— Vencemos a Argentina, então? Conquistamos todo o Prata?

³⁵⁷ Não foi à toa que o local onde Ayrton Lobo sofre o acidente com o seu automóvel e é resgatado pelo professor Benson, se chama Friburgo, que dialogando com a cidade do Rio de Janeiro, me parece ser Nova Friburgo, um município carioca declarado pela capital como a Suíça brasileira pelas características do seu clima e dos suíços que, ali, colonizaram.

³⁵⁸ RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. **Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais**, 2008, p. 53. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

— Errou desta vez, senhor Ayrton. Não houve guerra, nem conquista de qualquer espécie. Os povos deste sul abriram os olhos a tempo, viram que a espinha dorsal da zona era o rio Paraná e foram-se arrumando ao longo das suas quedas como costelas, formando um todo único, mais ligados pelos interesses econômicos e geográficos do que por vinculas de sangue.

— Mas a velha rivalidade entre brasileiros e argentinos?

— Não passava de uma ingênua voz de sangue. Brasileiros e argentinos, descendentes de lusos e espanhóis, encampavam sem o saber o velho antagonismo que sempre dividiu a península ibérica. Mas tantas ondas de sangue novo despejou cá a imigração, que o elemento inicial luso-espanhol foi suplantado e não teve forças para perpetuar a ingênua rivalidade hereditária

— Mas por que dividiram o Brasil? Perguntei ainda mal consolado. Era só povoar o Norte da mesma maneira que o sul....

— Um país não é povoado como se quer, senhor Ayrton, ou como apraz aos idealistas. Um país povoa-se como pode. No nosso caso foi o clima que estabeleceu a separação. Dos europeus só os portugueses se aclimavam na zona quente, onde, graças às afinidades com o negro, continuaram o velho processo de mestiçamento, acabando por formar um povo de mentalidade incompatível com a do sul.³⁵⁹

De fato, a região amazônica foi vista por boa parte dos estadunidenses como um lugar ideal para se criar um reduto escravista ligado aos Estados Unidos entre os anos 1840 e 1850 que pudesse alavancar ainda mais os negócios escravistas de fazendeiros do Sul dos Estados Unidos, como afirma a historiadora Maria Clara Sales Carneiro Sampaio.³⁶⁰ O louvor de Monteiro Lobato às políticas raciais em voga nos Estados Unidos é evidente na narrativa de Monteiro Lobato ao apontar para duas soluções à questão racial brasileira: ou dividem o território brasileiro em um norte e um sul por motivos raciais ou, por outro lado, esterilizar a população negra. A esterilização, nesse caso, poderia ser uma medida mais eficaz e segura e, como parte do compromisso de Monteiro Lobato em divulgar a eugenia, finaliza o conflito étnico dos Estados Unidos no ano de 2228 com a seguinte passagem:

— No dia seguinte a essa noite trágica devia realizar-se a posse do 88º presidente americano, James Roy Wilde, vulgarmente Jim Roy, negro de raça pura nascido em Sonora aos 23 de abril de 2188, doutor em Ciências de Governo pela Escola Técnica de Direção Social, despigmentado em 2201 e omegado [esterilizado] vinte dias depois da vitória nas urnas.

Líder incontestado da raça negra, para a qual sonhava um destino altíssimo, merecia ainda dos brancos um respeito semelhante ao que na velha Roma o patriciado conferia aos libertos de excepcional valor. Era Jim liberto do pigmento.

O Choque das raças fora prevenido, o que valeu por nova vitória da eugenia. A sociedade, livre de tarados, viu-se no momento do embate isenta

³⁵⁹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 100.

³⁶⁰ SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. A Amazônia no olhar imperialista: a história ainda pouco explorada no projeto do norte-americano no Matthew Fontaine Maury para a Amazônia na década de 1850. **Revista Canôa do Tempo** (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas UFAM), 2019.

dos perturbadores ao molde dos retóricos e fanáticos cujas palavras de outrora impeliam as multidões aos piores crimes coletivos. A exasperação branca do primeiro momento breve desapareceu. O bom senso tomou pé e o ariano pôde filosofar com a necessária calma. A opinião corrente admitia não passar a vitória negra de um curioso incidente na vida americana. Oriunda de cisão sexual do grupo ariano, fora golpeada de morte no próprio dia das eleições pela adesão das sabinas ao *Homo*. O próximo pleito restabeleceria o ritmo quebrado e do incidente nada restaria no futuro além de um pouco mais de pitoresco na história da América – qualquer coisa como na série dos papas e pontificado da papisa Joana.

A serenidade dos brancos reforçava-se ainda na confiança que todos depositavam em seus líderes reunidos em convenção. Embora se ignorasse o que os chefes natos haviam decidido no concílio secreto, nem por sombras ninguém admitia que não fosse a ideia lá vencedora a mais eficiente e justa do ponto de vista racial.

Do outro lado os negros, passa a crise de entusiasmo do primeiro momento e dada a fé que lhes merecia Jim Roy, entraram mais a gozar as delícias do “omeguismo” do que a deslumbrar-se com uma vitória política evidentemente precária. **E assim a mais inesperada surpresa da vida americana não trouxe nenhuma das calamidades públicas que fatalmente acarretaria no passado – e no tempo em que o desprezo da seleção humana deixava a sociedade encher-se de perigosíssimos bubões infecciosos. (grifo nosso).** [...].

Um fato entretanto fez-se notado. Meses depois do aparecimento dos raios Omega o índice da natalidade negro caía de chofre. Março, precisamente o nono mês a datar da abertura dos primeiros postos desencarapinhantes, acusava uma queda de 30%. Esta porcentagem subia ao dobro em Abril e atingia a 97% em Maio. Em Junho as estatísticas só registravam 122 negrinhos novos. [...].

Pela primeira vez na vida dos povos realizava-se uma operação cirúrgica de tamanha envergadura. O frio bisturi de um grupo humano fizera a ablação do futuro de um outro grupo de cento e oito milhões sem que o paciente de nada se apercebesse. A raça branca, afeita à guerra como *última ratio* da sua majestade, desvia-se da sua trilha e impunha um manso ponto final étnico, mas com o qual não mais desejava viver em comum. Tinha-o como obstáculo ao ideal da Super-Civilização ariana que naquele território começava a desabrochar, e pois não havia render-se a fraqueza de sentimento, nocivas à esplendorosa florescência do homem loiro.

A raça ferida na fonte vital pendeu sobre o peito a cabeça, como a planta a que o jardineiro estrangula a circulação da seiva. Ia passar. Esteril como a pedra, ver-se-ia extinguir num crescupulo indolor, mas de trágica melancolia.

E passou...

Decênios mais tarde, no maravilhoso jardim americano onde só abrolhavam camélias louras de pétalas levemente acobreadas pela força misteriosa do geo-ambiente, erguia-se, no alto do monumento de gratidão erigido pelo sócio branco em homenagem ao sócio negro, o busto do velhinho mágico que em 2228 curara a dor de cabeça histórico do 87º presidente...³⁶¹

³⁶¹ LOBATO, Monteiro. **O Presidente negro...** Op. cit., p. 259-266.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação desta pesquisa de mestrado foi a de contribuir aos debates acadêmicos e não acadêmicos que envolvem os livros e a vida de Monteiro Lobato, sobretudo quando o enredo da discussão é racismo e eugenia em sua produção literária, o fato de que a memória afetiva em relação ao escritor como um cânone da literatura brasileira dificulta o reconhecimento de que escreveu e manteve ideais de superioridade racial propondo, inclusive, soluções eugenistas de extermínio das populações negras como resposta à miscigenação racial. Marcado por uma disputa de memória em torno de sua biografia, bem como lutas em favor de sua preservação como um escritor incontestado e importante na história da literatura brasileira sem levar em consideração o seu ativismo racial ou simplesmente sintetizar todo o debate como anacrônico, esta dissertação de mestrado é um trabalho de crítica histórica que reforça que o seu racismo literário vai muito além de trechos, passagens e frases, mas localiza-se no jogo de interpretações da sociedade brasileira. Em face disso, Monteiro Lobato interpreta à luz da eugenia negativa o passado, presente e o futuro brasileiro.

Se, para os seus admiradores, Monteiro Lobato continua vivo em decorrência da memória popular brasileira em relação a literatura infantil, outro capítulo envolvendo a sua morte se iniciou nesta década: a do fim dos direitos autorais e a sua obra colocada em domínio público no início de janeiro de 2019, quando, na ocasião, completaram-se os setenta anos de sua morte. Assim, suas obras hoje podem livremente ser reeditadas e adaptadas por qualquer um e por qualquer editora sem o devido pagamento de direitos autorais aos herdeiros de Monteiro Lobato, que, desde 2007, com a devida autorização e contrato com os seus herdeiros, a Globo Livros tinha o monopólio de edição e publicação. Agora, o público e os interessados podem visitar de modo fácil e gratuitamente as suas obras e, como vem resultando, em uma re colocação de Monteiro Lobato no mercado literário brasileiro sob vários olhares que podem reafirmar as suas qualidades e o seu mundo encantado ou podem, também, confrontar as convenções existentes e a própria hegemonia do que se conta e o que se vem, historicamente, escrevendo sobre Monteiro Lobato.

Desde o ano de 2011, quando saiu na revista *Bravo* a carta de Monteiro Lobato enviada ao médico e sanitarista Arthur Neiva em 1928 comendo elogios as ações do grupo estadunidense conhecido como a *Ku Klux Klan* que atuava em prol do extermínio do povo negro e da supremacia branca naquele país e, também, desde as denúncias da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) proibindo a compra e a distribuição do livro *Caçadas de Pedrinho* (1939) nas escolas argumentando que existem trechos e frases racistas nela, acadêmicos das mais diferentes áreas do conhecimento têm se debruçado sobre o tema e concluindo resultados de pesquisa que indicam existir racismo em suas obras. Não foi à toa que ao travarem uma disputa contra quem acusa Monteiro Lobato de ter sido um escritor racista, sua bisneta, Cléo Monteiro Lobato e o famoso escritor Pedro Bandeira, publicaram os livros *Narizinho Arrebitado* em 2020 e *Narizinho – A Menina Mais Querida do Brasil* em 2019 suprimindo, respectivamente, o racismo nessas obras como uma forma de atualização dos personagens e das histórias para o século 21.

Abriu-se, portanto, uma discussão por meio das redes sociais, mídias, livros e universidades sobre o racismo na literatura de Monteiro Lobato que questionam e estremecem a sua biografia, pois, com o veto do Ministério da Educação (MEC) ao parecer e o caso sendo conduzido ao Supremo Tribunal Federal (STF) por um Mandado de Segurança mobilizado pelo Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) e pelo técnico em gestão educacional Antônio Gomes da Costa Neto exigindo notas técnicas, formação e capacitação dos educadores, Monteiro Lobato pode até continuar sendo adorado e benquisto pela população, mas também tornou-se um alvo da luta antirracista de reparação e questionamento aos clássicos da literatura brasileira que contribuíram na produção e na reprodução do racismo. De acordo com Antônio Gomes da Costa Neto:

O debate envolvendo Monteiro Lobato há de ser considerado como uma das maiores, quiçá a mais robusta discussão acerca do antirracismo no Brasil do século XXI, eis que o autor a partir da discussão envolvendo a obra “Caçadas de Pedrinho” se inseriu em concursos públicos, pesquisas científicas, discussões por intelectuais, imprensa, movimento social e dentro da Academia Brasileira de Letras (ABL).³⁶²

³⁶² NETO, Antônio Gomes da Costa. A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do “Caçadas de Pedrinho”. **Caderno de Letras**, nº 25, Jul-Dez - 2015. p. 16.

Se, como vimos, Monteiro Lobato é também um produto das convenções e do mercado literário e suas obras fazem parte do currículo escolar e são praticamente obrigatórias em salas de leitura e bibliotecas públicas, muito provavelmente as prefeituras, os governos estaduais e o federal sejam os principais compradores de sua obra. Nesse caso, as instituições públicas vão comprar e circular as obras de um escritor considerado racista e assumidamente eugenista nas escolas? Será que a utilização de suas obras não reproduz o racismo nas escolas e também afeta as crianças e os estudantes sobretudo negros culminando em situações como discriminação, preconceito racial e estereótipos racistas que provocam dor, sofrimento, trauma, depressão e dificuldades no desempenho escolar?

É claro que propor uma discussão sobre o racismo de Monteiro Lobato não é um exercício muito simples e fácil de se fazer. Primeiro que, como vimos, desde a notícia de sua morte, tornou-se um escritor ainda mais popular. Segundo que qualquer associação que se faz dele ao racismo literário causa uma tempestade de opiniões e discussões infundáveis entre os seus entusiastas e antagonistas. Afinal, quem o conhece certamente conhece as histórias de Emília, do Saci, do Visconde de Sabugosa, da Tia Nastácia e da Dona Benta, narradas dentro do Sítio do Picapau Amarelo que o colocaram como uma espécie de mártir da literatura infantil brasileira ao ponto de alçarem a sua data de nascimento, 18 de abril de 1882, como o Dia Nacional do Livro Infantil, homenagem essa discutida no Congresso Nacional e sancionada em lei pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso no dia 08 de janeiro de 2002.

Com os diversos monumentos à Monteiro Lobato espalhados pelo país, além de datas comemorativas e a constante rememoração de sua vida como fez a Estação Primeira de Mangueira em 1967 com o enredo intitulado *O Mundo Encantado de Monteiro Lobato*, além da Escola de Samba Independentes do Zumbi com *As Aventuras de Pedrinho* em 1973 e, em 1975, a Unidos de Bangu com o livro *Emília no país da gramática*,³⁶³ sustentam a popularidade do escritor taubateano como um ídolo nacional. Ou melhor, cumprem o papel pedagógico de preservar para as

³⁶³ SOARES, Leonardo. F. Uma delirante confusão fabulística: a literatura infantil 'sacode' a Marquês de Sapucaí. In: **ANAIS DO Colóquio de Estudos em Narrativa III**: As literaturas infantil e juvenil ainda uma vez, 2013, Uberlândia. Anais do Cena - Colóquio de Estudos em Narrativa. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 1. p. 5.

gerações futuras a memória daquele autor como amigo e professor das crianças, além de associá-lo como figura destacada na formação da cultura brasileira.

Em seus livros voltados ao público infantil, costumam dizer que Monteiro Lobato ensinava e ainda ensina história do mundo e das invenções às crianças, ensina gramática, aritmética, geologia, biologia, química e também geografia como uma verdadeira sala de aula na qual prevalece o conhecimento científico e a sua praticidade. Que suas histórias, no contexto de escrita e publicação, cumpriram o papel de dialogar com as realidades vividas durante as primeiras décadas da república. Nesse sentido, dos mais diversos e diferentes personagens que ele criou, o Visconde de Sabugosa representa o intelectual pragmático e a nação cientificamente moderna, enquanto Emília, Narizinho e Pedrinho atuam como construtoras de um futuro nacional; Dona Benta, por sua vez, como a voz iluminada da nação e os personagens negros como Tio Barnabé e Tia Nastácia sendo emblemas de um passado na nação futura.³⁶⁴

Ocorre que, muitos como eu e você, conheceram e aprenderam a gostar de Monteiro Lobato durante a infância não somente por meio dos seus livros e trabalhos escolares, mas também pela televisão. Publicado entre os anos 1920 e 1947, a primeira versão do *Sítio do Picapau Amarelo* para a televisão brasileira deve-se a escritora Tatiana Belinky e ao educador Júlio Gouveia, que, além de entusiastas pela obra de Monteiro Lobato, foram também seus amigos. A primeira adaptação contou com um formato em teleteatro e ao vivo, exibida pela extinta e pioneira TV Tupi de São Paulo. No ar durante 11 anos e conquistando o público com diversas audiências, outras versões surgiram conforme os avanços televisivos e exibidas ao longo dos anos pela TV Cultura de São Paulo, TV Bandeirantes e principalmente pela TV Globo,³⁶⁵ garantindo, portanto, a presença de Monteiro Lobato e de suas histórias nas casas de milhares de brasileiros.

Tratando-se de entretenimento e indústria cultural, podem ter acontecido ocultamentos, censuras e seleções de suas narrativas com o objetivo de continuar produzindo uma memória positiva, afetiva e favorável a Monteiro Lobato. Tanto no

³⁶⁴ Cf. SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

³⁶⁵Cf. <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/curiosidades/>>. Acesso em 01 de outubro de 2021.

âmbito acadêmico quanto no imaginário popular brasileiro, a televisão e os livros de Monteiro Lobato afetaram positivamente o universo dos leitores. Qualquer pesquisa que se faça nas ruas e nas universidades brasileiras, o resultado, sem dúvida nenhuma, pode ser a valorização e o sentimento de orgulho em ter Monteiro Lobato como escritor brasileiro. Isso pode ser visto em muitos dos biógrafos e acadêmicos que se dedicam a estudar as obras e a própria vida de Monteiro Lobato. Há, nesse sentido, uma predisposição em narrar a vida de Monteiro Lobato como se ela fosse uma rua pavimentada, sem buracos e completamente iluminada, destacando, assim, méritos e vitórias, e não suas contradições e ativismos de superioridade racial.

Quem supostamente conhece Monteiro Lobato saberia que o pai da literatura infantil enviou cartas a escritores e intelectuais que inferiorizavam e menosprezavam a população negra propondo, até mesmo, soluções extremistas como a sua eliminação física e racial da sociedade? Que, na figura de editor, ele também editou, prefaciou e publicou livros de tais intelectuais? Por fim, e não menos importante, conhece o livro intitulado *O Choque das Raças ou O Presidente negro: um romance americano no ano de 2228* cuja história, como vimos, versa sobre a esterilização da população negra ou a divisão racial do território brasileiro como resposta aos debates envolvendo a miscigenação racial? Apesar de ser pouco conhecida e do seu fracasso internacional – uma sombra habilidosamente escamoteada de sua produção literária por seus biógrafos –, a obra foi uma ode à eugenia que, calcada nas discussões envolvendo eugenia e miscigenação racial, ficcionaliza o fim da população negra nos Estados Unidos e a divisão racial do Brasil em um Sul, branco e altamente civilizado, e um Norte, mestiço e incivilizado, como uma reflexão político-racial para os brasileiros daquele tempo. No imaginário popular, penso que não. Afinal, o ato de lembrar é também o ato de esquecer, apagar, ocultar, despistar, esconder e até mesmo silenciar o que não deve ser dito e nem lembrado.

Nesse sentido, o livro ganhou uma nova edição no século 21 em referência a vitória de Barack Obama ao cargo de presidente dos Estados Unidos da América em 2008, comparando-o com o prenúncio de Monteiro Lobato em *O Choque das Raças ou o Presidente Negro*, que elege um presidente negro naquele mesmo país, porém

em 2228³⁶⁶. Somado a isso, muito provável que o livro tenha ganhado evidência também com a contenda política envolvendo políticas de cotas e de afirmação social como prerrogativas para a superação das desigualdades sociais e raciais em um território no qual o racismo é o elemento central da sociedade brasileira moderna e o grande responsável pelo atraso moral, social e político brasileiro exercido das mais diversas maneiras nas relações sociais como um meio de opressão e destruição do outro.³⁶⁷ Como toda pesquisa advém de escolhas e preferências, pode ser que muitos dos especialistas saibam, mas preferem ignorar, suavizar ou evitar tratar o assunto e o livro acima para blindar o racismo e o racialismo de Monteiro Lobato. Afinal, suas histórias nos livros e na televisão afetaram e ainda afetam, positivamente, muita gente.

Muitos, como Thiago Alves Valente, compreendem que o racismo, mesmo sendo uma pauta fundamental e premente, tem sido associado a Monteiro Lobato na maioria das vezes de forma ligeira, rasa, equivocada e que “simplesmente banir os seus textos das salas de aula e espaços de discussão é renunciar a debater uma obra preta de criatividade, inventividade e criticidade”.³⁶⁸ Outros, como Jorge Coli,³⁶⁹ que compreendem que *Só quem não leu ou não entendeu os livros de Monteiro Lobato pode julgá-los racistas* e, também, como Antônio Silvio Lefèvre, que afirmam com veemência que *Lobato não era racista* porque “levar citações de cunho racista ao pé da letra revela total ignorância sobre a obra de Monteiro Lobato”.³⁷⁰ Há, ainda, Cilza Bignoto, que diz que a literatura de Monteiro Lobato tem muito mais traços antirracistas do que o contrário, e que os trechos claramente racistas são facilmente

³⁶⁶ Em tal edição, os biógrafos Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, comenta da capacidade de Monteiro Lobato com a sua imaginação e o seu humor em antever o futuro inspirado na ficção científica de H. G. Wells

³⁶⁷ SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021, p. 7.

³⁶⁸ VALENTE, Thiago Alves. Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível. São Paulo: **Jornal da Unesp**, 25 fev. 2022. <https://jornal.unesp.br/2022/02/25/monteiro-lobato-rasgado-queimado-cancelado-e-imprescindivel/>

³⁶⁹ COLI, Jorge. Só quem não leu ou não entendeu os livros de Monteiro Lobato pode julgá-los racistas. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 3 fev. 2019. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jorge-coli/2019/02/so-quem-nao-leu-ou-nao-entendeu-livros-de-lobato-pode-julga-los-racistas.shtml>

³⁷⁰ LEFÈVRE, Antonio Silvio. Lobato não era racista. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 8 jan. 2021. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/01/lobato-nao-era-racista.shtml> >. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

palavras de um homem do seu tempo.³⁷¹ Por fim, àqueles que participam desse debate na linha de pensamento de Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy, que diz:

O que fazer? A solução média, a meu ver, pode não contemplar o banimento ou a censura pura e simples da obra. Penso que podemos tentar construir mecanismos de esclarecimento, com a necessária mediação das leituras dos textos do autor questionado, instruídas também por notas explicativas circunstanciais. Pode-se cogitar de um espaço de consenso e de discussão, que leve em conta a dor dos atingidos, e o legado também indiscutivelmente positivo do escritor questionado, construindo-se uma agenda compreensiva que possa de igual modo nos orientar para o enfrentamento de outros problemas, também muito graves, a exemplo da questão do ataque às estátuas.³⁷²

Nesse debate, poder levar em conta a dor dos atingidos pode ser uma forma de sobreviver aos excessos de memória positiva à Monteiro Lobato por um ângulo da ética e da reparação histórica. Assim, fazer lembrar os lados ocultos de sua vida e de sua produção, corresponde ao novo desafio da memória diante do imperativo do *esquecer*: segundo Julio Benvivoglio, é preciso pensar o esquecimento não somente sob o prisma do desvirtuamento ou da manipulação da história, mas também como a possibilidade de um *direito* e um *dever* que podem ser invocados política e eticamente.³⁷³ Há, portanto, uma memória em disputa e uma tentativa de reinterpretação do passado de Monteiro Lobato em função de algo ainda maior, racismo, que *comanda toda a lógica da sociedade e das classes sociais em luta* e estabelece os limites de todo aprendizado social possível e mantém a irracionalidade do ressentimento no comando da sociedade numa lógica estrutural,³⁷⁴ isto é

decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelos costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.³⁷⁵

³⁷¹ PEREZ, Thais. Lobato cancelado? Escritores discutem se obra de taubateano resistiu às discussões raciais. São Paulo: **O Vale**, 22 abr. 2022. <https://www.ovale.com.br/viver/lobato-cancelado-escritores-discutem-se-obra-de-taubateano-resistiu-as-discuss-es- raciais-1.214744>

³⁷² GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Monteiro Lobato no banco dos réus. São Paulo: **Consultor Jurídico**, 24 out. 2021. <https://www.conjur.com.br/2021-out-24/emargos-culturais-monteiro-lobato-banco-reus>

³⁷³ BENTIVOGLIO, Júlio César. Os Pontos cegos da História: A Produção e o Direito ao Esquecimento no Brasil – Breves notas para uma discussão. Goiás: **Portal de Periódicos da UFG**, v. 14, n. 2, jul./dez. 2014, p. 392.

³⁷⁴ SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021, p. 218.

³⁷⁵ ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020, p. 50.

Mais do que tentativas de comprovar que o racismo existe, Jessé Souza, sociólogo e professor universitário, defende que é necessário ir mais além e compreender a sua gênese histórica e o seu papel nas relações sociais, explicar que o racismo destrói, oprime e humilha as pessoas, tornando-se, portanto, uma necessidade a reconstrução das precondições, historicamente construídas, afetivas e morais, para que a individualidade de cada um possa ser exercida com confiança e autoestima de forma a merecer o respeito dos outros.³⁷⁶ Nesse sentido, quando assistimos a um desfile de carnaval da Beija-Flor de Nilópolis pulsando no Sambódromo da Sapucaí com um enredo antirracista e com alegorias às derrubadas das estátuas do bandeirante Borba Gato, de Pedro Álvares Cabral e de Monteiro Lobato, são indícios de uma inflexão histórica, de uma disputa de memória em plena manifestação popular onde, tanto ali quanto em outras esferas reais da vida, o racismo é aprendido, replicado e institucionalizado. Quando discutimos estrutura, discutimos o processo social, as bases do funcionamento e como tudo opera. Aqui, nesta dissertação, elucidado que a literatura, em especial *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, foi um espaço privilegiado para Monteiro Lobato compor toda a lógica que dá sustentação ao racismo estrutural.

O meu interesse por pesquisar essa obra de Monteiro Lobato surgiu ainda na graduação, quando, na ocasião, estava escrevendo um subprojeto de iniciação científica em 2017. Naquela época, optei por escolher o romance *O Choque das Raças ou O Presidente negro*, mesmo sendo uma obra esquecida e ignorada por boa parte dos seus entusiastas, especialistas e pelo próprio mercado editorial, que a lembrou devido ao contexto eleitoral dos Estados Unidos. A princípio, fiz uma análise das características utópicas e distópicas presentes nesse livro, visto que durante a pesquisa encontrei referências que rotulavam o livro como uma distopia, logo, inviabiliza qualquer associação de Monteiro Lobato às práticas de superioridade racial do início do século 20 e sim, como um retratista de sua época ou um visionário devido aos avanços tecnológicos ficcionalizados em seu livro.³⁷⁷

³⁷⁶ SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021, p. 8.

³⁷⁷ Se considerarmos ser uma distopia como um gênero textual, como existe em sua ficção a vitória de um candidato negro à presidência dos Estados Unidos no ano de 2228 contra um partido formado por homens brancos e ele e toda a população negra desaparece hereditariamente depois de sua vitória, Monteiro Lobato estaria fazendo um alerta e um aviso do que poderia acontecer diante dos debates entre os intelectuais brasileiros sobre a questão racial, tratado por muitos como um fator de extrema importância para o desenvolvimento nacional, e cultural. Ou seja, Monteiro Lobato estaria atuando como um crítico e retratista se a miscigenação resolveria ou não o conflito racial para a construção de

Durante a empreitada, recusava-me a levar o tema de pesquisa para o campo do debate étnico-racial. Afinal, assim como muitos, mantinha uma relação de culto a Monteiro Lobato ao ponto de considerá-lo vítima de uma perseguição do politicamente correto ou que, sendo um homem do seu tempo e vítima de sua época, tal racismo ecoava do próprio contexto republicano brasileiro. Todavia, houve uma mudança de pensamento quando fui orientado a restringir e comprometer a pesquisa somente ao livro citado acima em razão da literatura ser também um esforço intelectual do autor em dialogar com a realidade, vozes e com enunciados de um determinado discurso. Ou seja, que o livro de Monteiro Lobato está cercado, envolto e embebido em discursos vigentes durante as primeiras décadas da Primeira República e que todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para discursos que a circundam; que toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras e está rodeada de palavras.³⁷⁸

Nesse sentido, as interações intelectuais de Monteiro Lobato ajudam a compreender que existem relações dialógicas do seu livro com a realidade e com as experiências concretas de linguagem como formas de interação e comunicação discursiva não se tratando, portanto, de abstrações e sim de interdiscursividade e intertextualidade que orientam e participam de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.³⁷⁹ Como Monteiro Lobato não escreveu somente livros de literatura infantil, mas também uma série de artigos na imprensa paulista e carioca e foi decisivo na circulação de ideias e temas relacionados a nacionalização do país durante a sua atuação como diretor da *Revista do Brasil*, além, é claro, das suas campanhas panfletárias envolvendo o progresso brasileiro através da criação de indústrias, ferro, petróleo, sanitarismo, eugenia e ter sido também um ávido missivista com políticos, médicos, escritores e intelectuais dos mais variados tipos, o cotidiano e a sua realidade concreta estão presentes em *O Choque das Raças*

um povo genuinamente brasileiro. Cf. SANTOS, Wesley Ribeiro dos. Futuro e presente: narrativas utópicas e distópicas na Literatura Fantástica de Monteiro Lobato, *O presidente negro* (1926). In: BENTIVOGLIO, Julio; BRITO, Thiago Vieira de. **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editora Milfontes, 2018.

³⁷⁸ FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 22.

³⁷⁹ VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 219.

ou *O Presidente negro*, pois, o ato criativo envolve um complexo processo de transposição refratadas da vida para a arte.³⁸⁰

Por fim, a título de encerramento, acredito que esta pesquisa contribua para discussões ainda maiores: a recusa em assumir o racismo lobatiano como sintoma do próprio racismo estrutural e, além disso, a literatura eugenista de Monteiro Lobato ter sido um esforço intelectual em interpretar a sociedade brasileira produzindo uma hipótese de Brasil. Ou seja, Monteiro Lobato pode ser visto para além da questão do racismo literário? Uma leitura mais sofisticada de sua obra pode enriquecer o debate em torno de sua biografia se a gente o analisar a partir de uma perspectiva dos Intérpretes do Brasil ao pensar uma ideia de nação à luz das teorias raciais assentada em preceitos eugênicos. Longe de propor afirmações peremptórias ou conclusivas, destina-se a ampliar um importante debate sobre um dos maiores autores da literatura brasileira, responsável por uma obra destacada voltada para amplos públicos. Empresário, autor e escritor renomado, restava apontar esse obscuro lado eugenista de Monteiro Lobato que durante muito tempo foi habilidosamente escondido por parte de seus biógrafos e que, em meu entendimento, não deveria ser desconhecido pelos seus leitores do presente e do futuro.

³⁸⁰ FARACO, Calor Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 39.

Referências

Fontes de Monteiro Lobato:

LOBATO, Monteiro. **America's Black President, 2228**. Ed.1. Washington: Amazon, 30 abr. 2020.

LOBATO, Monteiro. **O Choque das Raças ou O Presidente Negro**: romance americano no anno de 2228. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Contos Completos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e Outros Textos**. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. **O Escândalo do Petróleo e Ferro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Globo, 2009,

LOBATO, Monteiro. Uma carta do escritor Monteiro Lobato. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed. 283, p. 13, 17 nov. 1934.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

Fontes digitais sobre Monteiro Lobato:

COLI, Jorge. Só quem não leu ou não entendeu os livros de Monteiro Lobato pode julgá-los racistas. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 3 fev. 2019.

LEFÉVRE, Antonio Silvio. Lobato não era racista. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 8 jan. 2021

PEREZ, Thais. Lobato cancelado? Escritores discutem se obra de taubateano resistiu às discussões raciais. São Paulo: **O Vale**, 22 abr. 2022

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Monteiro Lobato no banco dos réus. São Paulo: **Consultor Jurídico**, 24 out. 2021

VALENTE, Thiago Alves. Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível. São Paulo: **Jornal da Unesp**, 25 fev. 2022.

FILHO, Aloysio de Carvalho. Monteiro Lobato. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1948, Ed. 07893, p. 25, 18 jul. 1948.

QUEIROZ, Dinorah Silveira de. Café da manhã - Mais forte que a morte. **A Manhã**: Rio de Janeiro, Ed. 02119, p. 4, 7 jul. 1948.

PATI, Francisco. Rótulo Estrangeiro. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28311, p. 4, 21 jul. 1948.

CINTRA, Francisco de Assis. Como Conheci Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28311, p. 4, 21 jul. 1948.

SEIBEL, Benjamin. Monteiro Lobato. **Nossa Voz**: São Paulo, Ed. 00067, p. 10, 08 jul. 1948.

FRANCA, Rubens. Camões nas cartas de Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: Pensamento e Arte, São Paulo, Ed. 00151, p. 14, 24 abr. 1955.

BALEEIRO, Aliomar. Monteiro Lobato, financista. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1948, a. 19, n. 7888, p. 4.

FILHO, Dr. Odilon de Andrade. Literatura Infantil. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1948, a. 19, n. 7893, p. 24.

Correio Paulistano. O Passatempo de Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: São Paulo, Ed. 28298, p. 2, 6 jul. 1948.

PASSOS, Pereira. Meu Depoimento Sobre Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**: Pensamento e Arte, São Paulo, Ed. 00049, p. 7, 26 abr. 1953.

SILVEIRA, Joel. Viagem de madrugada para o mundo dos bons. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1948, a. 19, n. 7884, p. 7.

O JORNAL (RJ). O que será o mundo no ano 2228: o futuro desvendado. **Jornal (RJ)**, Rio de Janeiro, Ed. 02480, 8 jan. 1927.

O JORNAL (RJ). O que será o mundo no ano 2228: o futuro desvendado. **O Jornal (RJ)**, Rio de Janeiro, Ed. 02480, 8 jan. 1927.

A NOITE (RJ). O Choque das raças: por Monteiro Lobato. **A Noite (RJ)**, Rio de Janeiro, ed. 05445, 17 jan. 1927.

Obras sobre Monteiro Lobato:

ALEX, Nola Kortner. Prescient Science Fiction: Monteiro Lobato's 'O Presidente Negro' after 70 years". **Paper presented at the Annual Joint Meeting of the Popular Culture Association/American Culture Association**, Las Vegas, NV, March 25-28, 12p, 1996. Available at: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED392061.pdf>. Accessed on 15 Mai. 2022.

ASINELLI-LUZ, Araci. O álcool e o alcoolismo na obra de Monteiro Lobato de 1918. *Urupês e Problema Vital: uma análise à luz do movimento eugênico da época*. **Educar em Revista**. v. 12, 1996.

BARBOSA, Alaor. **Um Cenáculo na Paulicéia**: um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. Brasília: Projecto Editorial, 2002.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. **Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor**: as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BOLDORINI, M. G.; MORAES, T. M. R. **Monteiro Lobato**: racista ou retratista de seu tempo? *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 05, n. 01, p. 195-216, jan./jun. 2016.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, Luiz Carlos de Sá. **O Presidente negro**: um outro olhar. Dissertação (Mestrado em Literatura brasileira e Teorias da Literatura). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Podar é preciso: Monteiro Lobato e a experiência da eugenia "negativa" estadunidense como alternativa para o Brasil. In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). **Intelectuais e nação**: leituras de Brasil na República. Curitiba: Appris, 2018, p. 122

CECCANTINI, João Luís. Cinquenta tons de verde: Urupês, o primeiro best-seller nacional. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, Livro a Livro**: Obra Adulta. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHIARADIA, Katia. Literatura, política, petróleo e escândalos: O escândalo do petróleo. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra Adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor**, esse conhecido. UNIVALI: Florianópolis, 2004.

DIAS, Maicon Alves. **De utopias e distopias** - uma leitura de O Presidente negro de Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Filipe Augusto Chamy Amorim. **O sonho americano de Monteiro Lobato: relações Brasil-EUA na obra do escritor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2019.

FERREIRA, Bruna Santana de Sá. **O Choque das Raças: Eugenia, Literatura e Imprensa em Monteiro Lobato**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: 2016.

FILHO, Aluizio Alves. O Racismo em Monteiro Lobato, segundo leituras de afogadilho. **Passagens**. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 8, no.2, maio-agosto, 2016.

FIGUEIREDO, Julieta Brites. **Em nome da ciência: a Revista do Brasil e as representações Eugênicas/Higiênicas no período Lobatiano (1918-1925)**. Tese (Doutorado), UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Direito e Literatura: anatomia de um desencanto – desilusão jurídica em Monteiro Lobato**. Curitiba: Juruá, 2004.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **“Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou”**: raça, eugenia e nação. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926)**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. São Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. [Livro eletrônico].

JATOBÁ, Roniwalter. **O Jovem Monteiro Lobato**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 04, n. 23, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. **Nacionalismo militante**: uma análise da correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-1942). Dissertação (Mestrado) em História das Ciências e da Saúde – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020.

LUCA, Tania Regina de. **Monteiro Lobato e a metáfora das Cidades Mortas**. Remate de Males - 27 (1) - jan./jun. 2007.

LUCA, Tânia Regina. Zé Brasil em perspectiva: contexto de produção e circulação. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: livro a livro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MARTINELLI, Laís Pacifico. Monteiro Lobato e o ideário escolanovista: um modelo de escola no sítio do Pica-pau Amarelo. **Contraponto**, Piauí, v. 17, n. 1.

MATOS, José Claudio Morelli; SILVA, Camila Oliveira da. John Dewey e Monteiro Lobato: ambiente social e condições de crescimento no romance O Presidente Negro. **SABERES**, Natal – RN, v. 1, n.8, ago. 2013.

MARÇOLLA, Rosângela. Os telenetos de Lobato: literatura infantil na televisão. In: FLORY, Suely Fadul Villibor (org.). **Narrativas ficcionais**: da literatura às mídias audiovisuais. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

MEDEIROS, Bruno Franco. What the eyes can't see: the future according to Monteiro Lobato. **História da Historiografia**. Ouro Preto, v. 14, n. 35, p. 171-198, jan.-abr. 2021.

MIRANDA, Jaqueline Silva. **Monteiro Lobato e o Racismo Literário** – Impressões caricatas do negro em obras infantis. Salvador: Edição Independente, 2020.

MOTA, Miriam Monaco. **A Estética Lobatiana em O Presidente negro**: ações e recepções. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MINCHILLO, Carlos. Engenharia Reversa em O choque das raças. In: LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato, livro a livro**: Obra adulta. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MILTON, Jhon. **Um país se faz com tradutores e traduções**: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

NETO, Antônio Gomes da Costa. A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do "Caçadas de Pedrinho". **Caderno de Letras**, nº 25, Jul-Dez - 2015.

NETTO, Heloisa Pinto Sousa. Monteiro Lobato e o intercâmbio literário com sul-americanos. Correspondências com Manuel Gálvez e Horacio Quiroga. In: NETTO, Heloisa Pinto Sousa. **América: o racconto de um continente | América: el relato de un continente**. Biblioteca de Rassegna Ibérica 14, 2019.

NUNES, Cassiano. Um visionário na intimidade. **Folha de São Paulo**, 28 de junho de 1998.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2006.

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. **Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais**, 2008, p. 53. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SANTOS, Wesley Ribeiro dos. Monteiro Lobato: um intelectual nietzschiano crítico da tradição? In: SANTOS, Cleber Ferreira dos; Oliveira, Ueber José de. (Org.). **Intelectuais e Ideias políticas: História, Cultura e Poder**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

PASSIANI, Enio. A construção da hegemonia: Monteiro Lobato, Mercado Editorial e Campo Literário no Brasil. **Miscelânea**, Assis, vol.6, jul./nov. 2009.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. – Bauru, SP: EDUSC, 2003.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. São Paulo: Globo, 2011.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. **As Diversas Facetas de Monteiro Lobato**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores; Secretaria Municipal de Cultura – Município de São Paulo, 1982.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SANTOS, Wesley Ribeiro dos. Futuro e presente: narrativas utópicas e distópicas na Literatura Fantástica de Monteiro Lobato, O presidente negro (1926). In: BENTIVOGLIO, Julio; BRITO, Thiago Vieira de. **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editoria Milfontes, 2018.

SOUZA, E. N. F. e. (2008). O modernista Monteiro Lobato. **Signótica**, 15(1), 1–18.

STEFFEN, Lisandra Portela. **Monteiro Lobato: da obra literária à televisão**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Passo Fundo, 2008.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal**: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. São Paulo (1913-1923). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 19. [Livro eletrônico].

Bibliografia Geral:

ADAMS, Mark B. (Ed.). **The Wellborn Science**: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 219.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, J. G. R. de. **O ingrato promotor de Oblivion**: a memória da cidade de Areias acerca de Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ALMEIDA, Rafael Gonçalves de. **Favelas do Rio de Janeiro**: a geografia histórica da invenção de um espaço. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, 2016.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AVELAR, Alexandre de Sá. Traçando destinos: desafios narrativos e éticos da biografia histórica. **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**, v. 177, 2015.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, [s. l.], n.24, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BARBOSA, Rui. A questão social e política no Brasil [online]. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisa Social**, 2010, p. 1.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História** Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos**: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv** 8(1): 607-630, 2010.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O Saneador do Brasil**: Saúde Pública, Política e Integralismo na Trajetória de Belisário Penna (1868-1939). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

CAVALHEIRO, Edgard. Apud D'ONOFRIO, Silvio César Tamaso. **Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 2012, p. 23. [Versão ePUB].

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COUTINHO, S. Galeão. Yankismo de Bugre. **A Gazeta**. São Paulo, Ed. 06.312, 16 fev. 1927.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: volume I. São Paulo: Abril, 2010, p. 138.

DAVENPORT, Charles. **Heredity in relation to Eugenics**. New York: Henry Holt and Company, 1911, p. 14-15

DEWEY, John. O desenvolvimento do pragmatismo americano. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 5, n. 2, 2007.

DIWAN, Pietra. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**: história e historiografia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARACO, Calor Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; SÁ PINTO, Surama Conde. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIGUEIREDO, Julieta Brites. **Em nome da ciência**: a Revista do Brasil e as representações Eugênicas/Higiênicas no período Lobatiano (1918-1925). Tese (Doutorado), UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

FILHO, Maurice'A. *A mais perfeita synthese eugenetica*. **Pequeno Jornal**, Pernambuco, Ed. 00283, p. 1, 15 dez. 1927.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018;

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** - Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOÉS, Weber Lopes. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro**: a proposta de povo em Renato Kehl. São Paulo: Liber Ars, 2018, p. 106.

GODOI, Rodrigo Camargo de. **Um editor no império**: Francisco de Paula Brito (1809-1861). São Paulo: EDUSP, 2016.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2012.

JUNIOR, Ovídio Poli. **A Pena e o Cadafalso**: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: 2009.

KEHL, Renato. **Aparas eugênicas** – Sexo e civilização. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável).

KEHL, Renato. O homem Puro-Sangue: a possibilidade de sua criação. O Choque das raças: por Monteiro Lobato. **Gazeta de Notícias (RJ)**, Rio de Janeiro, ed. A00087, 13 de abril de 1923, p. 2.

KEVLES, Daniel. **In the name of Eugenics: genetics and the uses of Human Heredity**. 4.ed. Cambridge, London: Harvard University Press, 2004.

KIMMELMAN, Barbara. “The American Breeders’ Association: Genetics and Eugenics in an Agricultural Context, 1903-1913”, **Social Studies of Science**, Vol. 13, N. 163, 1983.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. *In*: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita de história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MAI, Lilian Denise; Angerami, Emilia Luigia Saporiti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2006, p. 254.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. N-1 edições, 2018, p. 21 e 36.

MARCHAND, Marie-Helene. Louis Pasteur e a criação do Instituto Pasteur. *In*: LIMA, Nísia Trindade; MARCHAND, Marie-Hélène (org.). **Louis Pasteur & Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

MARTIUS, Karl Friedrich von. Como se deve escrever a história do Brasil. *IN*: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (ORG). **Livro de Fontes da historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. **Topoi**, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 112.

MEMÓRIA GLOBO. **Dicionário da TV Globo**, vol. 1: programa de dramaturgia e entretenimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2003.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

MUKHERJEE, Siddhartha. **O gene**: uma história íntima. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 71.

STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 339.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima (org). **Belle Époque**: a cidade e as experiências da modernidade. Minas Gerais: Relicário, 2019.

PASTEUR, a saúde pública e a pesquisa biomédica no Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade; MARCHAND, Marie-Hélène (org.). **Louis Pasteur & Oswaldo Cruz... Op. cit.**, p. 71.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De Pele Escura e Tinta Preta**: a imprensa Negra do século XIX (1833-1899). Dissertação (Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Centenário do traço**: o humor político de Ângelo Agostini na Revista *Illustrada* (1876-1888). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SALLES, Ricardo. **Nostalgia Imperial**: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Editora Ponteio, 2013.

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. A Amazônia no olhar imperialista: a história ainda pouco explorada no projeto do norte-americano no Matthew Fontaine Maury para a Amazônia na década de 1850. **Revista Canôa do Tempo** (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas UFAM), 2019.

SÁ, Dominichi Miranda de. Miguel Pereira e o Brasil doente. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (org.). **Médicos intérpretes do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015.

SKINNER, Quentin. **Visões da Política**: sobre os métodos históricos. Miraflores: DIFEL, 2005. p. 386.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio, In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, no 44, pp. 425-438 2002.

SILVA, Marcos Virgílio da Silva. A Eugenia e o Ideário Antiurbano no Brasil. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Org.). **Eugenia e História**: ciência, educação e regionalidades. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 126.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; LAJOLO, Marisa. **Reinações de Monteiro Lobato**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Eugenia e Literatura no Brasil**: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949). Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

SOARES, Leonardo. F. Uma delirante confusão fabulística: a literatura infantil 'sacode' a Marquês de Sapucaí. In: **ANAIS DO Colóquio de Estudos em Narrativa III**: As literaturas infantil e juvenil ainda uma vez, 2013, Uberlândia. Anais do Cena - Colóquio de Estudos em Narrativa. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 1.

SOBRINHO, Faria Neves. O Príncipe de Nassau” e “O Choque das Raças”: Paulo Setúbal e Monteiro Lobato. **A Manhã**, Rio de Janeiro, Ed. 00252, p. 3, 19 out. 1926.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)**. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017, p. 265.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 157.

THEOPHILO, Gabriela. Um índio histórico para uma literatura brasileira, dos românticos aos modernistas. *In*: DAHER, Andrea. **Passado presente: usos contemporâneos do “passado colonial” brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

TOMICH, Dale. Apresentação. *In*: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo H. **A segunda escravidão e o Império do Brasil em perspectiva histórica** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria. 2020, p. 15.

VALLEJO, Gustavo. *La hora cero la eugenesia em la Argentina: disputas e ideologias em el surgimento de um campo científico, 1916-1932*. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, ago. 2008.

VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2012.

WATSON, James. **DNA: o segredo da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Os primórdios da genética: De Mendel a Hitler, p. 38.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WELLS, H G. **História Universal**. v. 6. São Paulo: Editora Egéria S.A, 1996, p. 200 *et. seq.*

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1981.